

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI

ANNETH CARDOSO BASÍLIO DA SILVA

***O ENSINO DE ENFERMAGEM NO
PIAUÍ: HISTÓRIA E MEMÓRIA***

TERESINA – PIAUÍ

2009

ANNETH CARDOSO BASÍLIO DA SILVA

O ENSINO DE ENFERMAGEM NO PIAUÍ:

HISTÓRIA E MEMÓRIA

Dissertação apresentada como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí.

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Amparo Borges Ferro

TERESINA – PIAUÍ

2009

ANNETH CARDOSO BASÍLIO DA SILVA

O ENSINO DE ENFERMAGEM NO PIAUÍ: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

APROVADA EM: _____ de _____ de 2009

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – Orientadora
Universidade Federal do Piauí– UFPI

Prof^ª. Dra. Benevina Maria Vilar Teixeira Nunes
Universidade Federal do Piauí- UFPI

Prof^ª Dra. Bárbara Maria Macedo Mendes
Universidade Federal do Piauí – UFPI

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – A ORIGEM E ESTRUTURAÇÃO DO ENSINO DE ENFERMAGEM: HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	13
1.1. Relevância acerca da história e memória na evolução da profissão e no ensino de Enfermagem.....	13
1.2 As origens do cuidado humano, os cuidados assistenciais e a prática religiosa.....	17
1.3 O desenvolvimento histórico da profissão e a evolução do ensino de enfermagem	21
1.4 O ensino de enfermagem no Brasil.....	25
CAPÍTULO II-ENFERMEIRAS PIAUIENSES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O ENSINO DE ENFERMAGEM: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS	35
2.1 A escolha pela profissão	35
2.2 Profissionais piauienses: expoentes no Estado	48
CAPÍTULO III- HISTÓRIA E MEMÓRIA DO ENSINO DE ENFERMAGEM NO PIAUÍ.....	56
3.1 Educação e saúde no Piauí	56
3.2 A memória como sustentáculo na história da evolução da profissão de enfermagem no Piauí.....	59
3.3 Escolas de Enfermagem no Piauí: Marcos no ensino de nível médio.....	71
3.3.1 Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot: semente que estruturou as raízes do ensino de enfermagem no Piauí.....	71

3.3.1.1 As irmãs vicentinas no HGV	71
3.3.1.2 Fundação e Organização da Escola Maria Antoinette Blanchot	73
3.3.1.3 Primeiras professoras Enfermeiras da Escola de Enfermagem Antoinette Blanchot	74
3.3.1.4 Estrutura organizacional da Escola.....	80
3.3.15. A transformação da Escola de auxiliar de Enfermagem para Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot.	93
3.3.16. Acervo de livros e disciplinas cursadas no curso técnico de Enfermagem	96
3.3.1.7 Estrutura administrativa da Escola	97
3.3.2 Escola São Camilo: Um ideal de vida destinado ao Ensino de Enfermagem	104
3.3.2.1 O planejamento, inauguração e trajetória inauguração da Escola São Camilo	103
3.3.2.2 Nova sede e novos desafios.....	112

CAPÍTULO IV-O CURSO DE ENFERMAGEM NA UNIVERSIDADE

FEDERAL DO PIAUÍ :A HISTÓRIA, MEMÓRIA E DOCÊNCIA	117
4. Retrospectiva Histórica da criação do curso de Enfermagem na UFPI.....	117
4.1 A escolha pela profissão de Enfermagem.....	119
4.2 Enfermeiras dinâmicas: Professoras plurais	123
4.3 A primeira turma de Enfermagem da UFPI : Uma história de coragem, força, competência e dinamismo.....	129
4.4 A Contribuição dos Enfermeiros professores na área assistencial	132
4.5 Diretrizes curriculares Nacionais no curso de graduação em Enfermagem: Um direcionamento interdisciplinar	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS	147
APÊNDICE	158

RESUMO

Esta dissertação apresenta resultados de pesquisa realizada com o objetivo de reconstituição e preservação da história e da memória do Ensino de Enfermagem no Piauí. O marco inicial corresponde ao início formal do ensino de Enfermagem no Estado, que se deu com a inauguração da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot, em Junho de 1958 e o terminal, com a Resolução do Conselho Nacional de Educação Nº 3 de 7 de Novembro de 2001 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem às quais definem os princípios, os fundamentos, as condições e os procedimentos de formação de Enfermeiros. É um trabalho historiográfico de caráter exploratório e está fundamentado teórico-metodologicamente na História da Enfermagem, em obras como Geovanini (2005), Lima (2006), Oguisso (2005), Teixeira (2006), Fontinele (2002), Waldow (2004), Soares (2007), em autores como Jacques Le Goff (2003), Peter Burke (1991 / 2004), Maurice Halbwachs (1990), Paul Thompson (1992), Michel de Certeau (2003), Bom Meihy (1996) e Souza (2000), assim como na produção de diversos historiadores brasileiros e piauienses. Somadas às fontes bibliográficas, foram utilizadas fontes documentais e iconográficas, oficiais e não oficiais, localizadas nos arquivos públicos e particulares, além de depoimentos orais, coletados por meio de entrevistas semi estruturadas. Pode-se extrair deste trabalho que os avanços e retrocessos foram características básicas no processo de ensino de Enfermagem no Piauí, pois a implantação do ensino formal ocorreu tardiamente tendo que enfrentar desafios que impediram seu progresso e muitas vezes ocasionando o seu declínio. Tornou possível a identificação e a contribuição de Enfermeiras Piauienses pioneiras na evolução deste processo de ensino e aprendizagem da profissão, assim como a análise histórica da instalação, estruturação e aperfeiçoamento do ensino médio e superior de Enfermagem no Estado.

Palavras-chave: Educação. Enfermagem. História. Memória.

ABSTRACT

This composition is resulted of research carried with the objective the reconstitucion and preservation of history and memory of the teaching nursing in Piauí . The initial landmark correspond to the beginning formal of learning nursing in the state, the happened with the inauguration of auxiliary school nursing Maria Antoinette Blanchot, in june ,1958 and ending with National Council of Education number 3, november 7, 2001 that institute the directive Curricular National of Graduation course nursing . It is a historical exploration work with emphasize the significance of nursing memory and history approach in Geovanini (2005), Oguisso (2005), Teixeira (2006), Waldow(2004), Soares (2007) e based theoretical methodological authors asJacques le Goff (2003), Roger Chartier (1990), Paul Thampson (1992), Michel de Certeau (2003), and other, beyond of the production of Several Brazilian and Piauienses. Added the bibliographical sources, were used documentary and iconographical, official and not official in the public and particularly achieves beyond verbal depositions, collected by means of interviews not structuralized. the historic perspective and the memory of the assistance and of the teaching nursing in Brazil, indentify and analyze the contribution of Piauienses nurses pioneer at evolution of process teaching and learning, so that the reason and consequence at process historical level and professional at teaching nursing Piauiense and others objectives fixed characterize the installation, organization and development at graduation course nursing of the Institution of system Superior and teaching middle .

Password: Education, Nursing, History. Memory.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O ENSINO DE ENFERMAGEM NO PIAUÍ: HISTÓRIA E MEMÓRIA

ANNETH CARDOSO BASÍLIO DA SILVA

Teresina

2009

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capítulo I

Figura 01	Turma pioneira da Escola de Enfermagem Anna Néri.....	31
-----------	---	----

Capítulo II

Figura 02	Turma de Enfermagem da Escola Carlos Chagas em Belo Horizonte em 1956 -42	
Figura 03	Turma de Enfermagem da Escola Carlos Chagas em 1956.....	43
Figura 04	Diploma do curso de enfermagem de enfermeira piauiense	45
Figura 05	Formatura de Enfermagem da Escola Carlos Chagas em 1958.....	47
Figura 06	Enfermeira Carlota Lina recebendo o seu diploma de enfermagem em 1960... 50	
Figura 07	Enfermeiras piauienses em Congresso Brasileiro de Enfermagem.....	51
Figura 08	Enfermeira piauiense Ligia Almendra em frente à Escola Anna Néri	53
Figura 09	Formatura de Enfermagem da escola Anna Néri em 1973.....	55

Capítulo III

Figura 10	Hospital Getúlio Vargas construído e inaugurado na década de 60.....	64
Figura 11	Declaração emitida pela Irmã Abrahide Alvarenga na década de 60.....	76
Figura 12	Enfermeira Maria dos Aflitos Miranda em sua formatura em 1958.....	77
Figura 13	Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinnete Blanchot na década de 60.....	81
Figura 14	Sala de aula da Escola Blanchot em Teresina	84
Figura 15	Sala de aula de Enfermagem da Escola Blanchot	86
Figura 16	Aluna da Escola e Enfermagem Blanchot em sua formatura.....	88
Figura 17	Aluna de enfermagem da Escola Irmã Maria Antoinnete Blanchot.....	89
Figura 18	Laboratório de aulas práticas de enfermagem da escola Blanchot.....	91
Figura 19	Biblioteca da Escola Blanchot“ Maria Otávia Poti”.....	93
Figura 20	Diretoria da Escola reunida com os professores de enfermagem.....	96
Figura 21	Encontros pedagógicos da Escola Irmã Maria Antoinnete Blanchot.....	100
Figura 22	Sede inicial da Escola de Enfermagem São Camilo inaugurada em 1992.....	104
Figura 23	Laboratório de aulas práticas de enfermagem da Escola São Camilo.....	107
Figura 24	Sala de aulas teóricas da escola.....	108
Figura 25	Enfermeira Francisca Leal.....	109

Figura 26	Formatura da primeira turma de enfermagem da Escola São Camilo	111
Figura 27	Diretora da Escola São Camilo na nova sede da Escola.....	112
Figura 28	Biblioteca atual da Escola São Camilo.....	113
Figura 29	Laboratório da atual sede.....	114
Figura 30	Laboratório de práticas de enfermagem da Escola São Camilo.....	115
Figura 31	Turma de enfermagem com professora da Escola	116

Capítulo IV

Figura 32	Enfermeira e professora da UFPI Ana Maria Santos.....	121
Figura 33	Enfermeira e professora Judite Albuquerque.....	127
Figura 34	Espaço destinado à organização das placas de formatura de Enfermagem.....	140
Figura 35	Placa de formatura de enfermagem de 2003.....	140
Figura 36	Placa de formatura dos formandos de 1995.....	141
Figura 37	Departamento de enfermagem da Universidade Federal do Piauí	142
Figura 38	Professora de enfermagem Maria Livramento Figueiredo	144

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Ivonete e Armando, pela fortaleza dos laços imensuráveis da maternidade e paternidade, pela sabedoria infinita no traçar de caminhos que são envoltórios de proteção, dedicação, exemplo de vida e alma humana. Pela docilidade ao acompanhar o crescimento e desenvolvimento de um ser que precisará ultrapassar os portais da irrefutável presença das conquistas, das lágrimas e sorrisos e da persistência constante no acreditar;

Aos meus filhos, Pablo Enrico e Jairo Daniel, sementes abençoadas por Deus, enraizadas em minha vida que me fizeram acreditar na possibilidade da força e plenitude da alma humana;

Aos verdadeiros amigos, entrelaçados à minha alma com sinceridade, por laços consangüíneos ou não, com os quais participo de etapas divinas e essenciais de crescimento e aperfeiçoamento existencial, por acreditarem e dividirem comigo a felicidade desta conquista.

A todos os que contribuíram para a existência desta história.

AGRADECIMENTOS

Após grande percurso realizado no sentido de busca e análise de questões que me permitissem uma propositura de reconstituição e preservação da História e Memória da minha profissão, parece-me que chegou o dia da realização do sonho... Importante ressaltar antes de agradecer um pouco de História.

Lembro-me do memorial que tivemos que escrever em uma das disciplinas inesquecíveis que fizeram parte da matriz curricular do Mestrado em Educação, quando descrevemos algo sobre os nossos ideais e histórias de vida e o porquê da escolha profissional. Lembro-me de um momento crucial em que percebi a existência entre a vida e a morte. Visitava um parente no Hospital Getúlio Vargas e vi um homem de mais ou menos quarenta anos, pálido, gemente, saindo de dentro de um carro em frente ao Pronto Socorro do HGV. Visualizei por instantes um aglomeramento e alguns profissionais de branco que foram ajudá-lo. Lembro-me que um deles disse: é um infarto. Precisamos reanimá-lo. Preocupada, mas mais por curiosidade acompanhei “a equipe” sem saber que isso mudaria completamente a minha vida... Consegui ver alguns procedimentos dessa famosa reanimação. Muitos aparelhos, monitores, respiradores, tubos, sondas, acessos venosos, medicações e ... o senhor sobreviveu. Isso tornou-me uma pessoa melhor. Tranqüilizou o meu processo de dúvida em seqüência sobre o que eu queria realmente. Maravilhosa sensação a do encontro. Necessária ao acalento da alma humana, e talvez, o sentido dos segundos e a sua importância. Adentrei na Universidade Federal do Piauí em 1988, para o curso de Enfermagem.

A profissão de Enfermagem proporciona, face à necessária e criteriosa observação no sistema de relações resultantes dos aspectos multidisciplinares, um vôo sobre atividades que podem ser criadoras, diferentes, únicas, persistentes, participativas e efetivas. A sua inserção no processo histórico entoa sons inaudíveis, algo que melodiará brilhantemente o seu contexto e que precisariam ser devidamente escutados, tornando essencial uma periodização que realmente caracterize a prática de cuidados assistenciais de Enfermagem através do tempo.

No cenário da história, como evidencia Saviani (1996), temos os atores e os autores como em uma peça teatral, o autor da peça não aparece, luta silenciosamente pela sua permanência, pois a obra é sua. Os atores, entretanto, brilham e são enaltecidos pelos expectadores e são cultivados como ídolos e os autores ficam apenas ocultos nos bastidores. Assim, observamos muitos autores na prática do cuidar que não foram iluminados por séculos

de existência e que ergueram historicamente essa ação cuidadora, os atores estão em todas as páginas, mas também os autores fizeram a história.

Ainda posso sentir a emoção da aprovação no mestrado. Respeitáveis lágrimas. Ainda consigo visualizar os meus passos de luta percorrendo as árduas etapas do processo de seleção. Consegui transpor a profunda intensidade dessas etapas e considero-me, de certa forma, vitoriosa, pois as difíceis leituras de preparação para o mestrado foram construtivas, mas totalmente diferentes do que eu estava acostumada a estudar.

Não esqueci em nenhum momento as vozes que me eram destinadas todas as noites em que fui embalada pelas disciplinas obrigatórias.

Perdi sono e ganhei sonhos. Adentrei em um maravilhoso e admirável novo mundo para mim, até então, desconhecido. Aprendi que desconstruir significa re- edificar, fazer ressonâncias, estabelecer contatos, abrir caminhos, acender as luzes verdadeiras do saber. Analisei sobre as verdades, os seus aspectos valorativos, eventuais, destrutivos, percebi o tempo com seus cavalos de aço, à procura de adequações. Cresci e nesse crescimento elevei dentro de mim conceitos, valores, uma cultura refreada e aperfeiçoada por séculos de existência. Reconstitui a alça dos meus limites e visualizei a possibilidade de questionar, de dizer não, de tentar articular com o mundo, outras experiências.

Desejo a todos essa experiência gratificante, esse sentir-se capaz de escrever sobre algo e de dizer algo, por que aprendeu, por que ensinou, por que realizou dentro de si mesmo novas correlações e interpretações de novos significados.

Por essas lentes, por essa nova visão, estabeleço uma relação com um portal. Um portal descoberto por essa introdução nesse mundo anteriormente desconhecido. As chaves antes inexistentes precisam e necessitam de um porta – chaves que encontrou lugar em minha alma e em meu coração.

Então, os agradecimentos que deveriam ter sido colocados no início, não o foram pela impossibilidade, de saber qual a certeza do início e qual o fim, e sim pela certeza de continuidade que têm os mestrados que realmente encontraram as suas portas de entrada nos mundos de pesquisas. Os meus agradecimentos alçam vôo pois alcançam os que participaram do meu passado, os que estão vivenciando o meu presente, e aos que, no futuro, se possível, possam entender a paixão que nós, com verdadeiros nós, traçamos as diretrizes da história.

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento histórico da Enfermagem, além de elucidar e esclarecer os aspectos evolutivos, fornece condições para a compreensão do significado da sua cultura. A elucidação de fatos históricos ilumina e oportuniza o entendimento de lacunas e pontos obscuros que são evidenciados ao longo do tempo possibilitando análises e reflexões acerca da memória e do ensino da Enfermagem piauiense. A História não acontece apenas quando são observadas grandes experiências que trazem conseqüências para o crescimento e aperfeiçoamento ou então, para a involução da humanidade, mas também quando perpassa as realidades daqueles que construíram, edificaram, perderam, lutaram e que vivenciaram o passado ou ainda permanecem entre nós, silenciando ou aduzindo importância aos fatos. Na realidade, para que História?

Os historiadores têm uma função determinante de retornar ao passado e analisar fatos, estabelecer correlações, identificar paradoxos pois “Não só ao poeta, mas também a historiadores incumbem recuperar lágrimas e risos, desilusões e esperanças, fracassos e vitórias, fruto de como os sujeitos viveram e pensaram sua própria existência”(VIEIRA;PEIXOTO;KHOURY,1989, p.12)

A história é uma ciência em contínua construção edificando os fatos históricos no tempo e oportunizando transformações na existência humana, tendo como sustentáculo o princípio das mudanças.

A construção de uma ciência (das) sociedades (humanas) que seja ao mesmo tempo coerente, graças a um esquema teórico sólido, e comum, total, capaz de não deixar fora de sua jurisdição qualquer campo de análise útil, dinâmica, pois na medida em que nenhuma estabilidade é eterna, nada mais útil de descobrir que o princípio das mudanças. (WARDE, 2000, p. 147-148)

Esta dissertação é um estudo de natureza histórica que tem como propositura a reconstituição e a preservação da história e da memória do Ensino de Enfermagem no Piauí. O marco inicial corresponde ao início formal do ensino de Enfermagem no Estado, que se deu

com a inauguração da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot, em Junho de 1958 e o terminal, com a Resolução do Conselho Nacional de Educação N° 3 de 7 de Novembro de 2001 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem¹ as quais definem os princípios, os fundamentos, as condições e os procedimentos de formação de Enfermeiros, assim como a aplicação em âmbito nacional com a organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em Enfermagem das Instituições do Sistema de Ensino Superior.

O cuidado aos doentes originou-se no lar, com a mãe de família, primordialmente cuidadora, ou em domicílios com grupos formados muitas vezes por escravos, definindo a ausência de pessoas aptas que se dispusessem a realizá-lo. A presença do gênero feminino, desde o início, acentua a caracterização histórica da feminização² na prática e na assistência do cuidar.

A busca da reconstituição e preservação da história e memória do ensino de Enfermagem no Piauí é determinante para a descoberta e a análise de informações acerca da evolução e do aperfeiçoamento deste ensino. Torna-se tão fundamental quanto importante a contribuição dos precursores desta história, a descrição desta para o ensino de Enfermagem, assim como os direcionamentos e as condições de desenvoltura deste ensino, além de fomentar reflexões para a observação criteriosa dos fatos que ocorreram no passado, pois:

Pela força da paixão vão (os historiadores) se imiscuindo nas fendas da história e, concomitantemente, enchendo santuários e templos nos quais sobrevivem os diversos ícones subterrâneos. Os historiadores anônimos que campeiam nas frestas imperceptíveis das velhas janelas do tempo trafegam no seu silêncio deslocado. Com as próprias mãos catam os acontecimentos (VASCONCELOS, 2001, p.8)

Assim, ao definirmos a problemática deste estudo buscamos identificar informações que revelem e acrescentem dados sobre a evolução local da história e do ensino de Enfermagem, a contribuição de Enfermeiras Piauienses pioneiras na evolução deste

¹ As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Enfermagem definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de enfermeiros para a aplicação em âmbito nacional na organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos cursos de Graduação em Enfermagem das Instituições do Sistema de Ensino Superior

² As únicas referências concernentes à época em questão, quando as práticas de saúde eram instintivas nas formas de prestação de sua assistência, estão relacionadas com a prática domiciliar de partos e atuação pouco clara de mulheres de classe social elevada que dividiam as atividades dos templos com os sacerdotes, enfatizando a presença do gênero feminino.

processo de ensino e aprendizagem da profissão, descrever e analisar a instalação, estruturação e aperfeiçoamento do ensino médio e superior de Enfermagem no Estado, assim como identificar os aspectos interdisciplinares mais importantes construídos e contextualizados na evolução sócio-histórico do ensino de Enfermagem no Piauí.

Tais questões são necessárias e pertinentes haja vista a atuação da Enfermagem moderna³ realizar-se como um “processo ou um sistema”, no qual são utilizados métodos, normas e procedimentos⁴ específicos, organizados e fundamentados, que visam conhecer e atender às necessidades básicas afetadas da pessoa humana, por isso, torna-se importante avaliar as conseqüências que esta evolução profissional determinou no desenvolvimento e aperfeiçoamento no ensino dos cursos de Enfermagem no Estado do Piauí.

Como objetivo geral deste estudo visamos a reconstituição e a preservação da história e memória da evolução do ensino da Enfermagem Piauiense desde o seu início formal que se deu com a inauguração da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot, em Junho de 1958 à Resolução do Conselho Nacional de Educação Nº 3 de 7 de Novembro de 2001.

Como objetivos específicos, buscamos compreender e analisar a perspectiva histórica e a memória da assistência e do ensino de Enfermagem no Brasil, identificar a contribuição de Enfermeiras Piauienses na evolução deste ensino, descrever a instalação, organização e a desenvoltura da primeira Escola de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot e da Escola São Camilo que foram marcos no ensino médio para a formação de auxiliares e técnicos de Enfermagem do Estado e analisar o desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino de Enfermagem na Universidade Federal do Piauí (UFPI), desde a sua inserção, em 1973, à instituição da Resolução do Conselho Nacional de Educação Nº 3 de 7 de Novembro de 2001.

³ Segundo HORTA (1979) foi com o processo de Enfermagem que a profissão atingiu a sua maioria, pois a autonomia profissional só será adquirida no momento em que toda a classe passar a utilizar a metodologia científica em suas ações, o que somente será alcançado pela aplicação sistemática do processo de Enfermagem. O processo de Enfermagem é a dinâmica das ações sistematizadas e inter-relacionadas, visando à assistência ao ser humano.

⁴ A Enfermagem é uma atividade humana que acumulou conhecimentos empíricos do ponto de vista histórico e de maneira crescente envolve teorias relacionadas entre si e referentes ao universo natural. A Enfermagem aborda não apenas o indivíduo, mas a sua família e a comunidade.

Importante analisarmos a perspectiva macroscópica da evolução do ensino de Enfermagem, que é caracterizada como uma visão generalizada deste, sem a observância necessária dos detalhes, direcionando a ênfase à condução da perspectiva microscópica, objetivando a importância das correlações, interpretações e novos olhares que complementam a interdisciplinaridade que envolve a profissão. Nagle (1998) em sua obra “A trajetória da Pesquisa em História da Educação no Brasil”, enfatiza que:

Instrumentos intelectuais recolocam em outras perspectivas o que vem sendo denominado de análise macroscópica. Na realidade, deixa de lado a idéia de que o “macro” é o que exclusivamente importa, até porque o “micro” não deve ser a questão para os grandes intelectuais. Apesar de nossas profissões de fé, não conseguimos, ainda, entender que o “pequeno”(“o micro”)carrega consigo e garante efetividade às determinações do “grande” (“macro”). Assim sendo, não há razão para desprezar nada que importa para aprofundar ou para verificar o que está ocorrendo no processo educativo. (NAGLE, p.115-116)

A perspectiva microscópica é atualmente utilizada como uma forma de visualização de detalhes na evolução e aperfeiçoamento do ensino, sem deixar de caracterizar a importância da análise macroscópica.

É um estudo enfatizado na Nova História Cultural em autores como Jacques Le Goff (1995 /2003), Peter Burke ((1991/ 1992 / 2004) e Michel de Certeau (2000/2002). A base epistemológica dos estudos de memória e história oral está ancorada em Maurice Halbwachs(1990), Paul Thompson (1992), Bom Meihy (1996/ 1998) e Souza (2000). A História da Enfermagem tomou por base as obras como Geovanini (2005), Lima (2006), Oguisso (2005), Teixeira (2006), Fontinele (2002), Waldow(2004), Soares (2007). Utilizamos também os escritores clássicos da História da Educação Brasileira como Azevedo (1996), Nagle(1974/1998), Saviani(2000/ 2005) assim como as produções historiográficas locais de autores como Chaves (1998/ 2003), Ferro(1996 / 1999 / 2000), Ramos(2003), Nogueira (1996),Nunes(1998/ 2004), Castelo Branco(1996).

Ao realizarmos a pesquisa, utilizamos fontes primárias e secundárias, através da busca e análise de registros, atas, anais, regulamentos, circulares, leis, normas, pareceres, ofícios, memorandos, comunicações informais, cartas pessoais, artigos, dissertações, teses e livros que abordam a história da Enfermagem.

Convém enfatizarmos que, quanto às fontes, Certeau(2000,p.83) aborda a subjetividade dos detalhes quando cita que “Não se trata de fazer falar imensos setores adormecidos da documentação e dar voz a um silêncio ou efetividade a um possível. Significa transformar alguma coisa,(...) em alguma outra coisa que funcione diferentemente”. Portanto,

as fontes hemerográficas e iconográficas⁵ foram também imprescindíveis nesta incansável busca. Iniciando o trabalho das fontes, encontramos alguns livros que disponibilizaram dados sobre a evolução da história de Enfermagem fora do Brasil, o seu início e estruturação no país, assim como algumas outras obras que abordaram a história de Enfermagem no Estado do Piauí. No Arquivo Público do Estado do Piauí e no Conselho de Educação deste Estado obtivemos acesso a alguns documentos sobre as Escolas de Enfermagem de nível médio que iniciaram a estruturação formal do ensino da Enfermagem Piauiense.

O trabalho tem fundamentação na história oral, pois alguns fatos relativamente contemporâneos podem ser elucidados por personagens ainda presentes em nosso convívio. Os entrevistados colaboradores quando ensinam a construção de suas histórias de vida o fazem com liberdade, e às vezes, não se prendem à organização cronológica.

Quando recorremos à história oral não significa a ruptura com o uso de fontes documentais, mas a sua complementação. Para aperfeiçoamento deste trabalho utilizamos como recurso metodológico as fontes orais obtendo informações junto a uma amostra de colaboradores entre professores e alunos das Escolas de Enfermagem e nível médio e Universidade Federal do Piauí(UFPI), assim como diretores de Escolas e Profissionais de Enfermagem que contribuíram para a evolução histórico- social da Enfermagem Piauiense .

Bom Meíhy (1998) afirma que a história oral veio servir aos anônimos como abrigo de suas vozes, dando sentido às suas experiências vividas, fazendo com que estes se sintam sujeitos sociais, legítimos fazedores de História. A história oral,então,nasceu como uma possibilidade de dar voz àqueles que calaram e ao historiador cabe enfatizar tais aspectos , ressaltando fatos que foram esquecidos e detalhes importantes, que devem permanecer para que a humanidade tenha acesso a informações que não podem ser esquecidas ao longo do tempo.

Souza (2000, p.87) relata que: “Apenas o historiador terá o dom de atizar a centelha de esperança no passado, firmemente convencido de que nem os mortos estarão a salvo do inimigo,ou seja , do esquecimento, caso ele consiga realmente, vencer.”

Na pesquisa histórica, a investigação e a análise de documentos e de outras fontes de dados, comportamentos ou eventos que ocorreram no passado, determinam a influência da

⁵ VASCONCELOS (2001, p. 9) ao analisar a essência e importância da análise das fontes enfatiza que “No instante da fotografia, o presente é capturado na sua intensidade e, concomitantemente, faz a eternidade fluir com a intensidade do instante. O presente passado é reencontrado na fotografia.”

história nas práticas atuais. Atualmente, a ênfase é dada mais na interpretação do que no próprio relato. A pesquisa historiográfica, segundo Reis(1998, p. 38) possibilita ao historiador “vencer o esquecimento, preencher o silêncio, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo”.

No decorrer da pesquisa, as fotografias foram essenciais como instrumentos da memória, pois de certa forma capturam a imagem daquele instante que atualmente é passado mas desencadeia em quem as visualizam memórias até então esquecidas, elucidando e contribuindo para a reconstituição de fatos e acontecimentos importantes.

No método utilizado realizamos entrevistas semi-estruturadas e orientamos os entrevistados sobre os aspectos relacionados aos objetivos da pesquisa e da concordância em participar ou não da mesma, conforme os princípios da resolução 196\96 do Conselho Nacional de Saúde, relativos à pesquisa com seres humanos.

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. Na introdução do trabalho, apresentamos a importância da realização do estudo e a relevância de sua escolha, os objetivos e o sustentáculo metodológico utilizado. No primeiro capítulo realizamos uma retrospectiva histórica da profissão de Enfermagem, descrevemos a evolução das suas práticas assistenciais, assim como a estruturação e aperfeiçoamento do ensino da profissão, enfatizando os aspectos histórico-sociais, as origens e a trajetória do cuidado humano, a transmissão destes cuidados e o seu vínculo com o caráter religioso relatando a trajetória da profissão de Enfermagem no Brasil.

No segundo capítulo tratamos da identificação e análise da contribuição de Enfermeiras Piauienses pioneiras na evolução do processo de ensino e aprendizagem, assim como das causas e conseqüências do processo de feminização no âmbito histórico e profissional do ensino de Enfermagem no Estado do Piauí. No terceiro capítulo relatamos e discutimos a instalação, estruturação e aperfeiçoamento do ensino médio de Enfermagem com a criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot e da Escola São Camilo que são consideradas marcos no desenvolvimento do ensino de Enfermagem no Estado.

No quarto capítulo apresentamos uma análise do desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino de Enfermagem na UFPI, desde a sua inserção, em 1973, à instituição da Resolução do Conselho Nacional de Educação Nº 3, de 7 de Novembro de 2001.

CAPÍTULO I

1 A ORIGEM E ESTRUTURAÇÃO DO ENSINO DE ENFERMAGEM: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Neste capítulo apresentamos uma retrospectiva histórica da profissão de Enfermagem, descrevemos a evolução das suas práticas assistenciais , assim como a estruturação e aperfeiçoamento do seu ensino, enfatizando os aspectos histórico-sociais, as origens e a trajetória do cuidado humano, a transmissão destes cuidados e o seu vínculo com o caráter religioso, abordando também o crescimento e a evolução da profissão de Enfermagem no Brasil.

1.1 Relevância acerca da história e memória na evolução da profissão e no ensino de Enfermagem

O processo de evolução da assistência e do ensino de Enfermagem , assim como a sua estruturação, caracteriza a essência e a relevância desta profissão. A desenvoltura das práticas de saúde encontra-se articulada aos aspectos sociais dos diferentes lugares em épocas diversas. A época pode ser determinante na forma de ensino e no desenvolvimento de atividades, assim como no repassar de informações que são modificadas a cada interpretação, pois a linguagem associada à existência humana modifica-se no decorrer do tempo.

Existem várias dimensões sobre as quais podemos refletir sobre a produção do conhecimento relacionado à história e memória, para que possamos questionar e intervir, analisar e interpretar sobre esta evolução de cuidados e a progressão destes ensinamentos... O porquê de pesquisarmos, o que, realmente, objetivamos, e qual a finalidade de sermos historiadores. Soares (2008, p.18) afirma que “há poucos anos é que os historiadores da educação foram incorporando a idéia de que a história se faz a partir de qualquer traço deixado pela sociedade e que os dados oficiais são insuficientes para compreender o passado”.

Para que escrevermos e reescrevermos a história? Qual o sentido ávido pela busca dos acontecimentos, das lacunas, das lacunas e vozes oriundas de um passado ainda não descoberto?

O movimento dos Annales exerceu significativa influência sobre a produção do conhecimento histórico e um dos tópicos mais abordados foi a propositura da interdisciplinaridade.

A integração e a análise de diversas disciplinas oportunizam uma aliança entre estas e várias formas de olhar sobre a história. As práticas de saúde cresceram com a influência de doutrinas e dogmas religiosos, pois assim como é enfatizado por Geovanini (2005, p.5) “Do Paganismo ao budismo, passando pelo Judaísmo e pelo Islamismo, até o cristianismo, todas marcaram a sua trajetória de maneira contundente” .

As interferências de fenômenos sociais, econômicos, políticos e religiosos, a evolução humana, suas ações e reações recíprocas, a determinação dos acontecimentos sobre os homens, assim como a complexidade do caráter evolutivo evidenciam quão importantes são as buscas de detalhes, materiais indispensáveis, fragmentários, mas indubitavelmente, instrutivos para a elucidação de fatos que demarcaram as fases de nossa evolução histórica e cultural. Algumas considerações acerca do passado relatam também a importância dos seus acontecimentos para a construção do futuro.

Apesar de muito vivo o espírito de meu tempo, a devoção para com o passado e a sensibilidade ao encanto que se aspira de idades antigas, nunca sobrepujaram, nas minhas preocupações, o interesse pelo presente, a atração pela ciência e pela técnica e o desejo de contribuir, em amplas reformas, para a edificação do futuro. (AZEVEDO, 1996, p. 12)

A importância do presente e a preocupação com o futuro não descaracteriza a necessidade de visualização do passado com um olhar ávido por detalhes, refletindo criticamente e analisando acerca das experiências históricas e estabelecendo um modo para que as temáticas relacionadas ao tempo, à evolução, à exclusão, à dominação econômica, as omissões e violações de direitos não sejam esquecidas e permaneçam sempre vivas na memória. O autor acima citado aduz que para isso “um historiador de espírito crítico e também artista que tivesse o segredo de meios – tons e das tintas fortes... em que se refletem as situações históricas e reais, irredutíveis a formas sistemáticas” (p.14) seria necessário.

O tempo detém uma manifestação silenciosa, mas também estimuladora no que se relaciona à abertura de caminhos, encontros e descobertas, assim como fecha cortinas para

detalhes importantes que se perdem no passado. Vasconcelos (2001, p.7) caracteriza o tempo como “cíclico, mnemônico, comemorativo, instantâneo, coercitivo ou voraz e analisa que são múltiplos os tempos que participam do Tempo e múltiplas as histórias que participam da História”. O autor aduz ainda que “a memória exalta e destaca elementos-chaves que se expressam na oralidade e que marcam pontos que se fixam em volumes de lembranças prontas para emergir dos escaninhos mais profundos da alma”.

Inúmeros questionamentos nos levam à percepção de que a essência, a busca, a memória, a interpretação direcionam e enfatizam a história dependendo da época e este perceber enseja a necessidade desta construção, pois são tijolos que esperam por sustentáculos oriundos de um cimento diferenciado, pela necessidade de construir verdadeiramente, através dos enlaces da memória, as estruturas da história.

Nunes (2003) referindo-se às práticas e representações da memória realiza uma reflexão sobre a cultura do esquecimento e questiona acerca “do que significa abrir mão da memória e de como elaborar uma justificativa para as nossas vidas no domínio do movediço, do impreciso e da velocidade do mundo contemporâneo”.

As memórias são experiências vividas anteriormente, quando buscamos quem somos e o que fizemos, são componentes que fazem parte de nosso passado. Quando a encontramos, somos capazes de articulá-las à história de vida.

As memórias que temos do trabalho que nos dedicamos, das nossas reminiscências da infância, da escola em que estudamos, de todas as práticas vividas, enfim, têm uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente. A sociedade determina em boa medida como devemos desempenhar as nossas funções e com que categoria pensá-las, o que vale tanto para o indivíduo como para a coletividade. (NUNES, p.9 - 11)

Os vínculos que os enlaces com o passado apregoam para o futuro, precisam ser interpretados dependendo do momento histórico, quando percebemos valiosas e imprescindíveis contribuições para a construção desta história. A Enfermagem em sua trajetória histórica sofreu várias influências e tais transformações modificaram o seu perfil.

Do ato instintivo do cuidado à Institucionalização, esta realizada por Nightingale⁶, na Inglaterra, no século XIX, e no Brasil, no início do século XX, a profissão de Enfermagem

⁶ Florence Nightingale foi fundadora da moderna educação de Enfermagem, nascida em 12 de maio de 1820, em Florença, na Itália e falecida em 13 de agosto de 1910 com 90 anos de idade. Dotada de inteligência

caracterizou-se por inúmeras mudanças, principalmente, quando a assistência foi planejada, organizada e sistematizada, originando a Enfermagem Moderna. Importante e necessária, portanto, é a reconstrução histórica através de uma análise criteriosa de fatos que propiciaram a fundamentação desta profissão e as origens do seu ensino.

A memória passa a ter uma função essencial nesta reconstituição. Confessando que viveu a sua história, o poeta e escritor Neruda (1968) enfatiza quão significativas são as memórias e os detalhes inseridos nas mesmas assim como a importância do sentimento e da percepção ao escrevê-las e assim perpetuá-las:

Estas memórias ou lembranças são intermitentes e por momentos, me escapam por que a vida é exatamente assim. A intermitência do sonho nos permite suportar os dias de trabalho. Muitas de minhas lembranças se toldaram, viraram pó, como um cristal irremediavelmente ferido. As memórias do memorialista não são as memórias do poeta. Aquele, viveu talvez menos, fotografou muito mais e nos diverte com a perfeição dos detalhes; este, nos entrega uma galeria de fantasmas sacudidos pelo fogo e a sombra de sua época. Talvez não tenha vivido em mim mesmo, talvez tenha vivido a vida dos outros. Do que deixei escrito nestas páginas se desprenderam sempre- como nos arvoredos de outono e como nos tempos das vinhas – as folhas amarelas que vão morrer e as uvas que reviveram no vinho sagrado. Minha vida é uma vida feita de todas as vidas: as vidas do poeta. (NERUDA, p.5)

As lembranças são componentes essenciais na construção histórica, quando há a quebra e a fragmentação das mesmas a história é entrecortada, pois o esquecimento faz com que a transparência da mesma não seja vislumbrada.

Os aprendizes dos historiadores trabalham com o concreto e com o abstrato, com o único e com o múltiplo, com o individual e coletivo, pois não se pode construir uma narrativa sem cor, sem sabor, sem cheiro. É preciso lembrar que há algo nos sons, nas cores, no calor, no frio... (NASCIMENTO, 2008, p. 15)

Os questionamentos, as críticas, as interpretações, aos quais, se dedica um historiador correlacionam-se em analogia, ao aperfeiçoamento da arte das pinturas de um artista. As luzes, os tons, as sombras colaboram para as interpretações, os diferentes olhares sobre a forma e as cores, em um entrelace contínuo na formação de imagens, eventos, pinturas e telas que direcionam a detalhes minuciosos a serem traçados na arte e na escrita de história. Apesar do árduo, mas iluminado prazer da espera, os escritos são aguardados assim como as telas por todos aqueles que, verdadeiramente, têm a acrescentar com os seus dons e tons à história da humanidade.

incomum, tenacidade de propósitos, determinação e perseverança buscou os seus ideais e de vida caracterizando a importância do cuidado e da assistência.

1.2 As origens do cuidado humano, os cuidados assistenciais e a prática religiosa

A Enfermagem, ainda empírica, antes do sustentáculo de lapidação, sobreviveu ao mundo primitivo e medieval, submetendo-se às variáveis sociopolíticas e econômicas, às quais, sempre esteve historicamente condicionada. A maternidade, a proteção e sobrevivência do grupo contribuíram para a preservação da raça, constituindo a mulher como a grande precursora do atendimento às necessidades de saúde, responsável pelo cuidado aos mais frágeis e associando a Enfermagem ao cuidar nas sociedades primitivas e à transmissão destes conhecimentos seculares.

Inserido nos marcos do desenvolvimento do ser humano, o ritual do cuidar e do ensinar a cuidar envolveram-se nas estruturas sociais das diferentes civilizações e as práticas de saúde foram difundidas e diferenciadas.

Não houve um momento exato e inicial da história humana, em que estes cuidados começaram a existir, tais acontecimentos foram sendo apreendidos e enriquecidos pela necessária sobrevivência dos homens e para que isso fosse possível, a busca, o discernimento, as descobertas, as contradições tornaram-se imprescindíveis para este processo de aprendizagem.

Quais as origens do cuidar, como esse ritual foi transmitido e como a história e as reformas sócio-culturais influenciaram estas ações? Tais questionamentos são essenciais para a desenvoltura histórica das dimensões do ensino e do cuidar no processo da evolução da enfermagem. O cuidar, gerado à luz de todos estes preceitos e presente no conteúdo histórico, deve ser seguro, entretanto, dinâmico, pois se encontra inserido nos princípios fundamentais de Enfermagem, que é uma profissão comprometida com a saúde do ser humano e da coletividade, atuando na promoção, proteção, recuperação e reabilitação das pessoas, respeitando os princípios éticos e legais.

O cuidado humano, como enfatiza Waldow(1998, p.15), “é uma atitude ética em que seres humanos percebem e reconhecem os direitos uns dos outros, quando pessoas se relacionam a fim de promoverem o crescimento e o bem estar dos outros”.

A prática de saúde associou-se à prática religiosa e essa interação sacerdotal foi desenvolvida por séculos nos templos que também foram escolas e assim, os conceitos

primitivos de saúde foram ensinados e proliferados através do tempo, com o desenvolvimento de escolas específicas para o ensino da arte do cuidar. Os cuidados que foram desenvolvidos há milhares de anos não pertenciam a nenhuma atividade ou profissão específica, mas eram transmitidos de geração em geração e tais procedimentos foram sendo aprimorados, aperfeiçoados, assumidos e organizados de acordo com culturas e épocas diferentes, como observamos no relato da historiadora:

A história da transmissão dos cuidados assistenciais coincide com a própria história do homem, com a ação de proteção para a sua sobrevivência, com a necessidade de coesão para a sua segurança, com a descoberta de formas de preservação da espécie humana e primordialmente, pela forma de transmissão destes conhecimentos através do tempo (OGUISSO, 2005, p.7-9).

As práticas de saúde desenvolveram-se no interior dos claustros, onde grupos religiosos, durante séculos foram depositários deste saber. Os concílios religiosos ordenavam a construção de hospitais próximos a mosteiros e a igrejas direcionadas por religiosos, estes assumindo lideranças na administração dos hospitais. A inexistência de pessoas aptas a realizarem tais cuidados desencadeou a execução dos mesmos por grupos que se dedicavam a servir e ajudar aos mais carentes e enfermos.

Os grupos religiosos, homens e mulheres, monges e monjas eram preparados de acordo com o ideal de servir e atendiam as pessoas em instituições monásticas. As funções não eram propriamente constituídas por tarefas hoje conhecidas como enfermagem; os cuidados eram prestados por grupos de mulheres sem preparo algum ou ainda por membros da família. Foi a evolução da medicina, da cirurgia e da saúde pública que demandou muitos procedimentos que passaram a ser executados por pessoas diferentes do médico, mas devidamente treinadas, com conhecimento dos princípios científicos. (OGUISSO, 2005, p.24)

As Santas Casas de Misericórdia e a Congregação das Irmãs de Caridade atuaram não apenas em missões religiosas, mas também prestando cuidados aos enfermos, período este identificado como período pré-profissional. (FONTINELE, 2002, p.34)

Algumas histórias, acontecimentos que marcaram a evolução destes cuidados, permaneceram em algum lugar do passado. A humanidade não poderia, através das nuances do esquecimento, esquecer algo vital? E se não forem encontradas no futuro as respostas que muitos encontraram e não deixaram vestígios para a posteridade? A memória como componente milenar, não seria significativa e primordial a sua inserção como processo de

conhecimento? A rejeição pelos métodos mnemônicos⁷ não descaracterizaria de certa forma traços marcantes da história? Durante a evolução da história da enfermagem observamos que a religiosidade encontrava-se inserida no ato de cuidar e na dedicação aos mais carentes o que caracterizou a transmissibilidade destes cuidados através dos tempos.

Historicamente, o ato de cuidar, considerado um ato destinado à prática feminina, iniciou-se com a expansão do cristianismo, fato que levou nobres mulheres a dedicarem-se aos pobres e enfermos e a transformarem os lugares suntuosos em que habitavam em hospitais, para que pudessem acompanhar e cuidar dos doentes, assim como transmitir os ensinamentos adquiridos. (GEOVANINI, 2005, p.15).

O cuidado humano maximiza-se e tem como envoltório a responsabilidade, o amor, o compromisso, as inúmeras formas de expressar este cuidado, além de situar-se dentro de uma postura ética, estética, uma forma de ser e de vivenciar isto diante do mundo e das pessoas.

A cultura é mensurada pela capacidade de guardar informações: o físico, a história do corpo, as cicatrizes, o caminhar, a postura, o corpo são parâmetros que vêm sendo utilizados como experiências nestes ensinamentos. A importância dos espaços destinados para a realização destes cuidados e do ensino dos procedimentos na prática no cuidar estão inseridos no decorrer da existência humana.

Sant'anna (2007, p.69) ao descrever sobre “Uma história do corpo” relata que existem muitas histórias do corpo e as ciências humanas possuem diferentes métodos para analisá-las, e tais estudos que anteriormente eram abordados muito mais pela área da saúde agora passaram a ser campo de estudos da antropologia, educação, história e sociologia, pois estes também vêm estudando as práticas e representações corporais de civilizações do passado e culturas do presente.⁸ Importante ressaltarmos a abordagem a seguir que trata sobre a interligação do passado com o presente, enfatizando a memória como um olhar metodológico :

Meu presente parece ser algo absolutamente determinado, e que incide sobre o meu passado. Colocado entre a matéria que influi sobre ele e a matéria sobre a qual ele influi, meu corpo é um centro de ação, o lugar onde as impressões recebidas

⁷ Mneme na mitologia grega era a musa da memória e Clio, a musa da história. Tais musas mitológicas tinham vários atributos dentre eles proporcionar aos homens a possibilidade do esquecimento das dores e dos males que participam da vida humana. (VASCONCELOS, 2001, p.8)

⁸ SANT'ANNA, D.B. Uma história do corpo .In: SOARES, 2007, p.69. Os estudos realizados sobre os significados do corpo na contemporaneidade encontram uma fertilidade para as pesquisas devido à força que emana de tentativas da invenção de um corpo triunfante em relação à velhice, ao sofrimento, às doenças.

escolhem inteligentemente seu caminho para se transformarem em movimentos efetuados; portanto, represento o estado atual do meu devir. (BERGSON, 1990, p.114)

As práticas humanas têm uma configuração histórico-social e não há como negá-las. A educação é uma prática mediada e mediadora no existir e ser humano, não se tratando apenas de uma prática mecanizada, merecendo, portanto, estar estruturada em orientações e pensamentos direcionados, assim como também estar vinculada a fins intencionais para que a interdisciplinaridade exigida tenha uma íntima e forte colaboração nos diversos campos do saber. É um novo olhar que se inicia individual tornando-se disseminado através do tempo, do decorrer dos processos de aprendizados, que culminam também no ensino e se transformam em práticas coletivas produtoras de conhecimentos. Entendemos, portanto, como Morin (2004, p. 32) “A História tende a tornar-se a ciência da complexidade humana.”⁹

A Enfermagem, apesar dos progressos na área da medicina, não sofreu desenvolvimentos significativas no Brasil na época do Império¹⁰, permanecendo empírica, desorganizada e inserida nos hospitais religiosos. A marca das ordens religiosas impõe à Enfermagem, por um longo período, seu exercício institucional exclusivo, majoritariamente “feminino” e caritativo.

No desenvolvimento histórico das práticas de saúde a Enfermagem foi praticada pelas mãos de religiosas e abnegadas mulheres que dedicavam as suas vidas à assistência aos pobres e doentes, as atividades eram centradas no fazer manual e os conhecimentos transmitidos pelas informações acerca das práticas vivenciadas. A abnegação, o espírito de serviço, a obediência e outros atributos deram à Enfermagem uma conotação de sacerdócio e não de prática profissional. (GEOVANINI, 2005, p.15).

Desde os primórdios a prática do cuidar esteve presente nas casas, nas igrejas, nas cidades, abrangendo tais cuidados o apoio, assistência às parturientes, aos recém-nascidos, às

⁹ As ciências especificamente humanas são compartimentadas como a História, Sociologia, Economia, Psicologia, ciências do imaginário, mitos e crenças comunicam-se em alguns pesquisadores marginais, mas a História tende a tornar-se uma ciência multidimensional, quando integra em si mesma a dimensão econômica e antropológica (costumes, ritos concernentes à vida e à morte).

¹⁰ Raros nomes foram destacados nesta época como Anna Nery, Ana Justina Ferreira, que nasceu na Bahia no dia 13 de dezembro de 1814. Não resistindo à separação dos seus filhos que foram à guerra do Paraguai (1864-1870), colocou-se também à disposição de sua Pátria. Improvisou Hospitais e cuidou com afinco de muitos feridos, inserindo em sua vida a história da assistência e do cuidado humano, fato este que lhe concedeu medalhas e homenagens. A primeira Escola de Enfermagem fundada no Brasil recebeu o seu nome, que como Florence Nightingale, lutou pelos ideais de assistência inseridos na profissão de Enfermagem. Anna Nery faleceu no Rio de Janeiro em 20 de maio de 1880.

peças idosas, enfim, à população que necessitasse de cuidados e procedimentos específicos. Tais saberes eram informados através de gerações e a memória constituiu-se um dos mais importantes recursos para a essência e aperfeiçoamento destes cuidados.

1.3 O desenvolvimento histórico da profissão e evolução do ensino de Enfermagem

O aparecimento das ordens religiosas, a prática da caridade, a assistência aos doentes que não tinham a quem recorrer em momentos de graves enfermidades contribuiu para a evolução da Enfermagem, ainda que, inicialmente, desestruturada e leiga em nível de praticidade, distanciada do conhecimento científico. A prática de saúde vislumbrada anteriormente como mística e sacerdotal, após o alvorecer da ciência, ganhou novas formas e saberes¹¹, mas tais práticas permaneceram limitadas pela ausência de conhecimentos na área de Anatomia e Fisiologia, restritos na área médica e de Enfermagem.

Tornou-se necessária uma interconexão de dimensões, onde os valores, os aspectos cognitivos, a sensibilidade, o caráter, a cultura, a história e a educação entrelaçaram-se e culminaram na interdisciplinaridade. Fato este abordado por Morin(2004, p.13) quando aduz a importância da conexão entre as disciplinas para que a sabedoria não se perca do conhecimento, pois a hiper-especialização, ou seja, a especialização fechada em si mesma pode vir a nos impedir a visualização do essencial, dos eixos integradores que podem trazer benefícios significativos para o crescimento profissional e que vão além dos progressos e das fronteiras históricas das disciplinas.

Houve uma influência importante do cristianismo inserido nesta ação do cuidar, pois muitos cristãos dedicavam-se a cuidar de pobres e doentes em busca da salvação eterna. Essas congregações construíram hospitais para prestarem esta assistência. E assim, as experiências iniciais tornaram-se sustentáculos de ensino para a posteridade do cuidar. O entrelace entre a fé, a caridade, a realização de cuidados que minimizassem o sofrimento do próximo enalteceram os aspectos construtivos desta profissão. A História da Enfermagem está enraizada nas práticas de observação, planejamento, adequação e ações sistematizadas que se

¹¹ Nesta fase a saúde passou a buscar conhecimentos na natureza e na experiência e passou a direcionar-se mais na observação dos fenômenos. A ausência de conhecimentos na área de anatomia e fisiologia era significativa. A Enfermagem não tinha ainda uma caracterização profissional.

relacionam com os cuidados assistenciais e o conforto da alma, traduzindo com isto a importante inserção da humanização na assistência de Enfermagem.

Existem descrições de cuidados de Enfermagem prestados por criminosos e por mulheres de baixo padrão moral, recrutadas para os serviços na época, sem nenhum interesse pelas necessidades do enfermo e sem nenhuma qualificação, e em razão da imagem negativa que a Enfermagem trazia até então, era necessário que se reconstruísse um novo perfil profissional, porém ele deveria obedecer aos princípios impostos pela nova realidade social. (GEOVANINI, 2005, p. 26)

Surge, então, em meados do século XIX, a Enfermagem como uma prática social institucionalizada e específica, dotada de disciplina rigorosa, influenciada sob a ótica da filosofia da Escola Nightingale¹², que norteou, inicialmente, a estruturação, o funcionamento e a evolução do ensino da profissão de Enfermagem, fora do Brasil.

Os cuidados em Enfermagem com base na filosofia de Nightingale¹³ identificavam as bases humanísticas da enfermagem tendo sido enfatizados pela atual teoria holística que visualiza o ser humano como um todo. O ensino de Enfermagem tinha bases em uma disciplina rigorosa, com exigências de qualidades morais. Esse ensino estabelecia o caráter metódico, a importância da teoria inserida na prática e a seleção de candidatas através de rígidos critérios, mesmo assim, as perspectivas de ensino, também como as práticas assistenciais mantiveram-se atreladas ao mito da ciência como um sustentáculo do progresso e do futuro.

A história teceu durante a evolução da prática assistencial do cuidado uma caracterização de sacerdócio e dedicação que, associada e intercalada aos movimentos militares e religiosos, adquiriram disciplina e contribuíram para a sistematização do ensino e a profissionalização e aperfeiçoamento dos primeiros Enfermeiros. Existiam diferenciações nas atividades da Enfermagem em nível privado, institucional, autônomo e ainda em caráter de trabalho escravo como enfatizamos a seguir ao abordarmos o âmbito de tais ações profissionais:

Os espaços aonde se realizavam as atividades de Enfermagem eram diferenciadas em quatro categorias: no âmbito privado, aonde parte das atividades domésticas não tinham características profissionais; no âmbito institucional o qual abrangia o hospital e as santas casas; no âmbito autônomo, como atividade das parteiras e no

¹² A filosofia de vida de Florence permeava todo o currículo de sua Escola. (Escola de Enfermagem no Hospital Saint Thomas). Estimulava o desenvolvimento individual das alunas pois acreditava que cada pessoa tinha talentos e habilidades que precisavam ser desabrochados.

¹³ Florence acreditava que a saúde deveria estar presente tanto na alma como no corpo. A Enfermagem como uma arte que requeria treinamento organizado, prático e científico.

âmbito do trabalho escravo como prestação de cuidados aos doentes em nível domiciliar para a família colonial oligárquica. (FONTINELE, 2002, p.34)

Os espaços destinados à realização das atividades e procedimentos de Enfermagem eram diferenciados em muitos aspectos e devido à ausência de aptidão e conhecimentos nesta assistência, alguns cuidados domiciliares eram prestados empiricamente. Em nível hospitalar as Santas Casas eram o local mais adequado para a realização destes procedimentos que ainda à época eram supervisionados pelas religiosas que se responsabilizavam pela administração destas Instituições.

Entendemos como Saviani (2000), quando relata a compreensão da trama da história ao evidenciar a importância dos “dados dos bastidores”; No cenário da história, existem atores e autores e como em uma peça teatral, o autor da peça quase não aparece, mas enaltece os seus ensinamentos que poucos têm a oportunidade de visualizar. Mas, ensina silenciosamente, pois a obra é sua. O ator, entretanto, brilha e é vislumbrado pelos expectadores, cultuado como líder. Temos a presença lacunar e silenciosa de muitos autores que nos ensinam por séculos de existência e que ergueram historicamente esta ação assistencial no processo de cuidar. Os atores estão em todos os espetáculos, sendo que determinadas essências de vida mostram a exímia importância dos autores que também fizeram parte desta história.

No final do século XIX, as medidas anti-sépticas, a nutrição adequada, a assistência realizada antes e após os procedimentos cirúrgicos, tornaram-se significativas e essenciais para salvar vidas e a Enfermagem deu origem aos cuidados assistenciais direcionados aos pacientes, enquanto a equipe médica limitava-se a visitas periódicas.

A Instituição hospitalar, antes negligenciada, e associada com o baixo nível de qualidade das práticas de saúde, durante muito tempo preocupou-se apenas em separar indivíduos doentes e perigosos da coletividade com o intuito de preservar a saúde geral da população, considerando a internação como uma forma de isolamento e precaução na disseminação de doenças. Com a reorganização da prática hospitalar e o surgimento da Enfermagem moderna, aliados aos interesses políticos, caracterizou-se uma reordenação no caráter disciplinar da assistência de Enfermagem.¹⁴

¹⁴ Foucault (1999) relata que a disciplina hospitalar era garantida pelo controle sobre o desenvolvimento de ações, pela distribuição espacial dos indivíduos no interior dos hospitais e pela vigilância perpétua e

As doenças infecciosas caracterizaram um significativo problema econômico e social e a comprovação da existência de microorganismos, assim como a descoberta da transmissão destas doenças desencadearam uma transformação nas condutas de higiene e assepsia, as quais foram contestadas e não aceitas pelas religiosas. Com o nascimento da clínica, as religiosas foram afastadas ou começaram a abandonar os hospitais, e a partir de então, as primeiras Escolas de Enfermagem foram criadas com o objetivo de dar instrução aos Enfermeiros e Enfermeiras e proceder à habilitação dos mesmos.

A evolução crescente dos Hospitais não melhorou suas condições de salubridade, havia predominância de doenças infecto-contagiosas e falta de pessoas preparadas para cuidar dos doentes e muito embora este poder disciplinar no novo hospital tenha sido confiado ao médico, este passou a delegar o exercício das funções do pessoal de Enfermagem ao Enfermeiro. (GEOVANINI, 2005, p24-25).

A Enfermagem trazia consigo uma imagem circundada por resquícios de má qualificação e práticas não padronizadas, tornando-se essencial a reconstrução de um perfil profissional com um novo olhar sobre a abrangência do ser humano e do meio ambiente, relevâncias consideradas revolucionárias para a época mais com consonância com os princípios humanísticos. Paixão (1979) relata que os cuidados que eram prestados por religiosos nos Hospitais cristãos eram realizados por mulheres de baixo nível moral e social, que não estavam aptas à realização destas atividades.

Segundo Oguisso(2005, p. 79), Nightingale acreditava que os treinamentos eram essenciais para o desenvolvimento das habilidades, assim como a aquisição de segurança nas técnicas a serem realizadas e em seu livro, “Notas sobre Enfermagem”, figurava uma escrita diferente, em estilo vivo, diferente, espirituoso , moderno , buscando transformações e mudanças acerca das necessidades de saúde da época . Tal literatura obteve uma aceitação significativa na sociedade o que caracterizou as inúmeras traduções e reedições da obra.

Houve, também, a ênfase em suas obras do triângulo cuidar-educar-pesquisar, com ações interligadas com critérios de complementaridade, abordando que para que houvesse uma recuperação do doente deveria haver condições favoráveis para que essa cura realmente acontecesse. “Existiam quatro conceitos fundamentais: o ser humano, meio ambiente, saúde e Enfermagem. Tais conceitos foram considerados revolucionários para a

constante destes. A partir deste esquema administrativo, composto por um conjunto de técnicas criou-se posteriormente a teoria clássica administrativa, recentemente postulada por Taylor e Fayol.

época, mas ainda hoje são identificados como as bases humanísticas da Enfermagem”. (GEOVANINI, 2005, p.26)

Através da reflexão acerca destas memórias podemos ter um amplo campo de pesquisas, assim como a possibilidade de identificarmos alguns pontos históricos que possam ter contribuído para o aperfeiçoamento das técnicas e dos ensinamentos nas práticas do cuidar. A atividade de cuidar de feridos e doentes existiam há anos, mas o planejamento, a organização e o treinamento destas práticas cresceram à Enfermagem bases e princípios educacionais que se tornaram imprescindíveis para a desenvoltura desses cuidados específicos.

1.4 O ensino de Enfermagem no Brasil

A partir de 1890, com a criação oficial da primeira escola para habilitar Enfermeiros¹⁵, o processo de profissionalização desencadeou a aquisição de um saber e cuidar mais qualificados. Ainda assim, o cuidado aos doentes continuou a ser prestado, também, pelas Irmãs de caridade, mesmo que os objetivos desta irmandade não fossem compatíveis com a classe de intelectuais, com novos conhecimentos e assistência a serem prestados. A saúde passou a constituir-se como uma problemática econômica e social e, o governo brasileiro, direcionado por pressões externas, assume a assistência à saúde com a criação de serviços públicos diversos. No contexto social a imagem da mulher passou por um processo de transformação, ocupando um espaço melhor e diferenciado com uma maior visibilidade:

Nesse contexto inserem-se as novas profissões femininas, com destaque para a enfermagem, que se constituiu em importante vetor de emancipação econômica e social da mulher. No entanto, as enfermeiras, em geral, buscaram melhores posições no campo em que atuavam, mediante estratégias de evitação do confronto com a ordem dominante e, ao contrário, procurando alianças e oportunidades para obter visibilidade e reconhecimento social. Para tanto, a enfermeira diplomada tinha que lutar em várias frentes, adotando estratégias de distanciamento, de modo a evidenciar sua distinção em relação a todos os demais profissionais de enfermagem que, no entanto, há tempos haviam tomado posição no campo (freiras, enfermeiros, militares, práticos em geral). (BARREIRA, 2005, p.480-7)

¹⁵ A formação de pessoal de Enfermagem iniciou com a criação pelo Governo da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, no Rio de Janeiro, sendo instituída pelo Decreto Federal nº 791 de setembro de 1890 e atualmente é denominada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

A emergência do ensino de Enfermagem moderna no país coincide com o momento em que a questão da saúde caracteriza um novo aspecto dimensional, passando a ser uma das atribuições do Estado¹⁶. Muitos cursos foram criados na tentativa de atender às necessidades emergenciais de cada momento histórico, os problemas evidenciados na área da Saúde Pública¹⁷, levaram a diretrizes que culminaram em algumas resoluções e implantações de serviços que tinham como objetivo uma reorganização na área da saúde.

O Departamento Nacional de Saúde Pública foi criado na década de 1920, visando direcionar a questão do saneamento e dos déficits relacionados às doenças que se alastravam e manifestavam-se de forma freqüente, como a tuberculose e a hanseníase, dentre outras. A primeira escola de Enfermagem no Brasil baseada no modelo Nightingaleano¹⁸ foi a Escola de Enfermagem Anna Nery¹⁹(EAN), onde as profissionais tornavam-se habilitadas a executar procedimentos de elevado desenvolvimento e complexidade intelectuais.

O campo de estágio principal da EAN, desde sua fundação, era o Hospital São Francisco de Assis (HSFA). A formação de um corpo de enfermeiras diplomadas pela EAN garantiu ao HSFA, a consolidação de um modelo de assistência de enfermagem de alto padrão. Este modelo se manteve como referência até a década de 40, quando começaram a surgir grandes hospitais públicos, de alta complexidade organizacional e tecnológica, mas que sofreram a influência do serviço de enfermagem do HSFA, tanto institucional, como profissional. A importância dessa contribuição deve ser ressaltada principalmente no que se refere ao papel das enfermeiras-chefes de enfermarias, cargos reconhecidos como estratégicos para a qualidade da enfermagem do hospital. (SILVA; BARREIRA, 2001).

O primeiro curso de enfermagem na Escola Anna Nery foi inaugurado no dia 19 de fevereiro de 1923, com quinze alunas em regime de internato. (OGUISSO, 2005, p.90). A primeira diretora foi Miss Clara Louise Kienninger, que instituiu a Associação do Governo

¹⁶ Havia o reconhecimento por parte da sociedade Brasileira da necessidade de formação de Enfermeiros nas primeiras décadas do século XX e não havia pessoal qualificado na área. Por ocasião de epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro, morreram quase treze mil pessoas evidenciando a ineficiência dos serviços de saúde pública com a necessidade emergencial de reformas sanitárias.

¹⁷ A Reforma Carlos Chagas promoveu tentativas de reorganização dos serviços de saúde com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, que exerceu ação normativa e também executiva das atividades de saúde pública no Brasil.

¹⁸ O modelo Nightingaleano evidenciava uma disciplina rigorosa, militar, com características peculiares como a exigência de qualidades morais e éticas. A Direção da Escola era feita por uma Enfermeira e a seleção de candidatas através dos aspectos físico e moral, assim como intelectual e aptidão profissional.

¹⁹ A Fundação Rockefeller patrocinou, no Brasil, o projeto de organização do Serviço de Enfermagem de Saúde Pública, sob a orientação de Enfermeiras norte-americanas, surgindo, então, em 1923, a primeira Escola de Enfermagem, a Escola de Enfermagem Anna Nery.

Interno das Alunas, que tinha como objetivo desenvolver a responsabilidade individual e elevar o nível social da Instituição. A primeira turma de Enfermeiras diplomou-se em 19 de junho de 1925. Destacaram-se nesta turma Laís Netto dos Reys, a oradora da turma; Olga Salinas Lacôrte e Maria de Castro Pamphiro que obtiveram bolsas de estudos nos Estados Unidos. A primeira diretora brasileira da Escola Anna Nery foi Raquel Haddock Lobo²⁰.

Ressalta-se o fato de no ano de 1923 ser criada a Escola de Enfermeiras do DNSP (atual Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ), a qual em 1931 passou a ser denominada “escola-padrão”, através do Decreto nº 20.109 de 15 de julho de 1931, o qual reconheceu-a como escola oficial padrão para efeito da criação e equiparação de outras escolas de enfermagem. Com isso, somente poderiam exercer a profissão as pessoas que tivessem o diploma de enfermeira adquirido na EAN ou em outra escola a ela equiparada. (GOMES; ALMEIDA; BAPTISTA, 2005, p 361-6)

Com o decreto 20.109 de 1931²¹, todas as Escolas de Enfermagem deveriam equiparar-se ao seu criterioso padrão, para a viabilização de expedição legal de diplomas. Na época, o presidente Getúlio Vargas recebeu apoio religioso porque a proximidade entre a Igreja e o Estado era significativa, aumentando o número de religiosas que objetivavam a obtenção de diploma de enfermagem. A Escola Carlos Chagas em Belo Horizonte foi a primeira Escola a formar religiosas no Brasil.

Com o decreto 20.109/31 que reconheceu a EAN como “escola oficial padrão”, o qual afirmava que só seriam reconhecidos como enfermeiros os portadores de diploma fornecido ou revalidado por esta Escola, a Igreja passou a procurar amparo legal para as religiosas que trabalhavam nos hospitais, bem como se organizou para encaminhar as religiosas objetivando a obtenção do diploma de enfermeiras, em virtude das mesmas não possuírem tal título. Para isso, foi fundamental a aproximação de Laís Netto dos Reys, diplomada da turma pioneira da EAN em 1925, com a Igreja católica. Laís dirigiu e organizou a primeira escola a formar religiosas no Brasil, a Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Tal fato tornou-se extremamente importante para defender o espaço da Igreja católica no campo da enfermagem, além de possibilitar a criação de outras escolas de enfermagem sob orientação católica. (GOMES; ALMEIDA; BAPTISTA, 2005, p 361-6)

A constituição Federal de 1934 possibilitou um grande avanço à educação religiosa e subsídios às Escolas Católicas. O Decreto nº 22257 de dezembro de 1932, assinado pelo presidente Getúlio Vargas, oportunizou às religiosas os mesmos direitos das enfermeiras que recebiam os seus diplomas desde que fosse comprovada a experiência assistencial de enfermagem por mais de seis anos, tal direito restrito apenas à área hospitalar.

²⁰ Foi a pioneira da Enfermagem Moderna no Brasil, esteve na Europa durante a primeira Guerra mundial, incorporou-se à Cruz Vermelha Francesa e ao retornar ao Brasil continuou a trabalhar como Enfermeira.

²¹ Foi fixado por lei que o perfil exigido para a enfermeira brasileira passou a ser elaborado segundo os critérios da Escola Anna Nery, considerada modelo.

Na década de 1940, observou-se a necessidade de uma força de trabalho mais qualificada e através da Lei nº 775 de Agosto de 1949²², torna-se obrigatório o ensino de Enfermagem nas Universidades, direcionado à época ao modelo hospitalar, segundo contextualização social, econômica e política. As funções e atribuições da enfermeira-chefe abrangiam a área assistencial, de ensino, as funções administrativas e de supervisão e estavam correlacionadas e eram planejadas sistematicamente e direcionadas à equipe.

Nos campos de estágio da EAN, a enfermeira-chefe respondia tanto ao hospital sobre o bom andamento do serviço de enfermagem quanto à diretora da EAN sobre as condições do aprendizado das alunas nos campos de estágio. As funções e atribuições das enfermeiras-chefes eram as seguintes: 1) função assistencial: assumir o cuidado direto frente às dificuldades das alunas; implementar medidas corretivas em situações de crise; erro na administração de medicamentos; primeiros socorros; 2) função de ensino: corrigir erros na execução de técnicas; intensificar a avaliação do desempenho de alunas com dificuldades especiais; ensinar pelo exemplo; organizar um ambiente adequado ao ensino prático; 3) função de administração e supervisão: favorecer relações interpessoais produtivas; promover melhorias no funcionamento da unidade; controle de material; controle de pessoal; disciplina: assiduidade, pontualidade, uniforme; prover a enfermaria de material (medicamentos, instrumentos/aparelhos e material de enfermagem). (BARREIRA, 2005, p 480-7)

Importante ressaltarmos a fundação em 1926 da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), pelas primeiras enfermeiras formadas pela Escola Anna Nery (GEOVANINI, 2005, p.35). A Associação Brasileira de Enfermagem e as suas normatizações foram criadas, estabelecidas e estruturadas pelas primeiras enfermeiras formadas nesta Escola, que foram pioneiras.

A fundação da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, atual ABEN (Associação Brasileira de Enfermagem), ocorreu em 1926, pelas primeiras enfermeiras formadas pela Escola Anna Nery, sendo juridicamente registrado em 1928. Suas comissões tiveram importante e relevante função no desenvolvimento da Enfermagem Brasileira, nos aspectos primordialmente que concernem à legislação e à educação. (GEOVANINI, 2005, p.35).

O culto à religião foi uma das dimensões presentes nas representações sociais e da memória da ABEn. A ABEn Nacional reforçava, na época, a circulação destes conhecimentos, posicionamentos e sentimentos, determinando a conduta de enfermeiros. Este fato culminou posteriormente em algumas divergências de ideais entre as enfermeiras diplomadas e as enfermeiras religiosas:

²² Tal projeto propiciou o controle da expansão de Escolas e exigiu que a educação em Enfermagem fosse centralizada nos Centros universitários.

Cabe destacar que à época, as divergências ideológicas existentes entre as líderes da atual ABEn e as enfermeiras-religiosas levou estas a criarem uma Associação própria para poderem divulgar a ideologia católica²³. Por outro lado, sua contribuição foi decisiva no sentido de incentivar as congregações a encaminharem suas religiosas para as escolas de nível superior visando a formação de enfermeiras. Esta providência se tornou de extrema valia, visto que as religiosas trabalhavam na maioria dos hospitais do País e, no entanto, a primeira religiosa-enfermeira havia se diplomado somente no ano de 1936, ou seja, mais de dez anos após a formatura do primeiro grupo de enfermeiras formadas pela EAN. (GOMES; ALMEIDA; BAPTISTA, 2005, p 361-6)

A necessidade de pessoas qualificadas, aptas e treinadas profissionalmente para a realização destas funções oportunizou e viabilizou à profissão de Enfermagem um crescimento gradual, um crescer pautado em visões questionadoras, críticas, visando uma abordagem assistencial vinculada a um processo de sistematização que aos poucos foi surgindo. Vários sujeitos fizeram e fazem parte desta história, muitos a construíram, em tentativas árduas para edificá-la com uma estrutura organizada.

Tal reformulação marca o início do afastamento das Irmãs de Caridade, assim como a ruptura das relações entre a Igreja e o Estado, quando as irmãs foram convidadas a se afastarem de suas funções assistenciais, passando a existir enorme lacuna quanto a quem estaria destinado à aptidão de realizar tais aspectos funcionais.

As necessidades sociais e humanas culminaram em força propulsora para as transformações e o crescimento no âmbito profissional da Enfermagem. O aperfeiçoamento e a nova estruturação das práticas de saúde originaram-se de tais necessidades, propiciando desenvolvimentos e avanços de conhecimentos e técnicas mais específicas, pois:

As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, como não o são as categorias intelectuais e psicológicas, aquelas são produzidas historicamente pelas práticas políticas, sociais, discursivas, pois tais práticas direcionam significado ao mundo. (CHARTIER, 1986, p.14)

Nesta fotografia (Figura 01) que data de novembro de 1923, observamos a turma pioneira da Escola de Enfermagem Anna Nery. Importante enfatizarmos quão enriquecedor como valoroso é a oportunidade de reconstituir o passado com a observância dos detalhes. Os semblantes, os uniformes, a disciplina, a postura. Esta fotografia foi capa do convite de formatura da turma que se formou em 1973, por ocasião do jubileu de ouro da Escola Anna

²³ Criação da UREB (União de Religiosas Enfermeiras do Brasil) sob liderança de Madre Domeneuc com a finalidade de reunir as enfermeiras – religiosas em grupo distinto. Obteve sucesso na formação de nível médio de formação , instituindo um novo modelo de enfermeira/enfermagem católica.

Nery, em homenagem aos cinquenta anos de qualidade no seu ensino. Nesta fonte iconográfica é observada a presença de representantes da Cruz Vermelha Brasileira²⁴ que foi organizada e instalada no Brasil em 1908.

Diante de alguns fatos descritos que ocorreram no passado, analisamos que a procura pelo conhecimento e a necessária busca pelo saber foram observados em muitos momentos históricos caracterizando nuances de subjetividade, enfatizando a importância de um novo olhar que não poderia ser tão profundo e detalhista apenas com o documento escrito mas também com a interpretação de outras fontes que propiciaram esclarecimentos e outras observações criteriosas.

Em 1946, com o decreto 21.321, finalmente, aprovou-se o Estatuto da Universidade do Brasil e a Escola Anna Nery foi definitivamente integrada como estabelecimento de Ensino Superior, hoje, denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta representação imagética indica a organização da primeira turma na época evidenciando a importância de aspectos histórico-sociais e a estruturação e aperfeiçoamento do ensino de enfermagem no Brasil.

²⁴ O primeiro presidente da Cruz Vermelha foi o médico Oswaldo Cruz e esta organização foi destaque por ocasião da primeira guerra mundial. (1914-1918)



Figura 01 Turma pioneira da Escola de Enfermagem Anna Nery. Alunas e representantes da Cruz Vermelha Brasileira em novembro de 1923. Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Maria Lúcia Almendra

Ao analisarmos acerca de algumas versões mnemônicas, dos aspectos culturais e sociais vivenciados à época observamos que a profissão de Enfermagem encontra-se inserida na história e memória da estrutura e linguagem corporal. A vida, o crescimento e o desenvolvimento humano, as diversas culturas, normas e padrões comportamentais são identificados de acordo com a época vivenciada tornando-se mecanismos fundamentais para que a memória retome caminhos para questionamentos e reflexões e percorra com maior

sabedoria o passado e o presente. Identificamos a importância da rememoração no depoimento da Enfermeira Nogueira que estudou na Escola Paulista²⁵:

Entre as minhas memórias, lembro-me que na época, eu estudava na Escola Paulista, e nós, alunos, tínhamos que andar com as mãos para trás, por que era um campo aonde havia muitos jovens, alunos de Medicina, alunos de Enfermagem, e então, não podia haver o toque, para que não existissem os namoros. Era uma maneira de tornar as pessoas mais dóceis e evitar o namoro, os relacionamentos. (NOGUEIRA, Depoimento oral, junho de 2008)

A postura e a ética eram orientadas como essenciais na profissão de enfermagem, sendo alguns detalhes visualizados com maior expressividade, como a linguagem corporal, a higiene dos corpos, os gestos, a coordenação corporal, a dor, a expressão facial, o envelhecer em contraposição ao nascer, enfim, a importância da correlação entre a história da evolução das práticas de saúde e os métodos do ensino teórico-prático na área. As características corporais são enfatizadas através da percepção do ensino e da profissão:

A concepção de um corpo rígido, limpo, agradável, inodoro e sem prazer ainda faz parte do ensino e do exercício da Enfermagem, por se tratar de uma profissão idealizada como algo sublime, cujos valores maiores seriam a trilogia dedicação, abnegação e amor... A consciência de que é necessário desmistificar essas interdições gera um melhor grau de entendimento sobre o corpo. Um corpo emocionalmente sadio harmoniza o olhar, a expressão do rosto, a posição da cabeça, a postura, o tônus dos músculos, o timbre da voz... O corpo nos configura e nos define. (LIMA, 2006, p.12)

A cultura e os valores, assim como os aspectos sociais e a época em que vivemos corroboram para a desenvoltura histórica dos acontecimentos. “Se existe um domínio da nova história cultural, que hoje é muito próspero, mas que pareceria inconcebível uma geração atrás – em 1970, digamos- este é a história do corpo”.²⁶

Já se dedicaram livros à história da limpeza dos corpos, da dança, dos exercícios, da tatuagem, do gesto. A história do corpo desenvolveu-se a partir da história da medicina mais os historiadores da arte e da literatura, assim como os antropólogos e sociólogos ²⁷também se envolveram e alguns dos novos estudos podem ser descritos como tentativas de reivindicar outros territórios para o historiador. A história do

²⁵ Fundada em 1939 pelas Franciscanas Missionárias de Maria, foi a pioneira da renovação da Enfermagem na capital paulista. Uma contribuição muito importante da Escola Paulista de Enfermagem foi o início dos cursos de pós- graduação em obstetrícia.

²⁶ PORTER, R. History of the Body Reconsidered, in Peter Burke, New Perspectives on Historical Writing, 2 ed, 1991, Cambridge, 2001, p.233-260.

²⁷ O sociólogo e historiador Gilberto Freyre estudou a aparência dos escravos, as marcas tribais às quais pertenciam, as cicatrizes dos açoitamentos, os sinais específicos do trabalho, a perda de cabelos em homens que levavam cargas muito pesadas na cabeça.

gesto²⁸ é um exemplo óbvio, a história das mulheres, a história da discussão acerca do corpo e o alimento como forma de comunicação, assim como a “vulnerabilidade do corpo moderno” devido à rápida disseminação da AIDS²⁹. (BURKE, 2005, p94-97)

Havia a necessária busca pela qualificação de profissionais enfermeiros, pois as escolas disponibilizavam inúmeras oportunidades para que as moças que tivessem o dom e quisessem cursar a área da saúde dispusessem de toda uma estrutura física, onde tinham acesso a uma nutrição adequada, condições de estudos, bibliotecas equipadas com todos os livros necessários para a formação destas profissionais interessadas. Existia, inclusive, a possibilidade de permanecerem internas.

A Escola Paulista disponibilizava determinadas facilidades para a realização do curso e, isto foi uma tendência, na época, para atrair os jovens para conhecer os cursos, enfim, achei que fosse uma boa oportunidade... Comecei o curso sem grandes problemas, a Escola Paulista era muito mais adiantada com relação à USP³⁰, parecia mais liberal, as mocinhas da USP pareciam aquelas bonequinhas encerradas, de toquinhas, meias, redinhas na cabeça.. Na Escola Paulista observava-se um convívio acadêmico mais liberal. (NOGUEIRA, Depoimento oral. Junho de 2008)

Na Escola Paulista, na década de 1960, o curso de Enfermagem era realizado em três anos e possuía um caráter diferenciador das outras Instituições. A aluna poderia realizar uma especialização ainda cursando a Universidade e terminar portando uma pós-graduação. As áreas disponibilizadas eram Obstetrícia e Saúde Pública. Havia a necessidade de profissionais com aptidão e conhecimentos a serem aplicados criteriosamente nesta área e inexistiam enfermeiros que tivessem experiência neste campo de trabalho.

Nós fazíamos três anos e depois no quarto ano, fazíamos a especialização. Era integrado. As outras Instituições diplomavam logo e depois o aluno fazia a especialização. Nós tínhamos as opções de fazer obstetrícia ou Saúde Pública e eu optei por fazer Saúde Pública. O curso em si era muito bem organizado. Era conduzido por freiras católicas, inclusive, freiras que foram expoentes, eu ainda cursei na época em que a direção era realizada por freiras. A nossa residência era em frente ao Hospital São Paulo. Quando eu estava no segundo ano, para a complementação do aprendizado, eu passei a trabalhar como bolsista na Santa Casa

²⁸ Jean- Claude Schmitt , aluno de Jacques Le Goff, dedicou um trabalho importante sobre gestos religiosos como rezar , reconstituindo gestos religiosos e gestos feudais de homenagem. Rezar com as mãos postas ou com os braços abertos e o ajoelhar-se diante do senhor.

²⁹ Síndrome de Imunodeficiência adquirida.

³⁰ Escola de Enfermagem da USP foi fundada com a colaboração da Fundação de Serviços de Saúde Pública em 1944. Sua primeira diretora foi Edith Franckel, que também prestou serviços como superintendente do Serviço de Enfermeiras do Departamento de Saúde. A primeira turma de Enfermagem da USP diplomou-se em 1946.

de Misericórdia, que também foi uma Escola magnífica (...). (NOGUEIRA. Depoimento oral. Junho de 2008)

As experiências que as alunas tinham durante a realização do curso de Enfermagem eram também aprimoradas por estágios ou trabalhos em hospitais, oportunidades estas em que as acadêmicas aprendiam com a prática dos procedimentos e com o desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas técnicas assistenciais. As alunas obtinham não apenas a aprendizagem profissional, mas adquiriam também a experiência de vida, crescendo e consolidando os seus dons e viabilizando o direcionamento de suas profissões. Ressaltamos que a enfermeira Nogueira finalizou o curso de enfermagem na Escola Paulista e foi a primeira coordenadora do curso de enfermagem do Estado do Piauí, depois da inserção do curso de Enfermagem na Universidade Federal.

CAPÍTULO II

2 ENFERMEIRAS PIAUIENSES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O ENSINO DE ENFERMAGEM: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

No segundo capítulo tratamos da identificação e análise da contribuição de Enfermeiras piauienses pioneiras na evolução do processo de ensino e aprendizagem, descrevemos as experiências profissionais que muitas vivenciaram fora do Estado do Piauí retornando posteriormente para atuarem na profissão ou no ensino de Enfermagem, assim como abordamos o processo de feminização no âmbito histórico e profissional no Estado.

2.1 A escolha pela profissão

O ensino de Enfermagem no Brasil apesar de ter sido institucionalizado devido à influência sanitária, apenas tem a sua consolidação após a modernização. Na década de 1930, a saúde ganhou novos aspectos dimensionais quando passou a ser uma das atribuições do Estado sustentada nas evidências da necessária força de trabalho qualificado na área de saúde. Com a industrialização, inúmeras transformações foram necessárias inclusive nas áreas profissionais. O Estado realizou a propositura de aumentar o número de escolas, fato este que tornou obrigatória, através da lei nº 775 de 6 de agosto de 1949, a existência do ensino de Enfermagem voltado para a área hospitalar, em toda universidade ou sedes de faculdades de Medicina.³¹ Tal lei exigia que as candidatas tivessem o curso secundário, mas estas exigências não foram atendidas, devido ao reduzido número de alunas na época que tinham o mesmo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4024 de 1961 estabeleceu como exigência para qualquer carreira de nível superior, o curso secundário. (NUNES, 2004, p.16)

³¹ Informação contida no livro “A trajetória dos Cursos de Graduação na Saúde” (1991-2004). Brasília: INEP, 2006. Ministério da Educação e da Saúde.

No Estado do Piauí na década de 1940, algumas moças manifestaram o desejo de dedicar-se ao cuidar e estes desejos eram observados desde a infância, pois era um dom que surgia e que era aperfeiçoado ao longo do tempo demonstrando o aspecto vocacional, como visualizamos no depoimento da enfermeira Miranda:

Quando pequena eu queria ser médica e estudar em Belo Horizonte, mas quando eu estudava no Colégio das Irmãs,³² eu passava por aquela área que hoje é o CCS (Centro de Ciências da Saúde), antiga LBA (Instituição de caráter assistencial) e visualizava algo que fez com que eu seguisse a profissão de Enfermagem. As mães que não tinham aonde deixar os seus filhos e então, deixavam lá... E eu via o zelo, a dedicação, o cuidado que as atendentes tinham com as crianças... E eu pensei, eu não quero mais ser médica, eu quero ser é Enfermeira... (Eu sou Enfermeira por vocação). (MIRANDA, Depoimento oral, junho de 2008).

Muitas pessoas observavam a doação e a dedicação com os cuidados aos doentes e mais carentes e tinham uma afinidade com aquela realização funcional, havia o despertar de um dom que as direcionavam, ainda que inconscientemente, aos primeiros passos para o caminho da profissão. Presentes nesta época, os cuidados assistenciais de Enfermagem eram prestados pelas irmãs de caridade, estes eram realizados no Pavilhão de tuberculosos, onde atualmente funciona o Hospital Infantil Lucídio Portela, como observamos em depoimento que segue:

Quando eu cresci um pouco, fiquei encantada com o trabalho da Irmã Teresa do Pavilhão de tuberculosos, onde hoje é o Hospital Infantil Lucídio Portela. O afincio ao cuidar daquelas pessoas, em encontrar meios para a desenvoltura de trabalhos inseridos no ambiente do hospital como arte, pinturas, inclusive, até dramatizações; Lembro-me de uma ocasião em que conseguimos o auditório do Colégio da Irmãs (As Irmãs cederam o espaço e o evento realizou-se no turno da noite) para realizarmos um espetáculo, vendemos ingressos e angariamos um bom dinheiro para ajudar no pavilhão e aos doentes carentes. (MIRANDA, Depoimento oral. Junho de 2008).

Na História do Colégio das Irmãs verificamos a inserção da Congregação das Irmãs dos pobres de Santa Catarina de Sena que iniciaram o externato em 1906 quando a sede ainda estava localizada à Rua Bela, hoje Teodoro Pacheco e, apenas em 1907, a sede do colégio passa a funcionar na Avenida Frei Serafim.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus tinha o objetivo não só de instruir as mulheres teresinenses, mas também de moldar os seus comportamentos, de criar uma mulher religiosa, apegada aos valores cristãos e exemplo de moral e virtude para a sociedade. O modelo a ser seguido era o das próprias freiras, que sempre estavam próximas e eram provas incontestáveis de abnegação, de virtudes, de sacrifícios em nome de um ideal maior. (CASTELO BRANCO, 1996,p.63)

³² Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundado em 1906, com a perspectiva de contrapor o ensino católico com o ensino leigo, provavelmente foi criado como um espaço para a absorção do alunado feminino oriundo das camadas abastadas de Teresina ou do interior do Estado. (QUEIROZ, 2008,p.67)

Tanto as Irmãs de Caridade São Vicente de Paulo, que prestavam assistência aos doentes nos Hospitais como aquelas que estavam envolvidas com o ensino eram imbuídas e permaneciam unidas no intuito de colaborar com a minimização do sofrimento de pessoas carentes e que precisavam de auxílio por ocasião de suas doenças.

No prédio que hoje funciona o HILP³³, em baixo, ficavam as enfermarias dos portadores de tuberculose, eram grandes, o local era bem ventilado. A Irmã de Caridade que ficava lá, era a irmã Teresa. Não morava no Pavilhão. Ela dormia e fazia as refeições na própria comunidade. Depois eu fui falar com a Irmã Teresa, falei do meu interesse e ela me deu os endereços das Escolas de Enfermagem, forneceu-me os locais aonde tinham as Irmãs de Caridade, naquela época as Escolas, mesmo sendo das Universidades Federais, eram dirigidas pelas Irmãs. A Escola Carlos Chagas, em Belo Horizonte, aonde eu estudei, Nossa Senhora das Graças, em Pernambuco, no Recife, e São Vicente em Fortaleza, Ceará. (MIRANDA, depoimento oral. Junho de 2008).

Almeida (2007, p.15) ao relatar que “a religião se insere na cultura de uma sociedade ao edificar regras e valores, ditando hábitos e costumes, normatizando corpos e esculpindo mentes (...) e modela uma teia inconsútil nas relações entre homens e mulheres,” enfatiza, que a mulher em sua realidade educacional detém um entrelaçamento de destinos entre a educação e a religiosidade.

A Escola de Enfermagem Carlos Chagas foi inaugurada em julho de 1933. A organização e a direção desta Escola foram realizadas pela Enfermeira Laís Netto dos Reys.³⁴ Foi a primeira Escola a diplomar religiosas no Brasil. A História, entretanto, obteve grande avanço com a busca em se promover o registro e o exame social de realidades anteriores, significativas para o crescimento profissional, assim como, com a preocupação de reflexões e elucidacões de histórias locais. A memória enaltece as experiências de vida e enfatiza o aperfeiçoamento da formação, como constatamos a seguir:

O trabalho de rememoração que reúne as recordações à escala de uma vida apresenta-se como uma tentativa de articular-se às experiências contadas (...) e é feito sob o percurso de formação ao longo da vida e de sua dinâmica, evidenciando as práticas formativas inerentes a um itinerário escolar, profissional e a outras aprendizagens organizadas, incluindo aí as experiências de vida que deixaram a sua marca formadora. (JOSSO, 2004, p.45)

O curso de Enfermagem realizado pela enfermeira piauiense Maria dos Aflitos Miranda na Escola Carlos Chagas em Belo Horizonte teve início em 1956 e finalizou em

³³ Na sede que atualmente funciona o Hospital Infantil Lucídio Portela (Hospital Infantil) funcionou o pavilhão de tuberculosos. Neste pavilhão as Irmãs de caridade também administravam os serviços de Enfermagem.

³⁴ Enfermeira formada pela Escola de Enfermagem Anna Nery em julho de 1925.

1958, com a sua formatura. Em grade curricular disponibilizada pela referida enfermeira observamos a duração do curso, a carga horária e as disciplinas cursadas.³⁵ Visualizamos tais aspectos em depoimento que aduz a razão de seu estímulo e escolha pela profissão de Enfermagem:

O currículo do Curso de Enfermagem tinha a duração de dois anos e quatro meses, com divisão em cinco fases, a última reservada para a Especialização, havia a exigência da Escola Normal como requisito para a realização do curso, assim como a obrigatoriedade na prestação de oito horas diárias de serviço ao hospital, com direito à residência mensal e duas meias folgas semanais. (MIRANDA, depoimento oral, junho de 2008)

Em 1968, através da Reforma Universitária, houve a necessidade de se rever os currículos mínimos dos cursos, ocorrendo uma modernização do Ensino Superior, isso foi reformulado e formalizado pelo parecer nº 163/72 e Resolução 4/72 do Conselho Federal de Educação³⁶. Observamos tais dados em depoimento da enfermeira Nogueira:

A escolha pela profissão foi feita no final dos anos sessenta. Naquela ocasião eu estava terminando o curso normal. O curso normal era dirigido à formação de professores primários e os preparava com alguns conhecimentos na área de biologia, ciências naturais, e de fato, quando eu pensei em me definir, a Escola na qual eu estudava nos levou a Escola Paulista, foi quando eu conheci o curso de Enfermagem e fiquei, realmente, encantada. Naquela época existiam ainda incentivos governamentais para a manutenção de moças cursando Enfermagem, todas as grandes Escolas de Enfermagem tinham residência. Assim era a USP, a Escola Paulista de Enfermagem, Escola Carlos Chagas, e eu fiquei encantada com a possibilidade de fazer o curso e aprender a cuidar. Por outro lado, hoje com um olhar mais crítico, teria que ser aquilo, porque a minha formação inicial, era a de professora primária e o vestibular era extremamente concorrido e se fosse para outra área eu teria que fazer cursinho. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008)

A especialização estava inserida no curso de graduação em algumas universidades e isso possibilitava que o profissional de saúde finalizasse o curso portando uma especialização.

O empenho das Universidades tinha o objetivo de oportunizar o ensino e chamar a atenção de alunas para a área da Enfermagem. Os profissionais Enfermeiros eram

³⁵ No histórico são visualizadas as disciplinas de técnica de Enfermagem, higiene individual, Anatomia, Fisiologia, Microbiologia, Parasitologia, Patologia, História da Enfermagem, Clínica médica e cirúrgica, Farmacologia e terapêutica, Tisiologia, Clínica ortopédica, Fisioterapia e massagens, Enfermagem de psiquiatria, Clínica urológica e ginecológica, Socorros de Urgências, Sociologia e ética. Enfermagem oftalmológica e obstétrica, puericultura, Saúde pública, dentre outras perfazendo um total de quase cinquenta disciplinas.

³⁶ Fonte extraída do livro “A trajetória dos cursos de Graduação na Saúde”(1991-2004)

insuficientes para a demanda, e inclusive, a busca por profissionais qualificados que pudessem assumir de forma criteriosa a realização de procedimentos assistenciais, fez-se necessária. Tais oportunidades foram bem aceitas, pois muitas estudantes viam este acesso como uma forma facilitada para o crescimento pessoal e profissional.

Como o curso de Enfermagem na UFPI, só seria instituído em 1973³⁷, as alunas que tinham tal tendência ao cuidar e à assistência, buscavam estes conhecimentos fora do Estado.

Muitas Enfermeiras Piauienses trabalharam em Hospitais fora do Estado, residindo no próprio Hospital, realizavam capacitações e treinamentos, caracterizando a importância da assistência e repassando os ensinamentos aos auxiliares de Enfermagem que eram em quantidade pouco significativa na década de 60. Pela impossibilidade de realizar o curso de Enfermagem no Estado do Piauí, algumas moças decidiram por estudar fora do Estado como referimos no depoimento da enfermeira Nery a seguir:

No período de 1966 e 1967, após conclusão do ensino médio, eu queria muito cursar Enfermagem, mas não havia possibilidade, pois o mesmo ainda não existia no Estado do Piauí. Em 1968, decidi ir fazer vestibular em São Luís, no Maranhão, aonde fui aprovada para o curso de Enfermagem. Desde cedo, sempre estive envolvida com esse maravilhoso processo do cuidar... Então, o curso foi realizado no período de 1968 a 1971, e posteriormente, comecei a trabalhar em Caxias, no Maranhão, prestando a Assistência de Enfermagem com dedicação, inclusive, residindo no próprio hospital. Lembro-me que trabalhávamos tempo integral e não tínhamos tempo para nada, sempre éramos chamadas para a realização de procedimentos específicos e aprendíamos muito. Realizávamos inúmeros treinamentos com as parteiras da região a fim de aperfeiçoá-las profissionalmente, assim também como ministrávamos cursos para os auxiliares de Enfermagem que eram poucos. Para, nós, Enfermeiros, quase não havia cursos de aperfeiçoamento, mas participávamos ativamente dos congressos. Na época de acadêmica sempre fui envolvida com as atividades de Enfermagem, com dinamicidade, buscando aprimorar os meus conhecimentos, e este envolvimento, inclusive, levou-me a ser Presidente do Diretório de Enfermagem. (NERY, depoimento oral, maio de 2008) .

O envolvimento com a Enfermagem e o seu caráter interdisciplinar contribuiu para que estas profissionais descobrissem um mundo diversificado, com diferentes culturas, saberes e linguagens determinadas pela busca contínua do conhecimento, direcionando-as em viagem imensurável ao saber.

Esta busca de conhecimentos propicia trocas de experiências enriquecedoras e inesquecíveis. O ensinar e o aprender estão interligados e têm base na ciência que une os laços

³⁷ Diferente das Escolas de Enfermagem fundadas em outros Estados antes e durante a década de 60, o curso de Enfermagem iniciou o seu funcionamento apenas em 1973, subordinado ao Departamento Médico.

culturais, intercala de hermenêutica os efeitos lingüísticos em cada cultura e permeia o aperfeiçoamento do ser em crescimento.

A profissão de Enfermagem e a sua busca pelo conteúdo criterioso de uma assistência qualificada e direcionada ao paciente são observadas em relatos de experiências profissionais, evidenciando a preocupação dos profissionais na época em se manterem atualizados e abertos às transformações que o ensino pudesse propiciar. Tais aspectos são demonstrados em depoimento da Enfermeira Piauiense Miranda que completou cinquenta anos de formada e que cursou Enfermagem na Escola Carlos Chagas, iniciando em 1956 e finalizando em 1958.

Iniciei o curso de Enfermagem pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em 1956 e finalizei em 14 de dezembro de 1958, vou fazer 50 anos de formada. Uma dedicação ao cuidar e à própria categoria. Ao chegar à Escola, fiquei muito empolgada quando vi a dedicação dos professores, realmente muito bons, dedicados, competentes, tinha uma parte das disciplinas como Anatomia, fisiologia que era lecionada pelo profissional de Medicina. A Enfermagem ministrava os cuidados e procedimentos de Enfermagem naquela clínica específica. Mas algo me chamou atenção, uma Irmã que realizava umas escalas de serviços, nas quais ela colocava algumas atividades que não eram atividades do Enfermeiro, então eu dizia, eu não saí do Piauí para isto. Foi quando mudou a direção da Escola, e a Irmã que nos foi direcionada foi uma pessoa muito determinada, com conhecimentos bastante amplos, havia feito cursos nos Estados Unidos, enfim, muito preparada. (MIRANDA, depoimento oral, junho de 2008)

A luta pelos direcionamentos da profissão já estava presente à época, os cuidados assistenciais da profissão eram normatizados e as alunas sabiam diferenciá-los, e apesar da ausência de gerenciamentos adequados, os aspectos funcionais e a caracterização da profissão de Enfermagem eram vislumbrados e enfatizados.

A Irmã que chegou, dinâmica, diferente, centrada, conhecedora dos aspectos assistenciais fez uma reunião com todos os alunos para identificar as dificuldades pois já existiam alunos muito decepcionados e eu era uma ... Houve um período em que eu fui fazer um estágio, aonde a chefe da Clínica era uma Auxiliar de Enfermagem, por que era Irmã... Não existiam Enfermeiras disponíveis e elas (Irmãs) achavam que isto era possível e que não haveria problemas(...) e eu ficava me questionando. Na época eu tinha 16 anos. Esta outra Irmã, ao chegar, após uma reunião com o reitor da Universidade, fez diversas colocações pertinentes a esta problemática e exigiu que fossem colocadas Enfermeiras nas chefias das clínicas. A Irmã suspendeu o estágio aonde não havia Enfermeiros até que fossem tomadas as devidas providências. Ela era disciplinada e rigorosa. (MIRANDA, depoimento oral, junho de 2008).

A Enfermagem teve grandes expoentes que a elevaram no decorrer do tempo, incentivando-a a crescer em sua verdadeira essência e conteúdo, assim como uma preocupação com a preparação e o aperfeiçoamento do profissional e o rigor de sua postura.

Interessante enfatizarmos as diferenças curriculares visualizadas no decorrer da evolução do ensino de Enfermagem ao observarmos o currículo do Curso de Enfermagem de 1956 a 1958, da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, onde a enfermeira piauiense Miranda concluiu o curso de Enfermagem.

O Curso da Escola Carlos Chagas durava apenas três anos e as alunas assistiam aulas de Técnicas de Enfermagem e outras disciplinas como: Drogas e soluções, técnica de ataduras, higiene individual, saneamento. Cursavam, também, no primeiro ano, as disciplinas de Anatomia, Fisiologia, Química biológica, Microbiologia, Farmacologia, dentre outras. Importante relatarmos algumas disciplinas diferentes cursadas na época como Tisiologia, Clínica ortopédica, Enfermagem urológica, Fisioterapia e massagens, Clínica otorrinolaringologia e Enfermagem oftalmológica.

As transformações na evolução do ensino foram significativas como o acréscimo ao curso de outras disciplinas necessárias à graduação e através dos novos direcionamentos advindos após a reestruturação dos cursos superiores, assim como as mudanças curriculares oriundas das novas Diretrizes Curriculares Nacionais. Essencial enfatizarmos o depoimento a seguir:

O estágio era realizado desde o primeiro ano, a nossa carga horária perfazia quase cinco mil horas. Nós tínhamos oito horas (8 h) de atividades diárias, em três anos, com férias em Julho e no final do ano. Pela manhã, os estágios e à tarde, as aulas. Os três primeiros meses eram apenas teóricos. Nós ficávamos em regime de internato, e era um atrativo na época para conseguir um recrutamento para aumentar o número de Enfermeiros no Brasil. O número era insuficiente. O vestir era impecável. Havia uma touca que era uma miniatura do chapéu das irmãs. (MIRANDA, depoimento oral, junho de 2008).

Na fotografia seguinte observamos um grupo de acadêmicas de enfermagem da Escola Carlos Chagas com a Irmã coordenadora, acentuando a caracterização da importância da supervisão religiosa. A postura e os trajes impecáveis demonstravam o rigor e as normas, às quais eram submetidas as alunas na época.



Figura 02 Alunas da Escola Carlos Chagas em Belo Horizonte em 1956. Fonte: Acervo da Enfermeira Miranda

A reconstrução de imagens, sentidos e significados através da memória é essencial para a reconstrução dos saberes. A lembrança de fatos, acontecimentos, experiências individuais nos permitem visualizar quão importante é a memória para a nossa história. As alunas de Enfermagem da Escola reuniam-se sempre para a realização de estudos em equipe, assim também como para lazeres. A união entre as estudantes marcou um engajamento importante no processo de formação das alunas. Como podemos observar na fotografia seguinte:



Figura 03 Alunas da Escola de Enfermagem Carlos Chagas em Belo Horizonte em 1956

Fonte: Acervo pessoal da Enfermeira Miranda

A Enfermagem teve um sustentáculo importante, ávido por uma estrutura adequada de sistematização. Não podemos esquecer que as primeiras “damas da lâmpada” como cita Oguisso (2005, p.65) foram visitantes em domicílio, padronizando o primeiro grupo organizado a visitar enfermos e prestar-lhes assistência.

Dentre os símbolos que foram adotados para a representação da Enfermagem, encontra-se a lâmpada, com a chama acesa em seu centro, representando a vigília, a assistência, a essência e necessária importância da visibilidade nos detalhes dos

procedimentos. O símbolo da lâmpada³⁸ foi uma homenagem a Nightingale que realizava supervisões noturnas utilizando-a, caracterizando a importância do cuidado e da assistência criteriosa aos doentes.

A lâmpada que se tornou o símbolo da Enfermagem tem o formato daquela da história de Aladim, mas a verdadeira lâmpada que foi utilizada por Florence tinha uma forma diferente e sua réplica encontra-se em um Museu localizado em Londres.

Importante enfatizar que este símbolo tornou-se parte histórica da profissão, pois nas formaturas antigas de Enfermagem eram realizadas solenidades com “a dama da lâmpada” que se caracterizava pela escolha de uma das alunas da turma para entregar o símbolo à outra turma que iria se formar ou realizar a oratória.

A importância da história faz com que percebamos a essência dos documentos que a permeiam, assim, observamos tal conteúdo em um diploma de 1958 da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. A Escola de Enfermagem Carlos Chagas era anexa à Escola de Medicina da Universidade de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

O diploma de Enfermeiro que data de 1958 era bem diferente dos diplomas atuais, eram enormes e tinham também o símbolo da Faculdade de Medicina. Uma viagem ao passado nos é propiciada ao visualizarmos tal documento que denota quão significativa é a memória e o seu conteúdo para a estruturação e direcionamento da História da Enfermagem.

Na fotografia seguinte podemos verificar o diploma de enfermagem da enfermeira Miranda que completou em dezembro de 2008, meio século de exercício da profissão.

³⁸ O Conselho Federal de Enfermagem em reunião ordinária em 28 de abril de 1999 decide aprovar o regulamento anexo que decide sobre juramento a ser proferido nas solenidades de formatura, bem como a pedra, a cor, o brasão e a marca que representará a Enfermagem. As simbologias aplicadas à Enfermagem são diferentes para o curso superior e os cursos de nível médio. Para o nível superior a representação é a lâmpada com a cobra e cruz com referências à ciência, o nível médio é caracterizado pela lâmpada e a seringa enfatizando a técnica, cura, saúde.

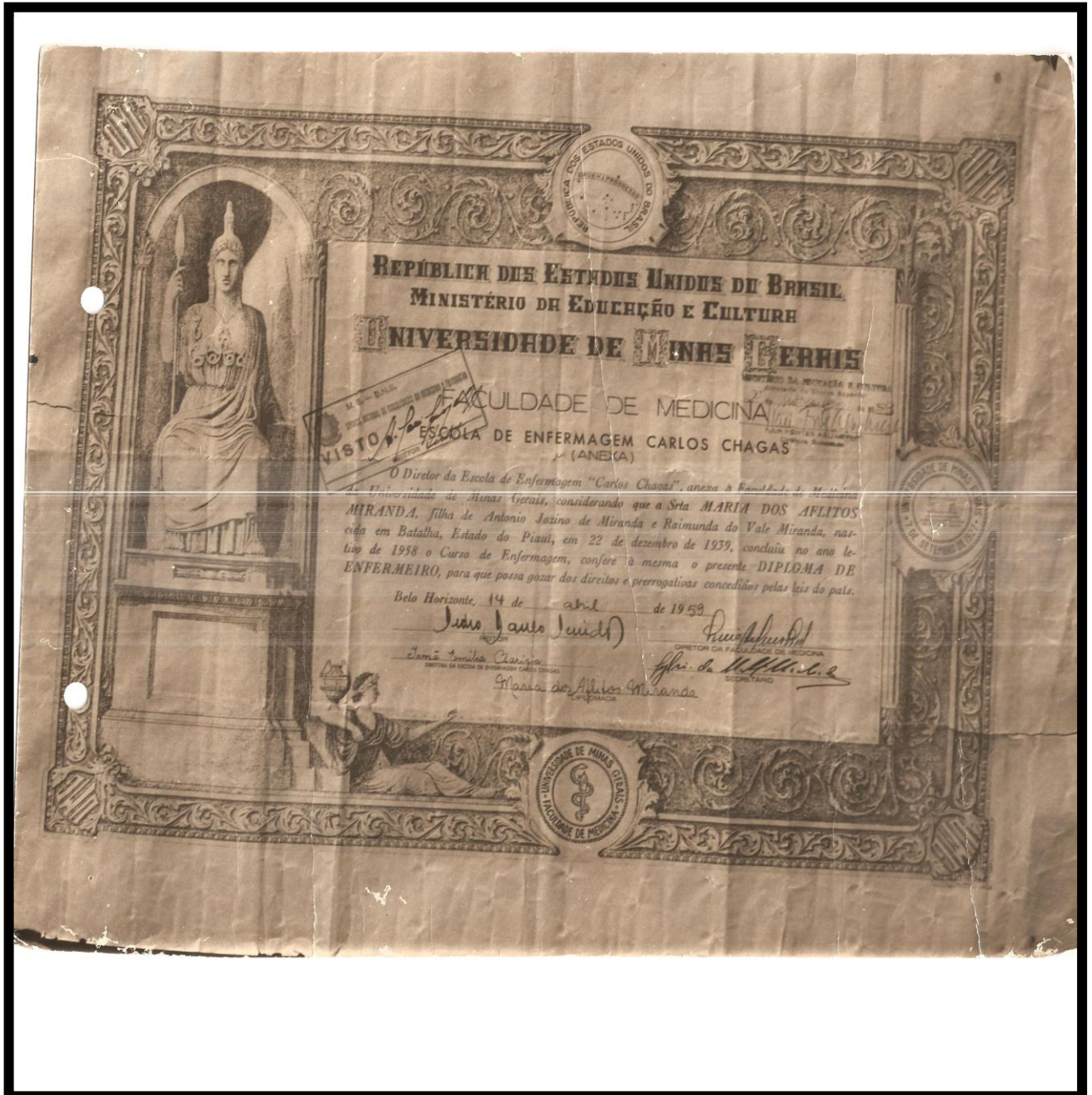


Figura 04 Diploma do Curso de Enfermagem de Enfermeira Piauiense realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais em 1958. Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Miranda

A solenidade de formatura em Enfermagem pela Escola Carlos Chagas, da Enfermeira Piauiense Miranda, ocorreu na cidade de Belo Horizonte, em dezembro de 1958. A Diretora Irmã Emília Clarizia estava presente, assim como o reitor da Universidade, o Dr. Pedro Paulo Penido³⁹. Houve durante a solenidade de formatura, algo que marcou para sempre a vida da enfermeira, um evento inesquecível, a entrega da lâmpada como a

³⁹ Informações disponibilizadas no diploma do curso de Enfermagem da Enfermeira Miranda

continuidade da assistência de Enfermagem. A lâmpada era entregue como símbolo a uma das alunas da turma que estava iniciando.

Durante a minha formatura, com apenas 19 anos, eu já sentia o peso da responsabilidade. Eu visualizei tudo passar tão rápido, tão de repente, e lá estava eu, Enfermeira, recebendo o diploma de Enfermagem das mãos de um renomado e querido professor de Obstetrícia, que à época muito nos estimulou. Observei aquele lindo ritual da entrega da lâmpada, o nosso símbolo, e pensei: não deixarei esta chama apagar... (MIRANDA, depoimento oral, junho de 2008).

A responsabilidade inserida na profissão caracterizava a ética e a prudência repassada de forma criteriosa às alunas durante o curso de Enfermagem.

A turma de Enfermeiras que se formou em 1958, pela Escola Carlos Chagas em Belo Horizonte, denota o caráter feminino da profissão à época e o rigor da solenidade como visualizamos em fotografia disponibilizada pela Enfermeira Miranda.

A possibilidade de olhar além do presente através desta fonte caracteriza a importância do passado e dos detalhes essenciais que podem ser vislumbrados: Uma aluna era escolhida para a realização do ritual da entrega da lâmpada para a turma seguinte, simbologia esta que foi realizada durante muitos anos nas Escolas de Enfermagem em todo o país, sendo este ritual também utilizado na primeira escola de Enfermagem de nível médio do Estado do Piauí, Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, criada e organizada pelas Irmãs de caridade, dirigida inicialmente pela Irmã Abrahide Alvarenga, irmã superiora e enfermeira formada pela Escola Anna Nery, para qualificar os atendentes de Enfermagem que atuavam na profissão em alguns hospitais da capital, mas que precisavam de um aperfeiçoamento de suas técnicas procedimentais.⁴⁰

Observamos nesta representação imagética a simbologia histórica inserida na profissão de Enfermagem com o ritual da entrega da lâmpada nas solenidades antigas de formatura.

⁴⁰ As Escolas de Enfermagem em todo o país realizavam este ritual como forma simbólica nas refeições de grau.



Figura 05 Formatura na Escola de Enfermagem Carlos Chagas em 1958

Fonte: Arquivo particular da Enfermeira Miranda

Este ritual era freqüente nas Escolas de Enfermagem da época simbolizando a continuidade da assistência que a profissão de Enfermagem estava apta a realizar. As alunas que finalizavam o curso entregavam a lâmpada como símbolo à turma que iniciava. Enquanto isso, várias pessoas sentiram-se estimuladas a se inserirem nesta profissão que aos poucos se direcionava, com afinco, a diretrizes cada vez mais qualificadas.

Muitas Enfermeiras Piauienses terminaram o seu curso em outro Estado, pois o ensino superior em Enfermagem no Piauí somente seria instituído na década de 1970.

Alguns dons eram voltados para a área da Medicina, mas ao dar início ao curso de Enfermagem, com a observância nos procedimentos assistenciais e específicos da profissão, o contato com o paciente, o desenvolvimento das disciplinas e a relação com o cuidar, a aluna encontrava uma aptidão maior em cursar Enfermagem, como abordamos em depoimento da enfermeira piauiense Sousa que cursou enfermagem na Universidade Federal Fluminense no Rio de Janeiro:

Eu iniciei o curso de Enfermagem em 1966, no Piauí ainda não havia o curso (apenas iniciando em 1973), eu cursei Enfermagem na Universidade Federal Fluminense, fiz empolgada por causa de uma colega minha, que já estava cursando e isto me estimulou, eu queria inicialmente cursar Medicina, mas fiz o vestibular para Enfermagem e fiquei encantada logo de início com o curso, gostei imensamente da estrutura do curso, dos professores...Iniciei as atividades e procedimentos no Hospital Universitário Antonio Pedro, pois o curso funcionava inserido na rede hospitalar e isto me oportunizou várias experiências, as quais me fizeram conhecer um pouco da Enfermagem e assim descobri que era o que eu realmente queria, ser Enfermeira. Foi um período muito enriquecedor, tanto profissionalmente como pessoal, pois os estudantes tinham muito valor, existiam muitos movimentos estudantis, nos quais eu me inseri, fui presidente do C.A de Enfermagem e participei das conquistas da época. (SOUSA, depoimento oral, agosto de 2008).

2.2 Profissionais Piauienses: expoentes no Estado

Algumas Enfermeiras Piauienses foram exponenciais, não somente para o Estado, mas deixaram o dinamismo, a realização de seus trabalhos e a sua história pelo país. Muitas profissionais cresceram pela força de vontade, pelos conhecimentos adquiridos, pela força, determinação e coragem, como observamos no depoimento da enfermeira Melo que lutou no decorrer da sua vida profissional pela inserção e reconhecimento profissional:

Na minha história de vida, por ser a primeira deficiente a cursar Enfermagem, então, os professores achavam que eu não tinha condições de exercer a profissão e fizeram tudo para que eu fosse reprovada em Fundamentos de Enfermagem. Pediam para que eu transportasse as macas com os pacientes, buscasse balas de oxigênio. Enfim, dificultavam ao máximo o meu trabalho, mas eu não desisti. Era o que eu realmente queria. Terminei o curso com muito respeito das colegas. Então, uma paciente com distúrbios mentais na época pediu que eu realizasse o curativo dela pois as minhas mãos, para ela, eram as únicas mãos que não a faziam sentir dor. Os professores reconheceram o meu dom, o meu trabalho. (MELO, depoimento oral, maio de 2008).

A importância da essência profissional fortalecendo a ocorrência dos fatos quando estes precisam acontecer. As histórias detêm uma fortaleza, estimulam as lutas, delineiam traços de vida e direcionam, através do tempo, as experiências. Muitas profissionais competentes, do nosso Estado, fizeram a sua história em outros lugares, iluminaram outros espaços, aguerridas, determinadas, fortes. Outras, retornaram, vieram visualizar, de perto, a realidade, o crescimento do Estado do Piauí.

Quando iniciou o curso de Enfermagem em Teresina, uma equipe foi em Belo Horizonte, buscar profissionais na UFMG. A Dra Isautina Goulart de Azevedo⁴¹ enfatizou que eles não precisariam de profissionais de Minas, pois eles tinham uma Enfermeira Piauiense muito competente que estava trabalhando com eles. Então, eu recebi o convite. A UFMG realizou o mesmo convite para que eu permanecesse. Mas, são os desígnios de DEUS, houve o falecimento do meu irmão e eu tive que retornar às pressas para Teresina. Tive que tomar uma decisão. Encontramos uma carta de 31 de outubro de 1972 que eu nunca tinha recebido até então, que citava e enfatizava o seguinte:⁴²

Querida Carlota,

...Como no início de 1973, a Escola de Enfermagem da UFPI, vai funcionar com vinte vagas, naturalmente que precisará de professores... E você, como Piauiense que é, precisa participar do surto de desenvolvimento por que passamos, dando a sua parcela de contribuição e tentando lutar pela integração de nossa gente (...) nós precisamos de nos juntarmos na luta que hoje se empreende no Estado do Piauí...⁴³

*Antônio*⁴⁴

A professora e enfermeira Melo foi uma das mais importantes professoras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Em sua homenagem, o auditório do Departamento de Enfermagem recebeu o seu nome, pela sua exímia dedicação ao curso de Enfermagem, desde a sua instituição em 1973. Na fotografia seguinte visualizamos a enfermeira Melo recebendo o diploma de enfermagem da diretora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte.

⁴¹ Isautina Goulart de Azevedo. Diretora da Escola de Enfermagem da UFMG na época da formatura da Enfermeira Piauiense Carlota Lina.

⁴² Depoimento de Carlota Lina de Sousa. Tal carta foi encontrada nos pertences da mãe da professora Carlota e que ela apenas teve a oportunidade de ler posteriormente ao falecimento do irmão.

⁴³ Trecho da carta do irmão da professora e enfermeira Carlota Lina Cardoso Melo, datada de outubro de 1972.

⁴⁴ Antônio Francisco Vieira Cardoso, irmão da enfermeira Melo. Faleceu em acidente automobilístico, deixando três filhas, uma delas com apenas vinte dias de nascida. Por este motivo, a professora retorna de Minas Gerais e permanece no Estado do Piauí.



Figura 06 Enfermeira Carlota Lina Melo recebendo o seu diploma de Enfermagem em Belo Horizonte em Minas Gerais na década de 60. Fonte: Acervo da Enfermeira Carlota Lina

A Enfermeira Carlota Melo é, no Estado do Piauí, um grande exemplo de dedicação e dinamismo. Participou ativamente da luta percorrida pela primeira turma de Enfermagem da UFPI por ocasião da necessidade da organização de grade curricular para a continuidade e estruturação do curso de Enfermagem. Engajou-se em vários projetos na área de Saúde pública e organizou setores hospitalares tanto para estágios na área da Medicina como na área de Enfermagem.

Mesmo antes da inserção do curso de Enfermagem na UFPI, já atuava como professora vinculada ao departamento de Medicina. Homenageada, por várias turmas de

Enfermagem, pela sua coragem, luta e determinação pela profissão, tornou-se para a História do Ensino de Enfermagem no Piauí um grande exponencial.

As Enfermeiras Miranda e Melo, formadas em Minas Gerais, dinâmicas e sempre em busca de aperfeiçoamento e desenvoltura profissional, participando juntas de um Congresso Brasileiro de Enfermagem, fato evidenciado em fotografia seguinte.



Figura 07 Enfermeira Maria dos Aflitos e Carlota Lina em Congresso Brasileiro de Enfermagem na Capital Mineira em 1972. Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Miranda

Algumas Enfermeiras, hoje, atuantes no Estado Piauiense, estudaram na Escola de Enfermagem Anna Nery, no Rio de Janeiro. A Escola Anna Nery, na época, era a melhor escolha para quem decidisse pela profissão, pelo padrão rígido que a mesma desempenhava no ensino de enfermagem. Um dos exemplos de afinidade com a assistência ao cuidar é a enfermeira Maria Ligia Almendra que, estimulada pela prima piauiense Dinalva Sepúlveda, também formada por esta Escola, saiu de Teresina para realizar o vestibular no Rio de Janeiro

em 1969. Segundo a mesma, o que a levou ao reconhecimento deste dom foi um acontecimento familiar que chamou a sua atenção, despertando-a para o mundo da Assistência de Enfermagem.

A minha mãe estava gestante e estava próxima a ocasião do parto e então, era acompanhada pelo Dr. Ursulino Martins, que foi o primeiro Diretor da Maternidade São Vicente, e pela auxiliar de Enfermagem, Dona Amparo, que trabalhava com o mesmo nesta Maternidade. Minha mãe havia realizado todo o pré-natal com este obstetra mais ele saiu de férias e minha mãe entrou em trabalho de parto e eu perguntei a ela se eu poderia assistir ao nascimento da minha irmã. Nesta época morávamos na Rua 1º de Maio e o parto foi domiciliar. Ela aceitou e isso foi determinante para a minha escolha. Acredito que a minha decisão foi realizada entre a emoção de ver a minha irmã nascer e o nascer de um sonho, o de aprender a cuidar... (ALMENDRA, depoimento oral, novembro de 2008).

Observamos que as escolhas profissionais, assim como as percepções de dons, podem ter o alicerce no desenvolvimento de experiências vivenciadas e o aperfeiçoamento do dom pode acontecer quando há a busca para que o objetivo seja alcançado.

A Maternidade São Vicente funcionou no espaço onde hoje está localizado o Ambulatório Lineu Araújo. Antes da inauguração da Maternidade, havia uma estrutura na qual estava situado o Departamento Nacional da Criança, local em que se planejava instalar um Hospital para tratamento de crianças. Dr. Ursulino Martins⁴⁵, presidente do Instituto de Assistência Hospitalar do Estado e diretor do Hospital Getúlio Vargas estava convencido de que o serviço de obstetrícia deste hospital necessitava de ampliação e não havia espaço para que isso ocorresse e conseguiu junto ao governador em exercício na época que fosse fundada a Maternidade São Vicente no dia 2 de fevereiro de 1954, após as reformas apropriadas, direcionando o serviço nesta ocasião. (RAMOS, 2003, p.158).

A contribuição que a Escola Normal⁴⁶ direcionou para a vida das mulheres no Estado do Piauí foi significativa porque as tornavam aptas ao campo profissional, também colaborando para aperfeiçoamentos posteriores.

Fiz o curso da Escola Normal e após lecionar um determinado período e crescer profissionalmente como educadora, decidi que queria fazer algo mais pelo meu

⁴⁵ Ursulino Veloso de Souza Martins. Médico Obstetra. Professor da Universidade Federal do Piauí. Diretor do Hospital Getúlio Vargas. Fundador da Maternidade São Vicente.

⁴⁶ O período de apogeu da Escola Normal do Estado deu-se de 1947 a 1972, pois muito se destacou o setor educacional piauiense, com as atuações de vários convênios com o Estado para as práticas docentes, irradiando novas idéias pedagógicas. (SOARES, 2004, p.93)

Estado. Preparei-me com um grupo de estudantes, no Rio de Janeiro, para prestar o vestibular. A consecução do meu sonho foi a aprovação no final de 1969 para o curso de Enfermagem. O curso teria início em 1970 e fui residir em caráter interno na Universidade do Rio de Janeiro em frente à praia de Botafogo na residência da Escola Anna Nery.(ALMENDRA, depoimento oral, novembro de 2008).

Na fotografia seguinte observamos a Enfermeira Almendra em frente à Escola de Enfermagem Anna Nery no Rio de Janeiro na década de 70, onde residia em caráter de internato para a realização do curso.



Figura 08 Enfermeira Piauiense Maria Ligia Almendra em frente à residência da Escola Anna Nery na praia de Botafogo no Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Almendra.

A solenidade de formatura da Enfermeira Maria Ligia ocorreu no dia 4 de agosto de 1973 no auditório do Centro de Ciências Médicas, na cidade Universitária, Ilha do Fundão.

Na época era reitor o professor Djacir Lima Menezes, a diretora da Escola Anna Nery, a professora Elvira de Felice Souza e a coordenadora dos cursos de graduação, a

professora Cecília Coelho⁴⁷. Nesta colação de grau foram diplomadas 60 enfermeiras, caracterizando, na década de 1970, a predominância do sexo feminino na profissão. O juramento realizado pela dama da lâmpada, Cely de Oliveira Paiva, enfatizou a responsabilidade profissional em um texto de autoria de Florence Nightingale, a precursora da Enfermagem Moderna.

Na presença de Deus e desta assembléia prometo: praticar com fidelidade a minha profissão; dedicar-me à promoção do bem estar dos doentes a mim confiados; abster-me de tudo quanto for pernicioso e contrário ao meu dever; Não ministrar drogas nocivas; guardar o segredo profissional durante toda a minha vida; fazer tudo que estiver em meu poder para manter e elevar os interesses de minha profissão.⁴⁸

A profissão de Enfermagem mantém-se feminina, após análise criteriosa de dados junto aos Conselhos Federais de Enfermagem.⁴⁹ A constatação da predominância feminina, mesmo com inserção gradual e estável do gênero masculino, viabiliza a necessidade de buscar e analisar informações para a construção de argumentos que expliquem esta predominância do sexo feminino, pois ao contrário de um passado vivenciado pela imposição do silêncio, resguardado por estruturas de poder que submetiam as mulheres a uma posição hierárquica inferior, o momento foi consubstanciado por sujeitos ativos, caracterizando mulheres com amplo acesso ao espaço público e com traços definidos de inúmeras e constantes conquistas.

As enfermeiras que se formaram em 1973 pela Escola Anna Nery foram um exemplo disso, pois em homenagem ao jubileu de ouro da Escola, devido a sua instalação em fevereiro de 1923, tiveram como capa de seus convites de formatura uma foto com as enfermeiras pioneiras da Escola que data de novembro de 1923.⁵⁰ Sobre este assunto a enfermeira Almendra faz um relato acerca dos fatos:

Não fomos consultadas, na época, quanto a nossa opinião acerca da foto antiga em nosso convite de formatura. Mesmo sabendo a importância do passado da nossa Escola e de como a homenagem tinha a sua essência, mas nós estávamos naquele momento presente, em nossa formatura, com nossos sonhos e ideais, assim como novas conquistas e então, decidimos, todas, ao contrário do que evidencia a foto de 1923, com as vestes até os pés, inovarmos em nossas próprias vestes. (ALMENDRA, depoimento oral, novembro de 2008).

⁴⁷ Informações contidas e disponibilizadas no convite de formatura da Enfermeira Almendra

⁴⁸ Texto de autoria de Nightingale contido no convite de formatura de Enfermagem da Escola Anna Nery em 1973.

⁴⁹ Informação contida no livro “A trajetória dos cursos de graduação na saúde- 1991-2004”.

⁵⁰ A figura 01 desta dissertação evidencia a foto das primeiras enfermeiras da Escola Anna Nery com representantes da Cruz Vermelha, que foi a capa do convite de formatura da turma de 1973.

A turma de Enfermeiras que formava em 1973 não foi questionada se realmente queriam que constasse em seu convite de formatura a fotografia da primeira turma de Enfermagem da Escola Anna Nery.

Tomaram a decisão de demonstrar algumas diferenças. Tal fato pode ser observado na fotografia da solenidade de colação de grau da turma de enfermagem de 1973:



Figura 09 Formatura de Enfermagem pela Escola Anna Nery no Rio de Janeiro em 1973.

Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Almendra.

A imagem acima nos reporta ao passado, quando observamos através da fonte iconográfica, as enfermeiras recém formadas em sua solenidade de graduação, cada uma das profissionais com um destino a seguir, um caminho a ser direcionado à assistência e uma vida dedicada ao cuidar.

CAPÍTULO III

3 HISTÓRIA E MEMÓRIA DO ENSINO DE ENFERMAGEM NO PIAUÍ

No terceiro capítulo abordamos o cenário da Educação e da Saúde no Estado do Piauí na época da estruturação e aperfeiçoamento do ensino médio de Enfermagem com a criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot e posteriormente da Escola São Camilo que são consideradas marcos no desenvolvimento do ensino de Enfermagem no Estado.

3.1 Educação e Saúde no Piauí

No Estado do Piauí, durante a República, o abandono político por quase dois séculos após a colonização, o desinteresse histórico pelo Estado, o significativo isolamento, e o tratamento discriminatório dispensado pelo Governo Federal contribuíram para a ausência quase total de estruturações e organizações hospitalares, assim como de recursos para tratamentos e cuidados assistenciais na área da saúde. (FERRO, 1996, p.38)

A evolução e o desenvolvimento da sociedade piauiense resumiam-se em uma dualidade característica da época, uma pequena minoria detinha uma concentração de renda significativa, enquanto o restante da população sobrevivia com o mínimo, era uma população em sua essência basicamente rural e com um controle sócio-político bastante solidificado.

As comunicações eram feitas através de ligações telegráficas e assim a população comunicava-se com o interior do Estado. A sociedade transformava-se lentamente mais seguia os caminhos da modernização, como evidencia a presença dos cinemas, jornais, produções literárias e uma discreta luz teatral com alguns espetáculos que iluminavam, esporadicamente, a vida de alguns.

A educação no Brasil buscava atender às novas necessidades, ao desejo crescente, não apenas da elite mais também das classes médias que aumentassem o seu nível de instrução. A instrução começava a se firmar como um valor positivo e de fundamental importância na sociedade brasileira. A educação feminina na cidade de Teresina no início do século XX continuava a ser doméstica. A vida feminina direcionava-se para o casamento e às mulheres eram destinadas tarefas como a educação dos filhos, passando pelo cuidado com os doentes e à fabricação de grande parte do que era consumido domesticamente (CASTELO BRANCO, 1996, p.59)

Conforme a época e o lugar, a questão social inter-relaciona aspectos raciais, regionais e culturais, juntamente com os econômicos e políticos confeccionando o vasto tecido de desigualdades e antagonismos de significação estrutural.

No Brasil, com a presença dos militares no poder, período este compreendido entre 1964 e 1985, em que o autoritarismo estava inserido em um regime centralizador em relação aos Estados, de certa forma dotado de um caráter modernizador pois aumentou a concentração de renda . Este modelo econômico era concentrador de renda o que gerou o aumento das desigualdades sociais e a maioria da população foi excluída dos benefícios destas transformações. (MEDEIROS, 1995, p.176)

O significado da Educação como um fator de desenvolvimento passa a ser percebido pelas forças políticas do Brasil no início da década de 60, mas as mudanças no sistema educacional só foram implementadas a partir de 1968, quando as modificações na vida social e na economia foram mais significativas e profundas. (ROMANNELI, 1995, p. 193)

A Educação Piauiense recebeu uma atenção primordial haja vista a necessária transformação neste setor devido a decadência da instrução pública.

Ressaltamos a força e influência sempre presente da política, pois “ o estar apto e ser capaz” de ministrar os conteúdos disciplinares não se manifestavam tão importantes, pois a indicação política e o prestígio eram prioritários para o exercício da profissão, enfatizando, também, a forma impositiva e a extrema autoridade que tinha a relação professor-aluno na época. Diversos profissionais dedicavam-se ao magistério, para sobreviverem ou como atividade suplementar, demonstrando a desvalorização salarial.

Neste período o ensino elementar foi dominado pelo sexo feminino, enquanto o secundário permanecia sob a responsabilidade, em sua maioria, dos professores. As

professoras, “preferencialmente”, deveriam ser solteiras ou viúvas, e se contraíssem matrimônio perderiam seus empregos e seriam imediatamente substituídas. O celibato tornou-se uma exigência, pois a dedicação feminina deveria ser exclusiva e a mulher deveria estar completamente entregue ao ofício de ser mestre, algo que não era exigido ao sexo masculino que poderia estar apto a realização de inúmeras atividades.

Além do magistério como atividade remunerada, o jornalismo, os trabalhos manuais e artesanais, a enfermagem era também um trabalho muito facultado às mulheres. No início do século XX, o saber médico exigia maiores preparos e melhor qualificação por parte das Enfermeiras. (CASTELO BRANCO, 1996, p. 97)

O cuidar de pessoas doentes significava um grande inconveniente e desgaste à sociedade, devido aos problemas apresentados em sua maioria pelos portadores de doenças infecto-contagiosas que existiam na época devido a prestação de cuidados ser realizada, na sua maioria, em domicílio, sem a assistência específica e necessária.

Havia pessoas que atuavam na área, mas que não se encontravam devidamente preparadas e aptas para a realização de determinados procedimentos assistenciais. Para a prática de algumas funções eram necessários conhecimentos específicos, ensejando a necessidade de aperfeiçoamento e qualificação profissional.

Devido ao rígido controle social, o que estava permitido não era a difusão das luzes dos saberes mais a disciplina e a moralização de condutas que refreassem a curiosidade, a aquisição e o aperfeiçoamento de conhecimentos.

Catani (2002) aborda que “raras são as obras memorialísticas que inter-relacionam o desenvolvimento histórico, social e as relações de gênero”. A educação no Piauí foi privilegiada pela cultura adquirida e originada por séculos de experiência e conhecimentos enquanto a saúde, mística e instintiva, desenvolveu-se lentamente analisando conhecimentos da natureza, na livre investigação e observação de fenômenos.

A saúde passou a constituir um problema sócio-econômico para o governo brasileiro que assume a assistência através da criação de serviços públicos, da vigilância e do controle, incorporando uma estruturação sanitária.

3.2 A memória inserida na história da evolução da enfermagem no Piauí

A análise de fatos que permearam a história da assistência de Enfermagem no Piauí, assim como, a estruturação do seu ensino viabilizam a possibilidade de identificar lacunas e evidenciar pontos obscuros, para que a memória desta história e destes ensinamentos possam ser refletidos e analisados no seu processo de evolução.

A presença da história oral enfatiza a importância do registro, do arquivamento e da análise da documentação obtida por depoimentos e testemunhos, além da inclusão de histórias e versões, anteriormente não ditas, não reveladas, evitadas por determinada época ou por pessoas e grupos de forma específica, dando vazão a diversidades de interpretações próprias, não oficiais, mas que fazem parte da sociedade. As fontes orais estão sendo utilizadas para dar um novo direcionamento à visão apenas documental, como observamos na descrição do autor:

Depois de um novo olhar para a história oral, minorias culturais e discriminadas, têm obtido espaço para que as suas palavras sejam estruturadas e alcancem um lugar diferente através das experiências vivenciadas, além de adquirirem maior sentido social, caracterizando lugares para aspectos ocultos em determinadas manifestações. (BOM MEIHY, 1998, p.31)

A percepção humana e o tempo têm o poder de humanizar que tem a história oral, tão esquecida anteriormente através de instituições e macroestruturas. Questionamos o alcance da história oral e quais as manifestações desta para com aqueles que não têm história, que ainda não foram reconhecidos, registrados, analisados, “a história visualizada de baixo” diferenciada da “grande história” que teria grandiosas explicações com necessárias análises documentais.

Somos um verdadeiro laboratório vivo de cruzamentos culturais, ainda não considerados analiticamente – com largo índice de experiências multiétnicas, religiosas, de trabalho- e como espaço cultural (...). Não podemos esquecer da essência de possibilidades e pontes que suscitam as trajetórias experienciais individuais e coletivas. (BURKE, 1992, p.12)

O interesse por pesquisas históricas revela a necessária busca pelos acontecimentos e como estes direcionaram o caráter evolutivo das práticas assistenciais e do ensino de Enfermagem no Estado do Piauí.

Momento inesquecível de leitura a uma entrevista da Revista Piauiense Presença, direcionada ao Monsenhor Chaves, culto e reverenciado historiador do Piauí, por ocasião da comemoração dos seus 90 anos de idade, pouco tempo antes de seu falecimento, quando foi questionado acerca da relação entre a sua fé e as transformações que a Igreja estava passando e o mesmo respondeu:

Veja como são os desígnios de Deus, eu estava nesta confusão mental, sem acreditar em nada, sem achar um rumo, quando comecei a me interessar pelas pesquisas históricas. Não seria exagero afirmar que a história me salvou. Eu mergulhei nas pesquisas (...) e aos poucos fui me reencontrando, dando um sentido a minha vida. (CHAVES, 2003)

Ao interpretarmos o conceito de história analisando a sua importância, citamos Walter Benjamin (1983) quando aduz que “a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar (...) no momento em que é reconhecido(...) irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que este presente se sinta visitado por ela.”

A emoção, as lembranças, a percepção do conteúdo, a interpretação, solidificam as histórias e tais memórias passam a construir os aspectos vivenciados, e esta análise posterior pode implicar na redescoberta de detalhes esquecidos, não visualizados e que devem participar do presente, através do passado rememorado. Nunes (2003) ao analisar a memória e a história da educação em suas práticas e representações descreve o significado do aspecto mnemônico.

Leva-nos a repensar o estatuto do espaço virtual e do tempo que é múltiplo, e os processos de construção de uma subjetividade, do conhecimento e das instituições (...) As memórias que temos do trabalho ao qual nos dedicamos, de nossas reminiscências da infância, da escola em que estudamos, de todas as práticas vividas, enfim, têm uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente. (NUNES, p.32)

Na história oral evidenciamos uma alternativa à história oficial sendo auxiliada pela documentação escrita e cartorial. A análise interpretativa contribui com particularidades importantes para a desenvoltura que o contato direto introduz no conteúdo dos depoentes e oralistas. Ao descrever acerca da importância da nova história, Burke (1992) cita que “ a história social tornou-se independente da história econômica para se fragmentar em história do trabalho, urbana, rural ...”. Tudo passa a ter um conteúdo histórico, com interpretações subjetivas concernentes às contextualizações.

A infância, a morte, a loucura, os odores, a sujeira, a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade (...) tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma

história. A fala, o silêncio, a lágrima... O antes imutável, é agora encarado como uma construção cultural. (BURKE, 1992, p.11)

A história encontra-se em um envoltório de reflexões, criações, surpresas, construções, vitórias, derrotas, lutas, conquistas dos espaços, onde são observadas novas análises e reflexões do passado, enfatizando a evolução de importantes práticas de ensino e cuidados de Enfermagem.

Em 1854 é inaugurado em Teresina o Hospital de caridade ⁵¹destinado ao atendimento de militares e funcionários públicos, seguida pela inauguração da Santa Casa de Misericórdia⁵², em 1860, hospital filantrópico, que apenas a partir de 1890 passa a atender a toda a população.

Em 8 de dezembro de 1860 inaugura-se a Santa Casa de Misericórdia de Teresina, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores. Era governador da província Manuel Antonio Duarte de Azevedo. Os atendimentos iniciais prestados pela Santa Casa eram procedimentos de ação humanística, os atendimentos à população eram prestados pelo Hospital de caridade, posteriormente, com aprovação da lei orçamentária de subvenção mensal, ficou disponível a verba de socorro público e a Santa Casa de Misericórdia estendeu os cuidados médicos para a população. (RAMOS, 2003, p.60-62)

A filosofia do trabalho das Santas Casas de Misericórdia no final do século XIX objetivava prioritariamente o exercício de caridade e misericórdia do que propriamente uma ação assistencial médico-hospitalar.

No governo de Gregório Taumaturgo de Azevedo, que exerceu o cargo de 1889 a 1890, engenheiro e bacharel em direito, fundador da Cruz Vermelha Brasileira (TITO FILHO, 1975, p.40), houve a realização de inúmeras ações de saúde pública inclusive um contrato de

⁵¹ A lei provincial de nº 9 de 4 de julho de 1835 manda criar um hospital de caridade em Oeiras (antiga capital do Estado), mas apenas em 1846, estando na presidência da província o Dr, Zacarias de Gois Vasconcelos, foi finalmente construído o Hospital, que apenas foi inaugurado m 1849. Com a transferência da capital para Teresina, em 1852, o Hospital foi inaugurado na nova capital em 1854, não estendia o seu atendimento à população geral e o fazia apenas aos militares e funcionários públicos, deixando a maior parte da população sem os cuidados assistenciais necessários. Revista do Instituto histórico de Oeiras. 1993-nº13. (REGO, J. E,1993,p.29)

⁵² A Santa Casa de Misericórdia prestava assistência àqueles que mais necessitavam de auxílio caritativo, posteriormente quando o Estado assumiu a saúde, esta assistência passou a ser direcionada a toda a população.

compromisso com a Santa Casa de Misericórdia⁵³. Na Santa Casa existia uma enfermaria denominada Enfermaria São João⁵⁴, dirigida e assistida pelo Médico Agenor Barbosa de Almeida, que seria posteriormente o primeiro diretor do HGV.

O atendimento médico era garantido graças a boa vontade e dedicação médica, irmãs de caridade e servidores, porém muito longe de atingir as reais condições para alcançar o desejado tratamento médico-hospitalar almejado pela população. (RAMOS, 2003, p.28)

Neste contexto é importante salientarmos algumas transformações nas ações sanitárias na Capital do Estado, a construção de esgotos sanitários (1894) e a instalação de luz elétrica em Teresina (1911).

Em 14 de julho de 1937 é sancionada lei para a construção do Hospital do Estado, posteriormente denominado de Hospital Getúlio Vargas. Neste período o governador do Estado em exercício era o médico e professor Leônidas de Castro Melo e em seu governo houve a promulgação da nova constituição do Estado (18.07.1935) assim como o acontecimento do golpe de Estado de Getúlio Vargas em 1937, com a criação do Estado Novo. Diversas obras de saúde pública foram realizadas neste período no Estado do Piauí.

No curso dos anos de 1937 e 1938, o então interventor Federal do Estado do Piauí, o médico Leônidas de Castro Melo, concebeu e idealizou a construção de um Hospital para substituir a Santa Casa de Misericórdia de Teresina, um hospital moderno com feição de Instituição de Ensino e Pesquisa (...) planejou também construir Escolas, reformar as existentes, criar e instalar postos de Saúde, proporcionar substancial desempenho no processo educacional, fomentar e melhorar o atendimento médico – assistencial e sanitário do Estado. (RAMOS, 2003, p.27)

A inauguração do HGV aconteceu em 6 de abril de 1941 quando o governo do Piauí assume a assistência médica da população, mas o seu real funcionamento somente teve início em setembro deste ano, quando a assistência médica e hospitalar foi finalmente transferida da Santa Casa de Misericórdia para o Hospital recém construído .

A situação da saúde na década de 1940 encontrava-se desorganizada em âmbito hospitalar, a ausência de normas de higienização e assepsia e a falta de conhecimentos e qualidade de capacitação e treinamentos contribuíram para que o Estado fosse obrigado a

⁵³ Instituição Hospitalar carente de recursos materiais e estrutura física adequada para que pudesse oferecer segurança aos procedimentos e ações assistenciais necessárias a um bom funcionamento hospitalar.

⁵⁴ Enfermaria localizada na Santa Casa de Misericórdia do Estado.

providenciar soluções imediatas e emergenciais. A Santa Casa de Misericórdia foi desativada quando o Hospital Getúlio Vargas iniciou as suas atividades, pois os recursos eram mínimos e as condições inadequadas para um funcionamento que disponibilizasse uma assistência organizada e criteriosa.

O quadro de funcionários pertinentes à área de saúde na época se caracterizava pela presença de poucos médicos. A presença de Enfermagem era evidenciada pela presença das irmãs de caridade que realizavam a supervisão e os serviços destinados à administração e por funcionários de nível médio que realizavam a maioria dos procedimentos assistenciais de Enfermagem.

No dia 14 de julho de 1937, sancionou-se a lei nº 148 para a sua construção com a denominação de Hospital do Estado e tal lei fixava o quadro de funcionários técnicos com 14 médicos, 01 farmacêutico e 10 enfermeiros. O Hospital Getúlio Vargas foi inaugurado no dia 3 de maio de 1941. O seu efetivo funcionamento veio a acontecer, realmente, em meados de outubro; Houve, então, a transferência da assistência médico-hospitalar da Santa Casa para o Hospital Getúlio Vargas. (RAMOS, 2003, p65)

Em todo o Brasil, na época, na maioria das instituições da saúde os cuidados assistenciais de Enfermagem eram realizados pelas Irmãs de caridade, assim como as direções das Instituições de ensino desta profissão. As irmãs que vieram para Teresina estruturar e aperfeiçoar esta assistência pertenciam à Congregação das filhas do Coração Imaculado de Maria, chamadas de Cordimarianas.

A assistência de Enfermagem prestada à época encontrava-se caracterizada pela atuação no âmbito administrativo⁵⁵, enfatizando a responsabilidade da limpeza e higienização hospitalar como uma das atribuições essenciais da Enfermagem, assim como a responsabilidade dos materiais instrumentais e das medicações. A fotografia seguinte caracteriza a estrutura inicial do Hospital Getúlio Vargas, sem as reformas ainda, com um belo jardim emoldurando a entrada do hospital.

⁵⁵ No Estado do Piauí na década de 40 a assistência de Enfermagem era prestada pelas Irmãs da Congregação das filhas do coração Imaculado de Maria, representada por superiora local, determinado por contrato em vigor.



Figura 10 Hospital Getúlio Vargas quando foi construído e inaugurado na década de 1940.

Fonte: Acervo pessoal de fotos da Enfermeira Miranda

A arquitetura e estrutura do Hospital Getúlio Vargas, nasceu com uma configuração destinada desde o início a ser universitária, alcançando uma maior contextualização com a criação da Faculdade de Medicina, em 1965 e do curso de Enfermagem, em 1973.

O HGV se fez criança, apareceu no cenário Piauiense, com a sua frente voltada para o norte, emergindo no centro de uma floresta de fícus, esculpido em forma de pássaros e animais da fauna brasileira, com duas alas laterais, a Leste e Oeste, dando-lhe uma forma de U, delimitando um jardim interno salpicado com roseiras e outras flores naturais cultivadas na região. (RAMOS, 2003, p. 130)

Com base no Decreto Lei Nº 374 de 24 de maio de 1941, houve a instituição das normas para o regimento interno do Hospital Getúlio Vargas que configurava no contexto como um hospital policlínico que atendia quadros emergenciais, urgentes e clínicos. Em nível setorial contava com os serviços de Pronto Socorro, com ambulatórios, salas de cirurgia e

unidade de internação. Havia um setor de triagem e enfermarias clínicas e cirúrgicas. As enfermarias eram destinadas às áreas de obstetrícia, pediatria, fisiologia, urologia, dermatologia, doenças infecto-contagiosas dentre outras. Os serviços de fisioterapia e odontologia também eram organizados e realizados neste hospital. Os serviços de rouparia, assim como o serviço mortuário e os cuidados com a capela eram realizados pela Congregação das filhas do coração Imaculado de Maria, representada por superiora local, determinado por contrato em vigor.

Os serviços de Enfermagem estavam acordados no artigo 14º do Regimento interno do Hospital:

Art14º Ao Enfermeiro do Serviço do Pronto Socorro compete:

- a) Estar presente e pronto para os serviços do seu cargo, quando e onde lhe for determinado em escala;
- b) Auxiliar médicos com dedicação, cumprindo as ordens que lhe forem dadas, tanto para o transporte como para o tratamento de doentes;
- c) Empregar todo o cuidado possível em benefício do doente, qualquer que seja a sua condição social;
- d) Zelar pela conservação do instrumental e material existentes no Serviço, sendo responsável pelos prejuízos que, por desleixo ou imprudência;
- e) Zelar pelo asseio das dependências do serviço;
- f) Ter sob sua guarda e responsabilidade o material e medicamentos das caixas de socorro.⁵⁶

O HGV não possuía setores específicos para internação de moléstias infecciosas como o tifo e a tuberculose tão presentes na época o que caracterizava um grande problema de controle de infecção hospitalar. Não existia na estrutura deste Hospital uma ala específica para a obstetrícia, não havia um pavilhão próprio em que funcionasse a maternidade.

Na década de 1950, o diretor e médico do Hospital Getúlio Vargas, Ursulino Veloso de Souza Martins, estava certo de que a obstetrícia que ainda funcionava no HGV deveria ser ampliada e não havia espaço para que esta estruturação fosse realizada, então, pleiteou junto ao governador em exercício, Pedro de Almendra Freitas, a construção de uma maternidade.

A idéia foi aceita e com as reformas apropriadas, a estrutura foi instalada no local onde hoje funciona o Ambulatório Lineu Araújo. A maternidade foi inaugurada em 1954, com o nome de Maternidade São Vicente, contribuindo para o aperfeiçoamento e crescimento na área de obstetrícia e nos cuidados assistenciais de Enfermagem prestados à mulher e à criança.

⁵⁶ Serviços de enfermagem detalhados e normatizados no regimento do Hospital Getúlio Vargas. Fonte: RAMOS, 2003.

A política de Saúde que estava inserida na época do Estado Novo não evidenciava compromissos formais com a comunidade, estava voltada mais para os centros hospitalares, com poucas preocupações com os aspectos sociais e com as necessidades básicas da população. No Estado novo foram criados os Departamentos de Saúde Pública, mas poucas foram as suas intervenções no Estado do Piauí.

O primeiro diretor do HGV, o médico ginecologista Agenor Almeida⁵⁷, confrontou-se com inúmeros problemas relacionados a aspectos administrativos, culturais e políticos no planejamento organizacional da estrutura Hospitalar que dirigia. Dentre eles um problema exerceu grande influência na assistência de Enfermagem desenvolvida à época pelas Irmãs de Caridade que foram transferidas da Santa Casa de Misericórdia para o Hospital Getúlio Vargas. (RAMOS, 2003, p. 137).

Na área da saúde, a Companhia das Irmãs de Caridade foi uma das primeiras associações a realizar cuidados de enfermagem em domicílio, aperfeiçoou a organização hospitalar, individualizando leitos e implantando os principais cuidados de higienização dos hospitais franceses. Os rituais de cuidado foram sendo construídos em uma estrutura voltada para a prática do cuidar, originando o que seriam as técnicas de enfermagem.

Por ocasião da inauguração e início das atividades no Hospital Getúlio Vargas, as superiores responsáveis pelo serviço, programaram normas que deveriam ser rigorosamente cumpridas relacionadas aos procedimentos de Enfermagem, padrões estes que seriam diferentes do que era realizado na Santa Casa de Misericórdia.

Devido a desentendimentos freqüentes e questionamentos, que muitas vezes culminavam em discussões com as religiosas, o diretor do Hospital Getúlio Vargas contratou uma Enfermeira de nível superior, Dagmar Rodrigues de Oliveira, natural de Juiz de Fora, interior de Minas Gerais, formada na Escola Anna Nery no Rio de Janeiro. No regimento interno do HGV, que dispõe sobre os serviços de Enfermagem, há a criação do cargo de enfermeira chefe. A Enfermeira- chefe recém contratada, assim que assumiu o cargo, constatou inúmeras deficiências no serviço, inclusive na realização dos procedimentos e na assistência de Enfermagem. (RAMOS, 2003, p. 138).

⁵⁷ Primeiro diretor do Hospital Getúlio Vargas e presidente do Instituto de Assistência do Estado do Piauí, médico, assumiu o hospital com as tarefas de colocar as clínicas e serviços do Hospital em pleno funcionamento e implantar o Instituto de Assistência Hospitalar do Piauí com ações administrativas em todo o Estado.

A observância da necessidade de treinamentos levou-a a realização de um curso de aperfeiçoamento de alguns atendentes, este curso obedeceu ao disposto no regimento interno que aduzia que, enquanto não houvesse uma Escola Oficial de Enfermagem responsável por estes aperfeiçoamentos, o Hospital Getúlio Vargas realizaria esta qualificação com o objetivo de preparar os profissionais para o exercício da profissão.

A primeira equipe de Enfermagem montada pela Enfermeira Dagmar era composta por 6 atendentes de Enfermagem que foram remanejados da Santa Casa e transferidos para o HGV e os 30 atendentes de Enfermagem que foram treinados no próprio setor Hospitalar. (NOGUEIRA, 1996)

Inúmeros foram os problemas enfrentados pela enfermeira chefe e o diretor do Hospital com as freiras transferidas da Santa Casa para o Hospital Getúlio Vargas, questões culturais e administrativas, assim também como os procedimentos e as ações assistenciais de Enfermagem, gerando uma situação conflitante. Alguns procedimentos de enfermagem que eram realizados pela equipe de atendentes de enfermagem antes da chegada no hospital da enfermeira –chefe deixaram de ser realizados pois a enfermeira formada pela Escola Anna Nery, muito rigorosa e criteriosa em seus princípios de formação profissional recente e diferenciada, queria instituir diferentes normas, que não foram aceitas pelas Irmãs que além de não cumpri-las, dificultavam a realização das mesmas.

Dagmar Oliveira era muito rígida, firme e inflexível em seus posicionamentos e decisões, era convicta de que os ensinamentos que lhes foram conferidos na sua escola de formação não poderiam ser contestados; desta forma, não aceitava acordos e opiniões que fossem contraditórios às suas técnicas e normatizações, fora ou à margem dos rígidos princípios que adquirira em sua formação profissional na Escola Anna Nery no Rio de Janeiro. (RAMOS, 2003, p138)

As Irmãs de Caridade sustentadas em seus princípios religiosos não abriam mão de suas idéias e não comungavam com o novo perfil de Enfermagem que a chefia queria implantar e estruturar. Alguns procedimentos como injeções endovenosas, sondagens nasogástricas e vesicais eram praticados à época pelos enfermeiros práticos⁵⁸ e a Enfermeira

⁵⁸ No Estado do Piauí na década de 1940, não existiam Escolas de Enfermagem que efetuassem treinamentos aos funcionários que trabalhavam na área de saúde. A primeira escola seria implantada nas dependências do HGV, na década de 1950.

Oliveira fazia a exigência que estas ações fossem realizadas pelo médico, devido ao que tinha aprendido na Escola de Enfermagem Anna Nery.

Estes fatores causaram verdadeiros transtornos e discussões na área médica e com as freiras cordimarianas que não aceitavam estas normas, pois acreditavam que os atendentes de Enfermagem estavam aptos à realização destes procedimentos pela experiência e anos de dedicação ao serviço. Os médicos eram solidários às freiras e comungavam com as mesmas que tais procedimentos deveriam continuar sendo realizados pelos atendentes.

As Irmãs passaram a se sentir incomodadas e reagiram fortemente junto à direção do Hospital aduzindo que o contrato celebrado com a Congregação estava sendo desconsiderado. Tal fato foi responsável pelo afastamento das freiras do HGV, como visualizamos no texto a seguir:

Comentava-se, afirmava-se e confirmava-se junto à Congregação e à população que as freiras tinham sido expulsas do HGV. A decisão do diretor de afastar ou expulsar as freiras do Hospital foi muito dura para a opinião pública, dramática em si mesma, radical talvez, traumática para o Governo, desprestigiando a Congregação religiosa e pouco entendida pela população. (RAMOS, 2003, p.139)

Existia um Contrato de compromisso entre o Governo e o Palácio Episcopal para a participação da Congregação na administração do Hospital, administração esta que seria realizada pelas freiras, na assistência de Enfermagem, assim como no âmbito administrativo que abrangia os serviços de rouparia, limpeza hospitalar e controle de equipamentos e medicações. Durante a construção do Hospital foi planejada, estruturada e organizada uma área específica para que as Irmãs permanecessem no Hospital e que serviria de moradia para as mesmas, como podemos visualizar no depoimento da enfermeira Nogueira:

Quando houve a construção do HGV, eles queriam a presença de Enfermeiras, e eles queriam estas, de origem Francesa, e que estavam difundindo as Escolas de Enfermagem no Brasil. O governador foi ao Rio de Janeiro, conversou com as irmãs e elas fizeram algumas imposições inclusive, a construção do espaço que hoje é a dermatologia⁵⁹, foi construído para agradar as freiras, aquela escada de mármore...estas irmãs vieram para Teresina, na intenção de criar um curso de Enfermagem por que as que vieram tinham a experiência de terem fundado a Escola de Fortaleza e a de Recife. Eles não pediram para vir as expoentes se não fosse por uma razão importante e um motivo específico. Acredito que não tenha havido condições para que isto ocorresse... Elas organizavam, não necessariamente davam as aulas, ficavam à frente, ficavam mais na área da Administração. Irmã Catarina Cola, por exemplo, pessoas que tinham a intenção de criar uma Escola de Enfermagem. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008)

⁵⁹ Área destinada à dermatologia no Hospital Getúlio Vargas atualmente era ocupada pelas freiras cordimarianas.

Dentro do contexto também é importante abordarmos a influência que o poder religioso tinha frente à população, muitos questionamentos foram realizados por ocasião da expulsão das freiras do HGV e acerca do descumprimento deste contrato de compromisso, principalmente em conseqüências referentes ao aspecto cultural, social e ao setor de saúde.

A Enfermeira Oliveira não resistiu às questões conflitantes em nível de procedimentos, reconhecia a experiência dos profissionais considerados habilitados, acreditava que tinham a aptidão para atuar na realização destas ações, mas não concordava que eles fossem responsáveis por estes aspectos funcionais no hospital. Depois de inúmeros desentendimentos, ela decidiu por não permanecer no serviço e optou por retornar ao Rio de Janeiro, passando a chefia de Enfermagem do Hospital Getúlio Vargas a ficar acéfala por determinado tempo.

Em seguida, a ocupação do cargo foi feita e desta vez por uma Enfermeira genuinamente Piauiense, Maria Otávia Poty⁶⁰, com formação superior na Escola Anna Néri. (NOGUEIRA, 1992)

A Enfermeira Poty procurou dar seguimento às mesmas rotinas e normas seguidas anteriormente pela Enfermeira Oliveira, entretanto, com um caráter de maior flexibilidade. Todos gostavam muito dela, era bonita, educada, expressiva e com grande capacidade de trabalho, sua presença era notada e sentida em todos os pontos do Hospital por meio de sua fotografia, de dedo em riste pedindo silêncio (RAMOS, 2003, p.142).Infelizmente não permaneceu muito tempo na Chefia de Enfermagem do Hospital Getúlio Vargas, pois morreu jovem, deixando uma lacuna importante haja vista a importância das atividades que estava realizando em nível assistencial no Hospital.

O Governo admitiu que o afastamento das freiras anteriores não culminou em melhora significativa no atendimento hospitalar, sendo observados que alguns setores ficaram desorganizados e sem um planejamento e organização adequados e sistematizados.

Era determinada no cumprimento de seus princípios religiosos, decidida, personalidade forte, competente, uma senhora alta, corpulenta, que andava com passos firmes e pesados, como se desejasse esmagar o pedaço do chão, autoritária, inflexível em seus princípios e ações. (RAMOS, 2003, p. 145)

⁶⁰ Primeira Enfermeira genuinamente Piauiense que atuou no Estado na assistência de Enfermagem. Formada pela Escola Anna Nery. Foi a segunda Enfermeira chefe do HGV.

A Irmã Margarida em sua trajetória na assistência de Enfermagem no Hospital Getúlio Vargas também obteve alguns desentendimentos com a área médica que culminaram com a sua saída do Hospital e retorno para Fortaleza. Era defensora dos funcionários de Enfermagem e quando estes tinham razão ela permanecia ao lado deles, demonstrando assim a determinação de uma supervisão pautada na ética, discernimento, competência e justiça. Com a saída da Irmã Margarida, as freiras organizaram-se dentro do Hospital e da comunidade e receberam, além do o apoio da população, a solidariedade dos médicos e também dos funcionários. Evento que marcou profundamente a vida religiosa à época era um hino belíssimo que era cantado por elas, além das orações da Ave Maria todos os dias às 18 h na Capela do Hospital Getúlio Vargas, como podemos observar em depoimento a seguir:

Era uma solenidade muito bonita, cheia de emoção que deixava um sentimento de grandeza interior muito forte, além de sermos levados a refletir, tínhamos a sensação de estar com Deus. As irmãs rezavam o terço e cantavam em francês o hino, todos os dias, às 18h, hora da Ave Maria. (RAMOS, 2003, p. 144)

Ao analisarmos como as memórias de algumas pessoas que estiveram presentes nos contágios, podemos observar quão importante e essencial são os acontecimentos passados e como podemos interpretá-los em contato com a nossa realidade presente e entendemos que “O passado é revisitado em um arrebatamento, em um devaneio que não pode deixar de lembrar o sonho ou a memória verdadeira. Aquela que recupera o passado sem intenção utilitária: é preciso atribuir valor ao sonho, é preciso querer sonhar...” Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. “A memória não é sonho, é trabalho”. (BOSI, 1994, p.55)

O passado não retrata apenas momentos de emoção, assim como também situações de significação social que relatam o cunho cultural da época como o preconceito. Condições sociais eram exigidas do sexo feminino para que as mulheres estivessem aptas ao trabalho.

Para trabalhar no HGV, a mulher tinha de ser solteira sem filhos ou casada. Se uma mulher que trabalhasse no Hospital Getúlio Vargas ficasse grávida, sem o comprovado casamento (papel passado), ou se casava ou era demitida. Esta postura administrativa implantada no Hospital foi introduzida e mantida pelas tradições e costumes sócias das congregações religiosas provenientes da Santa Casa de Misericórdia em Teresina e em outras regiões do Brasil.(RAMOS, 2003, p.215)

Os contratos de compromisso realizados entre o governo do Estado e as Congregações religiosas, embora favoráveis à estrutura e administração hospitalar, tinham significativa inflexibilidade e rigidez. As advertências, suspensões e multas, ou seja, os

descontos nos salários também eram realizados, assim como era perceptível um visível preconceito racial.

Na época não era raro que os profissionais que trabalhavam com a enfermagem não soubessem escrever com clareza, então, o preconceito era visualizado neste âmbito, por ocasião da admissão no hospital ou durante o trabalho na área hospitalar.

Havia na década de 1960, um número considerável de atendentes de enfermagem analfabetos, assim também como algumas Irmãs que ainda utilizavam o português arcaico do século XVIII.

O padrão de atendentes de enfermagem do HGV e no Piauí melhorou ou teve a oportunidade de qualificação técnica, com a criação pelas irmãs de caridade da Escola de Auxiliares de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot. Grande obra das religiosas, freiras, irmãs de caridade em benefício da saúde pública do Estado. (RAMOS, 2003, p.217)

As Escolas de Enfermagem de nível médio contribuíram muito para o aperfeiçoamento do ensino e para a evolução da profissão, pois oportunizou a muitos atendentes da área a aquisição de conhecimentos teóricos para que estes fossem inseridos junto à competência técnica.

3.3 ESCOLAS DE ENFERMAGEM NO PIAUÍ: MARCOS IMPORTANTES NO ENSINO DE NÍVEL MÉDIO

As Escolas de Enfermagem de nível médio do Estado do Piauí constituíram um marco importante no ensino da profissão de Enfermagem. A primeira Escola a caracterizar o ensino formal no Estado foi a Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot , seguida da Escola São Camilo que , após desativação da Escola Blanchot na década de 1980,seguiu o mesmo padrão formal com sustentáculo em padrões éticos e morais.

3.3.1 ESCOLA DE ENFERMAGEM IRMÃ MARIA ANTOINETTE BLANCHOT: SEMENTE QUE ESTRUTUROU AS RAÍZES DO ENSINO DE ENFERMAGEM NO PIAUÍ.

3.3.1.1 As irmãs Vicentinas no HGV

Na década de 1950, no Estado do Piauí, o setor da Saúde encontrava-se centralizado e voltado para as Instituições de Previdência Social. Nos aspectos políticos e administrativos, tudo transcorria sem tumultos e instabilidades.

A Escola de Enfermagem Anna Nery, no Rio de Janeiro, formou uma turma com doze religiosas da Companhia das Irmãs de Caridade⁶¹, das quais apenas dez religiosas colaram grau em 1942, dentre elas a irmã Abrahide Alvarenga,⁶² que veio para o Piauí em 1956.

Irmã Alvarenga, um espírito ventilado, uma mulher de grande visão, muito trabalhadora, proba, correta, instalou um regime novo no hospital, procurou estimular todos os profissionais de enfermagem a trabalharem voltados para o desenvolvimento da enfermagem, sendo muito dinâmica resolveu logo dinamizar a assistência de enfermagem e aperfeiçoá-la com a introdução de cursos de qualificação.⁶³

A Enfermagem científica e sistematizada foi, então, introduzida na Companhia das Irmãs de Caridade no Brasil, que além do trabalho voltado para a assistência nos hospitais, direcionava-se também aos ensinamentos criteriosos das técnicas procedimentais de enfermagem, propiciando a criação de diversas escolas nesta área da saúde, de caráter religioso, em diversos estados do país.

A permanência das irmãs no Hospital Getúlio Vargas por um determinado período, fez com que estas observassem as lacunas e as deficiências nas técnicas utilizadas pela equipe de enfermagem o que evidenciou a necessidade de realização de treinamentos específicos o que culminou posteriormente na fundação da primeira Escola de Auxiliar de

⁶¹ A companhia das Irmãs de caridade surgiu no século XVII na França fundada por Padre Vicente de Paula e Lisa de Marillac no ano de 1633. Foi uma das primeiras associações a realizar a assistência do cuidado em domicílio. Reorganizou alguns hospitais, favoreceu condições higiênicas, individualizou leitos para enfermos. (CASTRO, J.P, 1936) Vida de Luisa de Marillac: fundadora das irmãs de caridade. Petrópolis: Vozes.

⁶² Duas religiosas vieram para o Estado do Piauí, Irmã Catarina Cola em 1946, e depois Irmã Abrahide Alvarenga em 1956. Irmã Abrahide nasceu em Minas Gerais em 1907, formou-se pela Escola Anna Nery em 1942 e trabalhou em vários Estados Brasileiros antes de vir para o Piauí.

⁶³ Depoimentos de dirigente institucional, enfermeiras e auxiliares de Enfermagem. Informação contida em artigo publicado: Santos AMR, Nunes BMVT, Nogueira LT, Moura MEB, Vasconcelos, MRPV. Atuação da irmã de caridade Abrahide Alvarenga no Piauí: uma história a ser contada. *Texto & contexto Enferm* 2005;14(4): 551-6

Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot em 1958, instalada inicialmente nas dependências do HGV.

Esta escola foi construída em terreno doado pelo Estado e com a dedicação e empenho da Irmã Abrahide que com alguns auxílios e verbas levantou a estrutura e direcionou o ensino de enfermagem no Piauí. Além disso, como as Irmãs de caridade eram exponenciais no ensino de enfermagem no Brasil, a ABEn- Pi foi criada nesta fase com o apoio e dinamismo da Irmã Alvarenga. A criação da ABEn-Pi aconteceu em março de 1959 nas dependências do HGV, tendo como presidente a mesma.

Algumas atas da ABEn-Pi que foram escritas na época retratam informações acerca de legislações sobre o ensino médio de enfermagem, assim como a necessidade da criação de uma Escola de nível superior no Estado.

A diretora da Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot solicitou opinião sobre o currículo das escolas de auxiliares de enfermagem dizendo achar muito resumido. A interrogada informou que as cadeiras constantes na lei 775, de 6 de agosto de 1949 em vigor para o ensino da enfermagem, são realmente em número reduzido, mas poderão ser interpretadas amplamente, por isso, cada escola é livre de acrescentar outras matérias que julgar necessárias ao preparo eficiente de suas alunas. (Ata nº4- ABEn-Pi)⁶⁴

A maioria dos membros da Associação Brasileira de Enfermagem no Piauí era também professores da Escola Blanchot e portanto, preocupados com o ensino e com a legislação do mesmo. Em várias atas que datam da década de 1960 existem abordagens que caracterizam a necessidade de uma Escola de Enfermagem de nível superior, pois as enfermeiras diplomadas na época eram poucas e a demanda significativa de serviços, existindo também, por parte do Governo do Estado um interesse em criar um Curso Superior de Enfermagem. “Houve a solicitação de médicos interessados em saber o currículo de uma Faculdade de Enfermagem pois o governo encontrava-se na época disposto em fazer funcionar esta Faculdade brevemente”. (Ata nº42- ABEn- Pi)

O governador do Piauí em exercício na época era Jacob Manoel Gayoso e Almendra, militar e historiador, incentivador de várias reformas administrativas, construiu modernas unidades escolares, sendo posteriormente sucedido por Chagas Rodrigues que exerceu o cargo até 1962, e neste período observou-se a expansão da rede de ensino

⁶⁴ Nunes BMVT, Santos, AMR, Moura, MEB, Silva, MEDC, Monteiro, CFS, Carvalho, ML Memória coletiva da Associação Brasileira de Enfermagem- Seção Piauí. Rev Bras Enferm 2007 jul-ago; 60(4);464-9

secundário e normal, assim como a preocupação no setor saúde com a melhoria da assistência de Enfermagem.

No final da década de 1950 e início da década de 1960, constatamos que a enfermagem piauiense evoluiu com a organização e formação de pessoal com aptidão para o atendimento hospitalar. Observamos que um dos fatores primordiais deste avanço estrutural e direcionador do ensino e da assistência foi a chegada das Irmãs de Caridade no Piauí que constataram deficiências nas práticas assistenciais aqui realizadas e dedicaram-se à luta para que estas dificuldades fossem sanadas através da consecução de apoio para a inserção de cursos para o aprimoramento das técnicas de enfermagem.

3.3.1.2. Fundação e Organização da Escola Maria Antoinette Blanchot

O Hospital Getúlio Vargas estruturou o funcionamento inicial da Escola de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot em suas dependências até a sua transferência para a sede própria localizada na Rua Olavo Bilac, 2335, sul, em Teresina. A Escola de formação de auxiliares de Enfermagem estava vinculada à Associação de São Vicente de Paulo em Fortaleza, localizada na Avenida Desembargador Moreira, 2211, no Estado do Ceará.

O curso de auxiliar de enfermagem fundado, organizado e realizado pelas Irmãs impulsionou o aprendizado e a qualificação de forma a direcionar um cuidado assistencial muito mais criterioso. Através de uma portaria de 4 de março de 1959, o Ministro de Estado da Educação de acordo com o disposto no artigo 10 da lei nº 775, de 6 de agosto de 1949, foi concedida a autorização para o funcionamento do Curso de auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, mantida pela Associação de São Vicente de Paulo. Conforme observamos em portaria a seguir:

O ministro de Estado da Educação e cultura, no uso de suas atribuições resolve: Conceder a autorização para o funcionamento do curso de auxiliar de Enfermagem da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot, mantida pela Associação de São Vicente de Paulo e situada em Teresina, capital do Piauí- De acordo com o disposto no art. 10º da lei n 775, de 6 de agosto de 1949 e em vista do que consta no processo nº 122.210.57 (PORTARIA DE 4 DE MARÇO DE 1959)

O Governador do Estado do Piauí, em exercício na época, Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, reconheceu através da lei nº 1972, de 10 de agosto de 1960, como sendo de utilidade pública a Escola de auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot. Em

1960, a Prefeitura Municipal de Teresina, também, tendo em exercício o prefeito Petrônio Portela Nunes no cargo reconheceu a utilidade pública da Escola de Enfermagem Antoinette Blanchot, através da lei nº 730 de 17 de agosto de 1960.

O presidente Jânio Quadros, em Brasília, através de Decreto Lei nº 51.157 de 7 de agosto de 1961 concede o reconhecimento do curso de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot.

3.3.1.3 Primeiras professoras Enfermeiras da Escola de Enfermagem Antoinette Blanchot

Por ocasião da inauguração da Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot houve a necessidade de contratação de Enfermeiras que pudessem ministrar as disciplinas necessárias ao prosseguimento do curso na Escola. Algumas Enfermeiras que estavam finalizando o curso de Enfermagem fora no Estado foram convidadas pela Irmã Abrahide Alvarenga, madre superiora supervisora, sobre a possibilidade de retornarem ao Estado do Piauí e contribuir para a evolução da Enfermagem local.

A Enfermeira Piauiense Maria dos Aflitos Miranda assim que finalizou o curso de Enfermagem pela Escola Carlos Chagas em 1958, em Belo Horizonte, decidiu vir para o Piauí, para ser professora da Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, a convite por carta da Irmã Abrahide Alvarenga.

A Irmã Cecília Bering, Enfermeira e professora de Obstetrícia na época, observou o meu desempenho e achou que eu deveria ser professora, nomeada, da Escola Blanchot. Todo o pessoal era de responsabilidade das Irmãs. Nesta época a Irmã Abrahide observou que não havia condições de realizar um trabalho de Assistência de Enfermagem sem qualificação, e a solução seria a criação de Escola de Enfermagem. Houve um estudo realizado na época que evidenciou o Piauí como o Estado que tinha mais profissionais de Enfermagem espalhados por todo o Brasil e foi a Irmã Abrahide quem me falou a respeito, manifestando-se muito preocupada com este aspecto situacional. Criando a Escola no Piauí, o profissional seria orientado, formado e este ficaria aqui no Estado que era carente de profissionais. (Ela citou-me isso em cartas) .(MIRANDA, depoimento oral, junho de 2008).

A Enfermeira Miranda após finalizar o Curso de Enfermagem em Belo Horizonte iniciou as suas atividades como professora da escola Blanchot logo na primeira turma para ministrar disciplinas teóricas e para acompanhar alunos na prática de Enfermagem que era realizada no Hospital Getúlio Vargas.

Na conjuntura sócio- econômica e cultural, na década de 60, no cenário Brasileiro, observamos uma grande instabilidade política devido às reivindicações e lutas de classe, necessárias para a aquisição de direitos. No setor da saúde, no Estado do Piauí, houve a inauguração da Casa Mater⁶⁵, uma reforma importante no HGV e muitas transformações evidenciadas nos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais no perfil do profissional de saúde no Estado do Piauí.

Assim que eu cheguei, 6 de Janeiro de 1959 foi para iniciar a primeira turma da Blanchot. A irmã Maria Moura era secretária na época da Irmã Abrahide. Assim que cheguei fui logo contratada pela Irmã Abrahide verbalmente e fiquei acompanhando alunos na Clínica Médica, quem me pagava era o Dr. Lucídio Portela, e como a verba só saía de seis em seis meses, era quando eu recebia o meu salário. Em 1958, a Escola já tinha sido criada, implantada, mas começou a funcionar efetivamente em Janeiro de 1959, nas dependências do HGV. A Irmã Abrahide Alvarenga escreveu-me dizendo que estava fundando a “Escola Antoniete Blanchot” e que precisava de mim em Teresina; E o que me fez também retornar, foi achar que o Estado do Piauí precisava de mim como profissional. (MIRANDA, depoimento oral, junho de 2008).

Importante abordarmos que a profissional Piauiense manifestou o desejo de contribuir para o aperfeiçoamento da profissão de Enfermagem no Estado, pois existiam muitas pessoas que exerciam as atividades de Enfermagem sem a fundamentação teórica e as adequações práticas que eram normatizadas e padronizadas pela profissão.

A Enfermeira Miranda ficou sendo monitora da Clínica Médica conforme evidenciado em declaração emitida pela Irmã Abrahide Alvarenga, em 23 de fevereiro de 1960. O papel em que foi emitida a declaração da professora e enfermeira ainda tinha o timbre da antiga Avenida Presidente Vargas, como podemos visualizar em documento seguinte e em seguida a fotografia da Enfermeira Piauiense Miranda, que se formou com apenas 19 anos, na data da sua colação de grau em Belo Horizonte pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

⁶⁵ Atual Hospital Aliança. A Casa Mater foi fundada em 1966, Instituição Hospitalar privada, aberta a todos em pleno exercício profissional criando alternativas no campo de trabalho do médico, do enfermeiro e dos auxiliares de enfermagem.

ESCOLA DE AUXILIAR DE ENFERMAGEM "IRMÃ MARIA ANTOINETTE BLANCHOT"
AV. PRESIDENTE VARGAS, N.º 2.352 — TEL: 312
Terezina — PIAUI

A T E S T A D O

Atesto para os devidos fins que, D. Maria dos Aflitos Miranda, Enfermeira diplomada, exerce, há um ano, a função de Monitora de Clínica Médica na Escola de Auxiliar de Enfermagem "Irmã Maria Antoinete Blanchot". Tendo demonstrado senso de responsabilidade e eficiência profissional.

Teresina, 23 de fevereiro de 1960

Irmã Abrahide Alvarenga

Irmã Abrahide
Assinatura
Teresina, 23 de fevereiro de 1960

Figura 11 Declaração emitida pela Irmã Abrahide Alvarenga dos serviços prestados à Escola Blanchot pela Enfermeira diplomada Maria dos Aflitos Miranda que data de 1960. Fonte: Acervo da Enfermeira Miranda.



Figura 12 Maria dos Aflitos Miranda em sua formatura em 1958, aos 19 anos de idade, pouco tempo antes de vir trabalhar na Escola Blanchot, em Teresina. Fonte: Acervo da Enfermeira Miranda

Na época havia a preocupação com o ensino de Enfermagem quanto aos aspectos éticos e em nível comportamental, uma demonstração de cuidados com o ensino das práticas profissionais, com ênfase à necessária cautela dos professores ao ensinar com critério os procedimentos que seriam realizados pelos atendentes de Enfermagem, existentes em número reduzido nos Hospitais. Os profissionais existentes na época eram escassos e precisavam de aperfeiçoamento em nível assistencial. Existiam poucos Enfermeiros no Estado na década de 60, pois o curso de Enfermagem na UFPI apenas seria instalado em 1973, vinculado ao Departamento de Medicina Comunitária.

O início do ensino formal e estruturado de Enfermagem, em nível médio, iniciou-se com a Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoniete Blanchot, sendo considerado um

exemplo de ética na postura e comportamento, como podemos citar em depoimento de uma das professoras da escola na época:

Eu fiquei na Escola Blanchot durante 5 anos , eu sou do Maranhão e era praticamente recém formada (1 ano e meio), quando adentrei na mesma.Foi uma experiência muito boa, foi maravilhoso por que era a única Escola de formação de Enfermagem, pois quando aqui cheguei , não havia nenhum curso superior. Havia realmente a Escola Antoniette Blanchot que era da coordenação das irmãs de caridade (São Vicente de Paulo), e a preocupação da Instituição não era apenas a parte técnica, mas também uma preocupação ética, na postura, no portar-se e no comportamento, pois vim de uma Escola aonde se primava pela ética , e na Blanchot, o aluno era uniformizado, havia um padrão, não era uma bata,como é atualmente, mas nós tínhamos um uniforme padronizado do auxiliar de Enfermagem. (MENEZES, depoimento oral, maio de 2008).

A Escola Blanchot começou a funcionar no Hospital Getúlio Vargas e algumas alunas que começaram a estudar na Escola já trabalhavam neste hospital e a instalação deste ensino formal foi muito importante para os profissionais de Enfermagem que prestavam assistência sem uma supervisão adequada e criteriosa, sem embasamentos teóricos que pudessem aperfeiçoá-los e direcioná-los na profissão.

O Hospital Getúlio Vargas, além da admissão e tratamento de pacientes em diversas áreas, também recebia as gestantes, pois o setor de obstetrícia funcionava nas dependências deste Hospital, sendo apenas posterior a construção e inauguração da Maternidade São Vicente, em 1954, quando este setor foi finalmente transferido para uma estrutura mais qualificada com profissionais treinados para a realização de procedimentos específicos da área. As infecções eram muito frequentes e as técnicas procedimentais não eram adequadas, como podemos observar em depoimento de funcionária do Hospital e aluna da primeira turma da Escola Blanchot :

Eu fui aluna da primeira turma da Blanchot, em 1959-60. Eu trabalhava há muito tempo no HGV, quando ainda não existiam as irmãs, que chegaram depois. Naquele tempo funcionava a obstetrícia no segundo andar, havia a ala das gestantes, as salas de parto, a ala das puérperas. Observávamos muitas infecções puerperais acontecerem devido as ausências de técnicas assépticas que temos hoje. As luvas eram fervidas em esterilizadores elétricos. Naquela época vivíamos empiricamente. A Irmã Abrahide foi a fundadora da Escola e era a Madre superiora das Irmãs . Lembro-me muito bem da Irmã Margarida, determinada, cheia de zelo, dedicação e responsabilidade, obstinada pela profissão. Em 1954, foi inaugurada a Maternidade São Vicente, e a obstetrícia que funcionava no HGV, foi transferida para lá. Eu mesma fui preparar o ambiente, pela questão da experiência que eu tinha adquirido com o tempo no HGV. (VILARINHO, depoimento oral, julho de 2008).

O curso de auxiliar de Enfermagem “Irmã Maria Antoinette Blanchot” impulsionou o aprendizado e a qualificação de um grande número de pessoas que não estavam aptas a

trabalhar em hospitais e que mesmo assim o faziam sem um adequado e criterioso preparo para a assistência.

A assistência de Enfermagem evoluiu de forma significativa na área da obstetrícia com a transferência dos serviços obstétricos realizados nas dependências do HGV, para a Maternidade São Vicente, inaugurada em 1954 e construída para que os cuidados assistenciais destinados às gestantes e crianças obtivessem melhor qualidade nos procedimentos, pois existiam inúmeros casos de infecção hospitalar, puerperal e neonatal.

A Maternidade São Vicente foi um dos locais em que as alunas da escola recém inaugurada estagiaram e aprenderam acerca da assistência de Enfermagem nesta área específica. Na época, as Irmãs de caridade ainda estavam atuantes na área administrativa hospitalar. Alguns alunos da Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot já trabalhavam nos hospitais e precisavam de uma qualificação profissional que propiciasse aos mesmos maiores cuidados principalmente com as infecções hospitalares que eram significativas como evidenciamos em depoimento de funcionária de enfermagem que trabalhava no local e que acompanhou os problemas estruturais da Instituição na época:

Com a criação da Escola Blanchot, houve a necessidade de se preparar o campo de estágio e assim a Maternidade São Vicente foi um dos espaços utilizados. Naquela época só existiam os atendentes de Enfermagem e as parteiras, não havia os auxiliares e os técnicos de enfermagem. A Irmã responsável pelos estágios dos auxiliares de Enfermagem foi a Irmã Francisca da Congregação de São Vicente de Paulo. Naquela época era muito difícil. Cada parteira (não havia uma ala de pré-parto) era responsável por uma área, havia a área dos convênios, a particular e a área dos indigentes. (VILARINHO, depoimento oral, julho de 2008.

Os aspectos negativos relacionados à ausência de controle de infecções na época eram muitos, pois existiam as enfermarias das indigentes e através de depoimentos relatados sobre a época, evidências foram caracterizadas e abordadas como a grande demanda de partos, a falta de uma estruturação física adequada e espaço para todas as mulheres em trabalho de parto.

A inexistência de uma organização adequada era marcante porque um mesmo leito era compartilhado por duas ou três mulheres ao mesmo tempo causando com isto uma situação de descontrole e negligência, havendo a necessidade emergencial de providências relacionadas ao controle de leitos e prevenção de infecções hospitalares.

A Enfermeira e professora Carlota Melo encontrava-se à frente na organização da Maternidade São Vicente, e devido as suas observações criteriosas atentou para o grande número de infecções em recém nascidos, nesta Maternidade, ocasião em que descobriu,

supervisionando o berçário a existência de roedores nas dependências da Maternidade. Constatamos a veracidade deste fato com o depoimento da enfermeira Sousa:

Chamava atenção a área da indigência, pois havia muitas parturientes e poucos recursos, conta-se que eram três mulheres em uma mesma cama para a realização do parto, caracterizando uma necessária intervenção. Carlota Melo foi convidada a preparar a maternidade para os estágios da medicina, pois o MEC iria fiscalizar a Maternidade. Ela constatou as dificuldades que a irmã Francisca havia citado, inclusive chegando ao extremo com a existência de inúmeras mortes de crianças no berçário, com a presença de hemorragias e ela começou a investigar tal fato e descobriu que eram “ratos” que roíam o coto umbilical das crianças. Com esta descoberta, através da presença da enfermagem, foi que iniciaram um tratamento de higienização, pintaram a maternidade, realizaram o que foi necessário para uma reestruturação.” (SOUSA, depoimento oral, agosto de 2008).

Esta reestruturação hospitalar e a qualificação de pessoal direcionaram o processo de Institucionalização da Enfermagem moderna no Piauí, assim como cresceu a procura pelo ensino de Enfermagem na capital Piauiense pois os cursos realizados eram caracterizados e conhecidos por sua disciplina rigorosa, com exigências de qualidades morais das candidatas, persistindo o caráter da feminização.

3.3.1.4 Estrutura Organizacional da Escola Irmã Maria Antoinette Blanchot

O acesso à Escola Blanchot⁶⁶ foi o caminho para o aperfeiçoamento de muitos atendentes de Enfermagem que se dedicavam à profissão e que precisavam de um embasamento teórico, principalmente em questões de Controle de Infecções, realização de procedimentos adequados, pautados em uma assistência criteriosa. Para adentrar na Escola havia a necessidade de realização de um processo seletivo⁶⁷ para que os candidatos fossem admitidos.

A Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot funcionou durante alguns meses no Hospital Getúlio Vargas mas logo em seguida a Irmã Abrahide conseguiu um terreno para que fosse construída a sede da Escola, que entre as décadas de 1960 a 1980, foi a mais importante Instituição de Ensino de Enfermagem no Estado do Piauí.

⁶⁶ A Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot foi a pioneira no ensino de Enfermagem no Estado do Piauí no final da década de 50.

⁶⁷ Os alunos da Escola eram em sua maioria de baixa renda, muitos alunos tinham bolsa de estudos e a Escola contava com algumas doações, mas o processo seletivo era realizado anteriormente para avaliação das aptidões dos mesmos.

A fotografia abaixo mostra a sede da Escola de Enfermagem que funcionou durante mais de vinte anos localizada na Rua Olavo Bilac, em Teresina.



Figura 13 Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, em sua sede própria, na década de 60.
Fonte: Conselho de Educação do Estado do Piauí

A Escola Blanchot realizava uma avaliação com todos os candidatos que se candidatavam ao processo seletivo para averiguação da ortografia e conhecimentos sobre aplicações matemáticas. Após a aprovação na seleção, a prática assistencial era ensinada e aprendida no próprio Hospital Getúlio Vargas e os estágios com os alunos da Escola eram supervisionados criteriosamente por uma Enfermeira que também era professora da Instituição. Alguns alunos que já atuavam na área de Enfermagem ao adentrarem na escola, sentiram-se mais aptos e seguros nas realizações de procedimentos e na observação de

algumas patologias, e outros inclusive, aplicavam tais conhecimentos em domicílio quando algum familiar precisava de alguma assistência, como evidenciamos em depoimento que segue:

Este exame feito pela Escola era para que fosse realizada uma avaliação, faziam um ditado, para a averiguação do português, prova de matemática com as quatro operações. No final, se fosse aprovado na seleção, ficava na Escola. Os estágios também eram realizados no próprio Hospital, assim também como as aulas teóricas, pois antes da Escola funcionar na sede própria, na Olavo Bilac, funcionou no próprio HGV. O estágio era rigorosamente acompanhado pela Enfermeira e professora. Minha mãe era asmática e eu me lembro da dificuldade quando ela tinha crises para encontrar alguém que aplicasse injeção. Depois que eu entrei para a Enfermagem, nunca mais tivemos este problema, pois eu mesma aplicava. (VILARINHO, depoimento oral, julho de 2008).

A Escola recebia muitas doações, alguns professores também ensinavam pelo dom, por gostarem da profissão. Muitos professores recebiam os seus salários com atraso e às vezes, apenas de seis em seis meses. Os alunos eram extremamente carentes e alguns não tinham condições de arcar com o pagamento das mensalidades da escola e uma minoria tinha acesso a bolsas escolares. Os professores Enfermeiros também ministravam aulas de sinais vitais para alunos do curso de Medicina como observamos em depoimento de uma das professoras da escola na época:

Todo o meu material, planos de aulas, livros, eu doe para a Escola, pois na época, eu ensinava Enfermagem Médico – Cirúrgica e ainda cheguei a dar aulas para as turmas de Medicina como aulas de verificação de pulso, temperatura, respiração, inclusive, a aplicação de injeções. Quando eu cheguei em 1958, fui fazer uma visita ao HGV, e logo que cheguei, fui convidada a ministrar aulas como colaboradora, pois a maioria dos alunos de Enfermagem eram alunos carentes, geralmente, eram as pessoas que se dispunham a trabalhar em Hospitais e queriam uma qualificação, pois não tinham condições de arcar com as mensalidades da Escola, mas eram alunos dedicados e responsáveis. A Escola recebia algumas doações, e nós, professores, colaborávamos. (MOITA, depoimento oral, maio de 2008).

As reivindicações sociais constantes através de lutas foram evidenciadas em conjunto com a instabilidade política na revolução de 1964. No Piauí, a reforma do HGV, a criação do curso de Medicina e a inauguração da Casa Mater, foram fatores que instituíram grandes transformações na área da saúde do Estado do Piauí. O governador Petrônio Portella Nunes que exerceu o cargo de 1963 a 1966 contribuiu para o setor saúde com várias mudanças que desencadearam inúmeras transformações como a expansão dos serviços de saúde e a instalação do Instituto de Assistência e Previdência do Piauí.

Em 1964 deu-se a deposição do presidente da República João Goulart pelas forças armadas, fato que resultou em repercussões no Estado do Piauí. Neste período, observamos

uma expansão dos serviços de saúde e também na rede do ensino primário e médio, a indústria foi fomentada e desenvolvida, houve a instalação do Instituto de Assistência e previdência do Piauí, assim como a Instalação dos Conselhos de Educação e de cultura.

(TITO FILHO, 1975, p.58-59)

A Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot começou a funcionar em prédio próprio em 28 de junho de 1958. Nesta nova estrutura existiam dormitórios, refeitório, salas de aulas, laboratório para as práticas de Enfermagem, cozinha, capela, enfim um espaço destinado à admissão de alunas que queriam uma qualificação na área, algumas residiam na Escola em caráter de internato.

Nesta época, os estágios continuavam a ser realizados no HGV, mas passaram também a serem feitos no HDIC- Hospital de doenças infecto-contagiosas.

Quando a sede da Escola passou para o prédio próprio, eu fui convidada pela Irmã Julieta para lecionar a disciplina de Enfermagem Médica e Cirúrgica. Havia os refeitórios das freiras, os dormitórios, cozinha, capela, sala de aula. Nós tínhamos um laboratório aonde havia disponível todo o material da prática, curativos, material para aplicação de injeções, material para cateterismo vesical, sondagem nasogástrica, bonecos, enfim, as teorias e as práticas eram realizadas inicialmente, na Escola e os treinamentos no próprio HGV e no HDIC”. (MOITA, depoimento oral, maio de 2008)

A Estrutura da nova sede da Escola Blanchot propiciou aos alunos uma melhor qualificação, pois havia uma preocupação constante no que se refere à qualidade de ensino e de planejamento organizacional.

O laboratório era equipado com todo o material necessário para as práticas e os procedimentos de Enfermagem. As salas de aula possuíam recursos para que estes alunos aprendessem sobre a assistência e os cuidados na área.

Podemos verificar tal fato em fotografia seguinte que mostra a estrutura de uma das salas de aula da escola em que uma das professoras de Enfermagem ministrava aula de sinais vitais para os alunos na disciplina de Fundamentos de enfermagem.



Figura 14 Sala de aula da Escola Blanchot . Fonte: Conselho de Educação do Piauí

O conhecimento é disponibilizado de diversas formas e o professor, assim também como o aluno, deve entender que sua aptidão para encontrá-lo deve partir de sua necessidade em buscá-lo. Ao abordarmos a questão da memória presente na docência, citamos Oliveira (2001, p. 18) com seu trabalho “ A memória na reconstrução das histórias da docência” que aduz “ as narrativas dos professores são materiais significativos para a história da educação, tendo a memória como ferramenta que constrói fatos, acontecimentos, experiências individuais e coletivas vividas pelos professores, em tempos históricos diferenciados”.

O caminhar do professor perpassa por inúmeras fontes de saberes que lhe são exigidos, mas muitas vezes não são identificados. O necessário e essencial é que a reflexão

seja um direcionador para que esta prática seja observada de forma criteriosa e contínua, crítica e questionadora.

A profissão de Enfermagem em seu caráter evolutivo foi direcionada de forma lenta no que se refere às diferenciações de funções, quanto ao aspecto funcional e assistencial, pois não existia a devida valorização da profissão, mas as irmãs que realizavam o trabalho de supervisão na Escola, sob a direção inicial da Irmã Abrahide Alvarenga, eram criteriosas e exigentes e com o tempo, a Escola Blanchot tornou-se um padrão de qualidade no ensino de nível médio no Estado do Piauí.

Qualquer pessoa que cuidasse de uma criança ou de um adulto, ou idoso na época era Enfermeira e demorou muito para que houvesse esta diferenciação. No ano em que eu cheguei aqui em Teresina, em 1958, a Escola Blanchot já existia nas dependências do HGV, em uma sala. As freiras moravam no Hospital Getúlio Vargas e a Irmã Abrahide Alvarenga era a Madre Superiora. No Hospital, havia os dormitórios e o refeitório das freiras. Lembro-me muito bem da Irmã Julieta, da irmã dela, Carmosita, também era Enfermeira, depois quem assumiu foi a Irmã Maria Moura, que trabalhava em Fortaleza, em uma maternidade, antes de vir para Teresina, e por último, a Irmã Ormindá, que em Fortaleza, já trabalhava em uma Universidade de Enfermagem. (MOITA, depoimento oral, junho de 2008)

A Irmã Abrahide Alvarenga retornou ao sul do país na década de 60, após ter deixado valorosa e indispensável contribuição na área do ensino de enfermagem no Piauí e assim, outras irmãs a sucederam como a Irmã Maria Moura, Carolina, Julieta, Ormindá.

A direção da Escola tinha que ser realizada por uma Irmã que fosse formada em Enfermagem, como é evidenciado em documento redigido e assinado pela Irmã Rita de Cássia Ramos de Vasconcelos, presidente da Associação de São Vicente de Paulo em março de 1973 em que comunica a nomeação pela diretoria da Irmã Ormindá Santana de Oliveira, graduada em Enfermagem, para exercer o cargo de diretora da Escola Blanchot, que nesta ocasião já funcionava como Escola técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot.⁶⁸

O Conselho Estadual de Educação através da resolução nº 19 de maio de 1978 decidiu autorizar, após solicitação, a mudança do nome da Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot para Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot, bem como o funcionamento do curso técnico de Enfermagem. Esta resolução foi assinada pelo presidente do Conselho Estadual de Educação, na época, José Gayoso Freitas.

⁶⁸ Informação contida em declaração emitida pela Associação de São Vicente de Paulo em 1973 contida no processo de fundação da escola que se encontra arquivado no Conselho de Educação do Estado do Piauí.

As aulas teóricas eram ministradas nas salas de aula e as aulas práticas aconteciam no laboratório e nos Hospitais. Várias disciplinas eram ministradas e entre elas a Enfermagem em Saúde Pública como podemos constatar em fotografia abaixo que demonstra uma professora da disciplina ministrando aula teórica, enfatizando a arte de promover a saúde, como evidenciamos através da leitura da frase em quadro de giz.



Figura 15 Sala de aula da Escola de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot.
Fonte: Conselho de Educação do Piauí

A Clínica Cirúrgica de Urgência era um dos setores que funcionavam no HGV e que era de responsabilidade da Escola. Os Enfermeiros desta área setorial eram os professores enfermeiros da Escola e estes supervisionavam todos os alunos que realizavam os procedimentos.

Um ensino rígido e criterioso encontrava-se inserido no processo pedagógico desenvolvido e aplicado pela Escola Antoinette Blanchot. As professoras da escola eram

também supervisoras no ambiente hospitalar que era designado para os estágios. A professora cumpria as normas e rotinas estabelecidas pela Escola. O aluno era responsável pelo paciente e por todos os procedimentos que seriam realizados pela enfermagem desde a higienização aos procedimentos específicos e cuidados assistenciais e era supervisionado pela professora da disciplina. A Escola disponibilizava os materiais médico-hospitalares para que os alunos pudessem realizar tais procedimentos.

No HGV, existia uma Clínica Cirúrgica de Urgência que era de responsabilidade da Escola, quem eram os Enfermeiros de lá eram os próprios professores da escola. O paciente que era operado no Pronto Socorro, subia para a clínica e lá nós cuidávamos deste paciente, juntamente com os alunos. Tínhamos normas e rotinas e o ensino era integrado. Os alunos realizavam todos os procedimentos das disciplinas no HGV (Hospital Getúlio Vargas). Então, quando uma professora responsabilizava um paciente a um aluno, este aluno fazia desde a higienização deste paciente (banho, barba, cuidados com o cabelo), procedimentos específicos da Enfermagem às anotações..Esta clínica, este setor era da escola, era uma unidade da escola, o material utilizado era o material que a mesma disponibilizava... o nosso aluno era um aluno carente, ficávamos sem receber dinheiro por meses, era na base da filantropia,e a escola , obviamente ,recebia ajuda..(MENEZES, depoimento oral, maio de 2008).

Se considerarmos as memórias como fonte da história estamos levando em conta um sentido específico da memória, o que exige uma reflexão sobre a sua natureza.

Nesta construção do conhecimento entendemos como Catani (2002, p.34) ao abordar que “as concepções sobre as práticas docentes não se formam a partir do momento em que os alunos e professores entram em contato com as teorias pedagógicas, mas se encontram enraizadas em contextos e histórias individuais.”

A memória não é um recipiente passivo de impressões. É, pelo contrário, “um processo ativo de busca de significado que reestrutura os elementos a serem lembrados de forma a conservá-los, reordená-los ou excluí-los”. (NUNES, 2003, p. 12-13).

Observamos tal fato em depoimento emocionado de uma aluna que desde cedo queria seguir a profissão de Enfermagem e foi informada pelas Irmãs da Santa Casa, em Sobral, no Estado do Ceará que a Escola de Enfermagem Antoinette Blanchot , em Teresina ,recebia alunas carentes em regime de internato e que desta forma esta aluna poderia realizar o curso de auxiliar de Enfermagem :

Desde os 16 anos eu queria trabalhar, queria estudar e eu morava no interior do Ceará, em Sobral e me dirigi à Santa Casa para falar com as Irmãs de lá para pedir um emprego. Meu pai era doente e quando ele faleceu, foi a experiência que eu adquiri na Blanchot ,que me oportunizou cuidar dele nos seus últimos dias de vida. Uma das irmãs da Santa Casa em Sobral orientou-me a escrever uma carta para as Irmãs em Teresina, responsáveis pela Escola de Enfermagem Blanchot , para que eu

pudesse fazer o curso de Auxiliar de Enfermagem . Escrevi e não me responderam. Escrevi outra, demonstrando a minha decidida vontade e força de crescer profissionalmente. Então, responderam a minha carta, pedindo que eu viesse para Teresina urgente, fazer um processo seletivo pois os cinco primeiros lugares ganhariam bolsas. Eu cheguei aqui à noite, em Teresina, lembro-me que elas me receberam muito bem, muito me estimularam a estudar e eu, passei em segundo lugar. Fiquei em regime de internato. Éramos uma família, as alunas internas dormiam em um mesmo dormitório. Não nos faltava nada. E foi assim o meu início, a minha entrada no mundo da Enfermagem. (URSULINO, depoimento oral , junho de 2008).

Muitas alunas da Escola Blanchot encontram-se, atualmente, em outros Estados ou continuaram os estudos e formaram-se em Enfermagem nas Universidades do Estado ou fora dele.

Por ocasião das solenidades de formatura muitas pessoas foram homenageadas, muitos professores figuraram nas placas de formatura que ficavam no interior da Escola, logo na entrada como citam e relembram as depoentes. Tais placas eram belíssimas e evidenciavam o valor que a Enfermagem representava para os alunos que finalizavam o curso. As formaturas eram muito bem organizadas, as festas muito bonitas caracterizavam a importância da formação profissional. Nas fotografias seguintes observamos a postura das alunas na época e também caracterizam a essência da ocasião.



Figura 16 Ana Maria Ursulino , aluna da Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot no dia de sua formatura.Fonte: Arquivo pessoal de Ana Maria Ursulino



Figura 17 Aluna da Escola Blanchot, Fonte: Arquivo pessoal de Ana Maria Ursulino

Através dos relatos de depoentes que participaram do processo de ensino e aprendizagem da escola, observamos o enfermeiro sempre ocupando o seu espaço de educador, construindo as suas práticas, como sujeito ativo, direcionador. A preocupação com a qualificação e a ênfase no preparo de profissionais que pudessem suprir às necessidades nas áreas de saúde e que realizassem determinados procedimentos específicos eram fatores visualizados na época.

Uma procura árdua pela profissionalização mostra de forma criteriosa, um aluno preocupado com as técnicas, com a realização de procedimentos, um aluno questionador, crítico.

O laboratório de Enfermagem para a realização de aulas práticas da Escola Blanchot era o espaço destinado à realização das técnicas de Enfermagem.

Neste espaço os procedimentos práticos eram ensinados tais como as sondagens, as técnicas de arrumação das camas, banhos no leito, mudanças de decúbito.

Através de alguns depoimentos evidenciamos que a Escola disponibilizava todas as oportunidades para o aprendizado específico na área de Enfermagem, todos os procedimentos eram explicados na teoria e realizados em nível prático, como observamos no depoimento da enfermeira e professora Menezes que trabalhou por muitos anos na Escola Blanchot:

Para as aulas de anatomia nós tínhamos todo o material, tínhamos um esqueleto, os bonecos. Nós tínhamos uma sala suficiente para a realização das técnicas de Enfermagem, das práticas... Existia um berço, bonecos... “a dona Ivete”, que era uma boneca na qual realizávamos a maior parte das técnicas, a sondagem nasogástrica, banho no leito, colocação da aparadeira... Aprendíamos a fazer as camas... na época ,fazíamos a cama fechada, aberta, cama para o paciente operado, havia uma forma específica para esta realização de atividade, tínhamos um controle com relação ao manuseio dos lençóis . Era ensinado o que era indicado, o que poderia ser realizado e desenvolvido e ensinávamos também o que era contra-indicado... o aluno que não gostava desistia logo, para ir para o hospital ele deveria cursar no mínimo a fundamentação de Enfermagem e na época o aluno fazia todos os procedimentos, mensurava resíduos gástricos, mensurava diurese...tanto os alunos do técnico como os de graduação. (MENEZES, depoimento oral, maio de 2008).

As irmãs eram muito criteriosas e organizadas com os aspectos técnicos e administrativos da Escola. Os procedimentos de enfermagem eram ensinados dentro de princípios rígidos. A escola tinha normas que deveriam ser rigorosamente seguidas pelos alunos. As irmãs que direcionavam a escola procuravam realizar planejamentos organizacionais em nível de estrutura e aspectos funcionais, pois apesar da falta de verbas os alunos tinham acesso a um ensino disciplinado, pautado em princípios éticos.

Na fotografia a seguir (figura 18) observamos a presença constante das Irmãs de caridade, assim como das professoras na supervisão das técnicas de Enfermagem realizadas pelos alunos. A presença do sexo masculino presente, acentuando a inserção gradual do mesmo nos cursos de Enfermagem na época.

Os procedimentos identificados na fotografia são a realização de curativos, troca de lençóis, arrumação das camas, punção venosa, administração de soroterapia.

Verificamos algo na fotografia seguinte que chama a atenção se observado criteriosamente como a presença do zelo, da dedicação e organização na realização dos procedimentos práticos e assistenciais de Enfermagem.



Figura 18 Aulas de práticas de Enfermagem realizadas nas dependências da Escola Antoinette Blanchot
Fonte: Conselho Estadual de Educação do Piauí

A preocupação do professor no acompanhamento do aluno, assim como a responsabilidade do ensino é vislumbrada frente às técnicas procedimentais. Na época era observada a necessidade da teoria como base e sustentáculo da praticidade, além de livros que pudessem direcionar o aluno na teoria e o fizesse aplicá-la à prática.

Não apenas o conteúdo ético, a postura, a rigidez do comportamento eram ensinados, a estrutura da teoria e prática também eram abordadas e esta inter-relação é enfatizada com a preocupação com a literatura utilizada na biblioteca, muitos livros foram oriundos de doações de enfermeiros, médicos e pessoas que desejaram contribuir com o crescimento e aperfeiçoamento da profissão.

Em documento analisado no Conselho Estadual de Educação que aborda a discriminação dos bens que constituíam o patrimônio da Escola de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot encontra-se um acervo de 804 livros de diversas áreas da saúde, livros que constituíram uma inesgotável fonte do saber para todos os alunos e professores que participaram desta evolução do ensino de Enfermagem no Piauí. Ainda assim alguns livros eram raros e as apostilas eram mais utilizadas como aborda uma das professoras da Escola:

O curso era muito bom, o acervo de livros, a biblioteca com livros suficientes, livros excelentes, mas as apostilas eram mais utilizadas, a maioria destes livros foram enviados, posteriormente, ao CEPROSC- Escola São Camilo. A escola não tinha muitos recursos, mas as doações a faziam caminhar. Quando cheguei estava na transição entre a irmã Marta e a irmã Ormindá... na direção da escola. Clara Alexandrino era a secretária, tornou-se professora da escola e hoje, é Enfermeira. A Nair Moita, a Amparo Barbosa que foi a primeira presidente do COREN, todas deram a sua contribuição. Permaneci na escola por cinco anos, de 1975 a 1980 e apenas sai para adentrar no Estado. (MENEZES, depoimento oral, maio de 2008).

O nome da biblioteca da Escola Blanchot foi uma homenagem a Maria Otávia Poti, a primeira Enfermeira de nível superior, genuinamente Piauiense, que trabalhou no HGV assim que o mesmo foi inaugurado.

A biblioteca auxiliou de forma significativa o ensino e a aprendizagem dos profissionais de enfermagem do Estado do Piauí. Através do depoimento de algumas professoras e também enfermeiras, constatamos que os alunos eram muito estimulados quanto à procura por literaturas que os oportunizassem o conhecimento de algumas técnicas e patologias. A escola buscava incentivar os mesmos ao conhecimento.

Os professores ministravam as aulas teóricas, mas sempre direcionavam os alunos à pesquisa. As irmãs permaneciam algum tempo na direção e realizavam permutas, algumas tinham que retornar à sede em Fortaleza e portanto, a escola foi direcionada por alguns supervisores no decorrer do período de sua existência, ressaltando que a escola sempre buscou mesmo com direções diferentes a manutenção do padrão rígido e ético, assim como no cumprimento de suas normas. Na fotografia seguinte, observamos a presença dos alunos da escola na biblioteca.



Figura 19- Biblioteca Maria Otávia Poti da Escola de Enfermagem Blanchot.

Fonte: Conselho de Educação do Piauí

3.3.1.5 A transformação da Escola de auxiliar de Enfermagem para Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot.

A Direção da Escola pelas irmãs contribuiu para a exímia organização e direcionamento da mesma que teve a sua desenvoltura pautada em princípios rígidos. As professoras também comungavam destes princípios haja vista a profissão ter sustentáculo na ética:

A irmã Orminda já vinha da direção de uma escola de Enfermagem de Fortaleza no Ceará, ela é Piauiense, mas a casa-mãe da congregação religiosa localizava-se em Fortaleza. Depois a escola incorporou-se a uma Universidade e a irmã foi enviada para Teresina. Era muito sisuda, mas competente, determinada, cobrava muito, mas acompanhava de perto o aluno, ministrava o que ele precisava saber, mas também cobrava muito, o que era importante pois o aluno crescia com isso. (MOITA, depoimento oral, maio de 2008).

A irmã Abrahide Alvarenga, vinte anos depois da inauguração da Escola Blanchot, retornou ao Piauí para a solenidade da inauguração da Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot em 1978.

Após a saída desta freira, outras direcionaram a Escola, como foi o caso das Irmãs Maria Moura, Julieta, Orminda, que cuidaram com afinco e dedicação da área administrativa, sendo algumas irmãs também enfermeiras.

Em 29 de março de 1977, a Irmã Orminda Santana de Oliveira, Diretora da Escola escreveu solicitação ao Presidente do Conselho de Estadual de Educação, para que este apreciasse a aprovação das reformas dos estatutos, do ante-projeto do regimento e da proposta para a transformação da Escola de auxiliar de Enfermagem para a Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot. O presidente do CEE, José Gayoso Freitas, autorizou o funcionamento do curso técnico através da resolução nº CEE 19/78 em 12 de maio de 1978.

A doutora em Enfermagem, Lidya Tolstenko Nogueira, por ocasião da realização de sua tese para o doutorado entrevistou a Irmã Abrahide Alvarenga, a fundadora da Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot em 1958.

Por ocasião da realização da minha tese de doutorado, entrevistei a Irmã Abrahide Alvarenga. Conversamos sobre a sua história. A Irmã Abrahide foi maravilhosa, eu liguei, marcando para encontrá-la às 10 h e quando eu cheguei para visitá-la estava, sentadinha, me esperando. (...) Ela convidou-me para almoçar e eu fiquei com ela até as 20 h. Conversamos muito. Falamos sobre a sua trajetória profissional e o seu trabalho na área do ensino de enfermagem, dentre muitas outras coisas. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008)

Houve a necessidade de profissionalização porque o aperfeiçoamento profissional tornou-se imprescindível e essencial. Existia um programa de preparação de mão de obra que era denominado de Programa Interno de preparação de mão de obra (PIPMO), pois os alunos finalizavam o segundo grau e almejavam uma profissão, um curso profissionalizante, e este foi um dos motivos pelos quais a Escola precisou buscar junto ao Conselho de Educação este aprimoramento.

Tínhamos na época, o PIPMO (Programa Interno de Preparação de Mão de Obra), a escola também era um centro de treinamentos, treinamento para os técnicos

dentários, para os atendentes de enfermagem (duração de 6 meses). E naquele tempo era comum o paciente que ficava muito tempo internado no hospital ,quando saia, terminava se profissionalizando, tornava-se funcionário, a profissão mais próxima era a Enfermagem. (Atendente de Enfermagem) . Com a mudança no ensino, os alunos que cursavam o segundo grau, hoje ensino médio, tinham que se profissionalizar e devido a esta necessidade a escola passou a se chamar Escola Técnica de Saúde Antoniete Blanchot. Muitas pessoas passaram pela nossa Escola, alunos que hoje são Enfermeiros, Médicos, alunos que saíram do Piauí, mas fizeram o curso conosco, enfim, passaram pela Blanchot. (MENEZES, depoimento oral, maio de 2008).

Na Escola Blanchot os dirigentes e professores reuniam-se para tratarem de assuntos relacionados ao aperfeiçoamento do ensino. As reuniões versavam geralmente acerca dos problemas pedagógicos referentes às disciplinas ministradas para o curso de enfermagem, estágios práticos nos Hospitais e práticas laboratoriais.

Na ocasião do reconhecimento do curso Técnico de Saúde, além da Diretora da Escola, Irmã Ormindia Santana, e da Vice Diretora Clara Maria Ribeiro Alexandrino, a coordenação era realizada por Francisca Maria Bezerra, com um quadro de nove professores e uma orientadora educacional.⁶⁹ Na sua estruturação física, a escola contava com salas de aulas, laboratório de técnicas e salas de reunião, biblioteca, quadra de ginástica, cozinha dietética e cantina.

A Escola continuou mantendo o mesmo endereço à Rua Olavo Bilac, ainda vinculada à Associação de São Vicente de Paulo. Dentre os seus objetivos a Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot (ETSMAB)) estaria qualificada a proporcionar ao educando a formação especial para a qualificação de auxiliar e técnico de Enfermagem.

A fotografia seguinte mostra a diretora da escola Irmã Ormindia Santana em reunião com professoras da Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot.

⁶⁹ Informações contidas na proposta para a transformação da Escola de auxiliar de enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot em Escola Técnica de Saúde.



Figura 20 Irmã Orminda Santana de Oliveira , diretora da Escola de Enfermagem Blanchot em reunião com a equipe de professores.Fonte: Conselho Estadual de Educação

3.3.1.6 Acervo de livros e disciplinas do curso técnico de Enfermagem da Escola Antoinette Blanchot

O Curso Técnico em Enfermagem da Escola Blanchot era dividido em dois períodos: período instrumental e profissional e o curso tinha a duração de 3 (três) anos . As disciplinas de Anatomia e Fisiologia humana, Microbiologia, Parasitologia, Higiene e profilaxia, Estudos regionais e Nutrição e dietética eram lecionadas no período instrumental. No período profissional, o aluno cursava Introdução à Enfermagem, ética profissional, administração,

doenças transmissíveis, enfermagem médica e cirúrgica, materno infantil e Saúde Pública. O curso perfazia um total de 1680 horas incluindo o estágio supervisionado. (Documento do Conselho de Educação do Estado do Piauí).⁷⁰

Na relação dos livros inserida na discriminação dos bens que constituíam o patrimônio da Escola havia um acervo de 809 livros, abordando e especificando temáticas referentes à cultura geral, Enfermagem básica, psiquiátrica, obstétrica, pediátrica, médico – cirúrgica, atlas de anatomia, temas relacionados à Psicologia, Filosofia, Sociologia e Educação, Administração, Urgências, dentre outros.

Em 1977, na justificativa do regimento da proposta de transformação da Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot em Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot, a Irmã Oliveira cita que:

Com o advento da lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, que define a estrutura organizacional básica do Sistema de Ensino no Brasil, constata-se a preocupação da Equipe Governamental em intensificar os esforços no sentido de selecionar e preparar, com rapidez e eficiência, pessoal técnico para o desempenho das atividades requeridas pelo desenvolvimento do país. (OLIVEIRA, 1977)

Na justificativa que acompanha o regimento a Irmã Oliveira fez menção à comunidade partindo do princípio das condições sociais, culturais e econômicas; a posição geográfica e demográfica do Estado do Piauí; a implantação do ensino profissionalizante nas cidades de Floriano, Parnaíba e Picos, assim como os objetivos da Escola que consistiam em formar profissionais capazes de: promover mão de obra qualitativa e quantitativamente preparada para atender a demanda crescente nas tarefas da área de saúde, precisamente, enfermagem e participar da equipe de saúde, assim como prosseguir no seu desenvolvimento integral como pessoa humana.

⁷⁰ Informação retirada do Estatuto da Escola Técnica de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot que data de 1977 e que foi autorizada por resolução de número 19-1983 do CEE e que teve como relatora Solimar Barbosa de Castro.

3.3.1.7 Estrutura Administrativa da Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot

As condições sócio-culturais e econômicas são significativas para a manutenção e desenvolvimento de uma Instituição educacional. As instituições escolares no Estado do Piauí na época estavam crescendo paralelamente aos demais setores infra-estruturais, com implantação de ensino profissionalizante em algumas cidades do Estado. O nível superior era operacionalizado pela UFPI, com diversos cursos já implantados e estabelecidos, em plena desenvoltura.

A estrutura organizacional era dividida em nível administrativo e pedagógico. Administrativamente, a Escola era mantida pela Associação São Vicente de Paulo. Pedagogicamente era autônoma, preenchendo as disciplinas específicas de acordo com a legislação do ensino em vigor. O Diretor da Escola, que era nomeado pela Entidade mantenedora, a Associação São Vicente de Paulo, era preferencialmente licenciado em Enfermagem.⁷¹

A Escola Técnica realizava duas seleções por ano e admitia 40 a 50 alunos por turma. No andar térreo, conforme informações do regimento da Escola, funcionavam a Diretoria, secretaria, almoxarifado, biblioteca, sala dos professores e salas de aula, sala de reuniões, capela, cozinha, refeitório e área de circulação. No andar superior, o laboratório de técnicas, salas de aulas, três quartos e área de circulação. No prédio anexo funcionava a União Nacional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem (UNATE), a área de ginástica, lavanderia e cantina.

A estrutura que antes funcionava como sede da Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, hoje, é a Faculdade de Ciências Médicas (FACIME) onde funcionam vários cursos da área de saúde, uma estrutura que , embora modificada, transformada ao longo do tempo, configura a ocorrência de uma história de outra época , em que inúmeros estudantes passaram, deixando ou levando a essência do aprender.

Os aspectos teóricos e práticos parecem ter sido criteriosamente inter-relacionados na Blanchot. Apesar de inúmeras transformações e significativas mudanças que ocorreram da

⁷¹ Dados contidos no projeto de transformação da Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot para Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot

época para a atualidade, as memórias perfazem um caminho de lembranças dos acontecimentos acerca do período e de sua relevância para a história do ensino de Enfermagem e de sua desenvoltura, assim como a lembrança das solenidades e símbolos de formaturas como placas e homenagens como é citado em depoimento :

Muitas mudanças, transformações, quase tudo foi modificado internamente, pouca coisa permaneceu como era anteriormente(...)Lembro-me que as placas de formatura ficavam na entrada, eram feitas de madeira com as fotos embutidas. Havia uma placa em que a homenagem era feita ao Dr. Arimatéia Santos, da Ginecologia. Era a Turma Dr. Arimatéia Santos, havia também uma placa em que a homenageada era a Amparo Barbosa. A congregação deve ter guardado este material que é histórico. (MENEZES, depoimento oral, maio de 2008).

Não há indícios ou depoimentos que versaram sobre o destino destas placas de formaturas que tiveram tão importante conteúdo histórico. A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. A memória individual não se encontra fechada porque o homem ao evocar o passado tem necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Entendemos como Halbwachs (1990, p.71) “A lembrança é (...) uma reconstrução do passado com dados emprestados do presente, preparada para reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou alterada” .

Além dos ensinamentos teóricos e práticos existiam os encontros com a celebração de missas, realização de eventos e brincadeiras, comemorações e aniversários, teatros que tinham como intuito a aproximação entre os alunos, os professores e as dirigentes da Escola Blanchot como é evidenciado por uma das professoras da Escola:

Nós tínhamos os nossos encontros, promovidos por nós mesmos. Era tipo um retiro naquela área da FACIME que hoje é um estacionamento. Existiam umas árvores, mangueiras, sapotis, ali nós tínhamos um encontro com nossos alunos e não era obrigatório, mas tinha uma grande aceitação. Havia a celebração da santa missa e depois fazíamos brincadeiras, falávamos acerca de nossas práticas, conversávamos, trocávamos idéias, era muito gostoso... (emoção) e isto com certa frequência. Algumas alunas eram verdadeiras artistas, faziam dramatizações, enquetes, poesias... Havia um envolvimento, uma doação, não era apenas o aluno da anatomia e o professor. (MENEZES, depoimento oral, maio de 2008).

Os encontros promovidos pela Escola Blanchot tinham o objetivo de aproximar os alunos, humanizar o ensino, propiciando através de dramatizações, retratações de poesias, teatros e brincadeiras a oportunidade de ensino e aprendizado.

Este mesmo espaço⁷², a área utilizada para os encontros, era realizada a atividade física. Era obrigatória esta atividade e as alunas eram supervisionadas por uma professora. A

⁷² Local do atual estacionamento da FACIME (Faculdade de Ciências Médicas da UESPI)

fotografia abaixo evidencia um momento de descontração em um dos encontros com a presença das irmãs, professoras e alunas da Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot.

Após a realização da cerimônia religiosa⁷³, os alunos eram reunidos nesta área da Escola e os professores e as irmãs aproveitavam estes encontros para a abordagem de temas interessantes e construtivos, discutiam as práticas, pediam a opinião dos alunos, dialogavam acerca das ações assistenciais e sobre as dúvidas inseridas no conteúdo teórico.



Figura 21 Encontro realizado na Escola de Enfermagem Antoinette Blanchot (Professores e alunos)
Fonte: Conselho Estadual de Educação do Piauí

⁷³ As alunas eram chamadas a participarem ativamente das cerimônias religiosas.

A memória coletiva torna-se, então, envoltório de memórias individuais, que não são totalmente fechadas, recebem iluminação, nuances de cores diferenciadas, interpretações diferentes. Muitos ao participarem desta rememoração têm inúmeras lembranças para contar, complementar, preencher as lacunas da história, pois nem tudo foi escrito e verificado.

Cada memória é um traço pessoal, como cada história de vida, como determinados pensamentos e atitudes. São como folhas, têm origem e vínculos em determinada árvore, mas por mais que tenham as mesmas raízes, possuem traços diferentes. Assim caminham as histórias, com conteúdos diferentes, mas dispostas a relatarem ao mundo toda a sua essencialidade.

A Escola de auxiliares e técnicos de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot foi desativada no início da década de 80, segundo alguns relatos de pessoas que vivenciaram tal contextualização na época, devido a ausências de doações, verbas, ajuda do governo Estadual para a manutenção da Escola e para o pagamento dos salários dos professores.

Neste contexto também era observada a saída das Irmãs de caridade das Instituições de Saúde, assim como Universidades aonde o Ensino de Enfermagem era estruturado.

Permaneci na Escola até o seu término, quando esta foi desativada. A sua desativação ocorreu por uma série de fatores, um deles foi que o Estado ajudava com convênios para o pagamento dos professores, depois as verbas deixaram de ser dadas, e com isso as dificuldades foram surgindo, pois nem todos os alunos tinham condições de arcar com as mensalidades. Nós, Enfermeiros, visitávamos a casa do aluno, e verificávamos a situação, geralmente o aluno era estudioso, dedicado, brilhante, então, ele continuava a estudar, mesmo sem pagar as mensalidades. O PIPMO ajudou bastante a Escola, contribuiu muito, colaborava com o material para as práticas. Depois o SENAC também passou a colaborar com a doação de materiais. Existiam quadros de formaturas, muito bonitos. (MENEZES, depoimento oral, maio de 2008)

Algumas circunstâncias foram responsáveis para que houvesse a desativação da Escola, não apenas a falta de verbas e doações, mas também a determinação da disciplina e da liderança estabelecidas pelas Irmãs que estavam saindo das Instituições, havendo um esvaziamento, uma lacuna nesta área pois eram poucas as irmãs que detinham a habilidade e estavam aptas a estas lideranças ao planejamento e organização institucional como é evidenciado em depoimento a seguir.

Na época da desativação da Blanchot, além da falta de verbas, houve outro motivo importante que deve ser visualizado, ou seja, a ausência de freiras que realizassem este trabalho administrativo. Não existiam mais Irmãs que liderassem e este problema também ocorreu em outros locais. Houve o ciclo das Irmãs em todo o Brasil. No Ceará, a Escola passou para a UFC. No Recife, também. Houve um esvaziamento das vocações religiosas. Existia, sim, o apoio Estatal. O Hospital São Marcos pagava bolsas para os alunos. Mas faltou o aspecto da liderança, eram pouquíssimas as freiras que tinham o preparo, a habilidade, ou seja, que fossem

Enfermeiras. Uma série de circunstâncias aconteceu para que houvesse esta desativação da Escola Blanchot. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008).

É impossível pensar a mudança a partir de um lugar sem raízes e sem história e é no limite da memória e da história que são tecidos os fios que fazem a construção individual e coletiva. Importante questionarmos qual o lugar da memória e da história pois a determinação da história é realizada por um invólucro que precisa ser quebrado, aberto, para que elas (as histórias) sejam verdadeiras e fortes o suficiente para serem descobertas, analisadas e interpretadas.

Na década de 1970, no governo de Alberto Silva, observamos um aumento na indústria e o comércio, assim como houve a ampliação da rede de ensino público e a implantação da Universidade Federal do Piauí, que foi instituída pela lei federal de 5.528 de 12 de novembro de 1969.

No Estado do Piauí, na época, verificamos mudanças importantes no que concerne a uma maior organização da população na busca por seus direitos, pelas condições de trabalho, principalmente, na área da Educação e da Saúde. A enfermeira Nogueira esteve no Estado na década de 1970 para participar do Projeto Rondon e foi nesta ocasião em que conheceu a Escola de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot como é relatado em depoimento seguinte:

Eu tive a oportunidade de participar do Projeto Rondon aqui no Piauí na década de 1970, e na época os alunos terminaram ficando no Luxor Hotel, que estava fechado, distribuíram uns colchões, não havia água, não havia como tomar banho, mas fomos recebidos pelo Dr. Lineu Araújo, que foi quem me apresentou a Escola de Enfermagem Antoniette Blanchot e convidou-me a retornar quando eu finalizasse o curso. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008).

Em nível de ensino médio na capital do Piauí além da Blanchot, outra Escola também obteve grandes avanços na estruturação e evolução do ensino de Enfermagem em Teresina. Por ocasião da desativação da Escola de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot, a Escola São Camilo ocupou o espaço destinado ao ensino de Enfermagem.

Inaugurada alguns anos depois da Blanchot, a Escola São Camilo foi um avanço no desenvolvimento e crescimento na assistência de Enfermagem e no aperfeiçoamento do seu ensino, que permanece até a atualidade com o mesmo componente ético e dinâmico que tinha como sustentáculo a Escola instituída pelas Irmãs Vicentinas no final da década de 1950.

A Escola São Camilo é caracterizada como um marco no ensino de nível médio na área de Enfermagem no Estado do Piauí pela competência, dinamismo, responsabilidade e dedicação a este ensino.

A Blanchot foi um sustentáculo para o nascimento da Escola São Camilo, pois a diretora da Escola Antoinette Blanchot, Irmã Carolina, que foi professora, em Fortaleza, também foi diretora aqui na São Camilo e depois a irmã Marta, que também trabalhou na direção da Blanchot, seguida pela irmã Orminda. Inclusive, irmã Orminda⁷⁴ me ligou diversas vezes quando ela já estava morando em outra cidade me pedindo referências de alunos, para que eu enviasse pessoas para trabalharem com ela, e hoje, parece-me que ela se encontra em Fortaleza. (FRANÇA, depoimento oral, agosto de 2008).

Mesmo após a desativação da Escola Blanchot, com a inauguração da Escola São Camilo, a Irmã Abrahide continuou mantendo contato com a Enfermeira e professora, atual diretora da escola São Camilo, buscando profissionais de qualidade que atendessem às necessidades da demanda na profissão.

Sem dúvida, ela participou da minha decisão de colocar uma escola, incentivou-me, contribuindo com esta idéia, tanto que quando houve o fechamento da Escola Antoinette Blanchot, quando a escola foi desativada, eu adquiri algumas coisas as quais ela me passou como um relógio antigo de parede, um armário de um padre que era o capelão do HGV, mesas e alguns livros, também, que eu tive acesso através de doações da irmã Orminda. Eu me inspirei muito na Blanchot. (FRANÇA, depoimento oral. Agosto de 2008).

Segundo o depoimento da diretora da Escola São Camilo, a enfermeira e professora Ozirina Gracildes França, a Irmã Abrahide Alvarenga foi uma das incentivadoras para que a mesma colocasse uma Escola de Enfermagem nos moldes da Blanchot. Com o fechamento da Escola de Enfermagem Antoinette Blanchot muitos livros e algumas relíquias foram doados para a nova Escola que iria iniciar.

3.3.2 ESCOLA SÃO CAMILO: UM IDEAL DE VIDA DESTINADO AO ENSINO DE ENFERMAGEM

3.3.2.1 O planejamento, inauguração e trajetória da Escola São Camilo

⁷⁴ Irmã Orminda Santana de Oliveira que esteve na direção da escola Blanchot antes da desativação da mesma na década de 80.

O planejamento e a inauguração da Escola São Camilo percorreu um caminho árduo para que os objetivos fossem realizados. A estrutura organizacional e o direcionado trabalho inseridos na mesma culminaram na realização de um sonho que começou através de um ideal de vida e ensino, e que terminou por constituir-se a razão de ser de uma dinâmica equipe de Enfermeiros que acreditaram que a estrutura do ensino pode transformar.

O dom para dar seguimento à profissão, possivelmente, tem origem e raízes fortes na essência e no crescimento e desenvolvimento familiar. Este espaço, por vezes, oportuniza ao ser humano um encontro com o que deseja ser no futuro e tais aptidões que levam por vezes, à área da educação e à saúde em muitas ocasiões podem caminhar juntas.

O enfermeiro detém na estruturação da sua profissão a função de planejar, orientar, direcionar, intervir, supervisionar e então, a educação circunda a profissão de enfermagem, tornando-a seu subconjunto.

O ensino da Enfermagem no Estado do Piauí, após o fechamento da Escola Irmã Maria Antoinette Blanchot , na década de 1980, em nível de ensino médio, começou novamente a dar frutos com a inauguração e estruturação da Escola São Camilo que seguiu os mesmos objetivos de rigidez e ensino criterioso, sendo fundada e dirigida por enfermeira e professora que havia atuado profissionalmente na Escola Blanchot.

A Escola começou a funcionar no início da década de 90 com o objetivo de continuar o trabalho das Irmãs que direcionaram a Escola Blanchot, na tentativa de ocupar a lacuna deixada pelo fechamento repentino desta. A demanda por profissionais experientes e aptos a atuação na área de Enfermagem era crescente e o Estado precisava destes profissionais qualificados. A fotografia abaixo evidencia a estrutura da sede inicial da Escola São Camilo.



Figura 22 Centro de Educação Profissional São Camilo. Sede inicial da Escola fundada em 1992. Fonte: Acervo de fotos da Diretora da Escola

A Escola foi fundada e inaugurada em 1992 iniciando o seu trabalho em uma estrutura pequena, organizada em espaços com salas de aula, biblioteca, secretaria e laboratório. Mesmo com as dificuldades encontradas, houve a persistência de um sonho em seguir adiante com os objetivos de uma melhor qualidade no ensino de Enfermagem.

A Escola de Enfermagem São Camilo foi fundada em 1992 e teve a sua primeira sede localizada à avenida São Raimundo, inicialmente era um espaço pequeno, simples e nos fundos havia um local de trabalho com gesso e o local não era muito indicado, era apenas uma sala, uma pequena secretaria, tivemos, inclusive, dificuldades quando o pessoal da Secretaria veio para a realização da avaliação...O dia da inauguração, para mim, foi um momento de graça, pois apesar dos momentos iniciais que foram difíceis, conseguimos dar andamento aos nossos projetos e fomos, aos poucos, aperfeiçoando a nossa história ...ministrando cursos de Enfermagem para auxiliares e técnicos de Enfermagem e vem desempenhando um papel fundamental na evolução do ensino de Enfermagem no Piauí. (FRANÇA, depoimento oral, agosto de 2008).

Com a inauguração da Escola São Camilo surge a oportunidade de aperfeiçoamento profissional para o nível médio na área de Enfermagem. Alguns depoimentos são essenciais para a compreensão da evolução deste ensino no Estado do Piauí.

Para Saviani (2005, p.3) “a educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.” No depoimento seguinte observamos uma história de vida destinada à assistência e ao ensino de Enfermagem:

Sinto-me muito feliz por falar da Escola São Camilo, da sua história, pois quando eu terminei o curso de Enfermagem eu já tinha esta vontade de colocar um curso, eu já pensava nesta possibilidade, pois o enfermeiro, na verdade, tem muito de educador. A minha mãe tinha o maior desejo que eu fosse professora, e eu desejei ser enfermeira, também educadora. A minha família era uma família de muitos professores e eu também queria sê-lo, eu tinha este desejo..., então, por que não atuar na área de enfermagem como professora?(FRANÇA, depoimento oral, agosto de 2008).

Tal questionamento baseia-se na existência de detalhes da história, da vivência de pessoas que decidem analisar as experiências de vida e alguns desejos silenciados. Tais momentos precisam existir para o futuro, chegar às vidas de muitos, realizar nos descendentes a surpresa da permanência de sonhos, apesar da possibilidade de encontros que o tempo não permite por gerações pois todo processo reflexivo está situado historicamente nos aspectos circunstanciais interligados ao social, político e econômico.

As reflexões dos profissionais inseridos no contexto social, político e cultural desenvolvem uma maior compreensão de suas atividades e da necessidade do que precisa ser aperfeiçoado. A Enfermeira e professora França, atual diretora da Escola São Camilo, trabalhava na Previdência Social, antigo Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU), que foi instituído em 1944, pelo governo brasileiro, quando constatou que havia um número considerável de atendentes de Enfermagem que estavam inaptos à assistência de Enfermagem e que havia a necessidade com urgência de cursos que aperfeiçoassem a categoria.

Quando adentrei na previdência social, antigo SAMDU que foi o meu primeiro emprego, lá eu já encontrei os atendentes de Enfermagem realizando todas aquelas atividades específicas de Enfermagem, precisando de um aperfeiçoamento e então, nesta época eu já visualizava esta necessidade de realização de treinamentos para dinamizar os aspectos teóricos e científicos, eles eram bastante resistentes, mas aos poucos nós começamos a mudar os perfis, tentando com paciência mostrar o certo, apesar das inúmeras resistências... Posteriormente eu preparei todos os atendentes pertencentes a este grupo para as provas que seriam realizadas no DESU (Modalidade oferecida pela secretaria de educação para a mudança de nível), todos os que foram submetidos às provas foram aprovados na ocasião. (FRANÇA, depoimento oral, agosto de 2008)

Em Agosto de 1960 foi promulgada a lei orgânica da Previdência Social, contribuindo para a uniformização e prestação de serviços profissionais, promovendo mudanças importantes na saúde do Estado do Piauí com a criação do INPS – Instituto Nacional de Previdência Social em 1966. Nesta época, houve também a estruturação de

alguns Hospitais particulares em Teresina, como a Casa Mater, hoje, Hospital Aliança e do Hospital Santa Maria.

A Escola São Camilo começou como um ideal de transformação e visão diferenciada de ensino, estabelecendo assim, um vínculo com o saber e com a produção de conhecimentos na área assistencial que foram estruturados através dos anos. No início, com um pequeno laboratório, como é demonstrado em fotografia seguinte, com poucos itens para a estruturação adequada, mas com um marcante desempenho de formação e de continuidade no processo de ensino e aprendizagem.

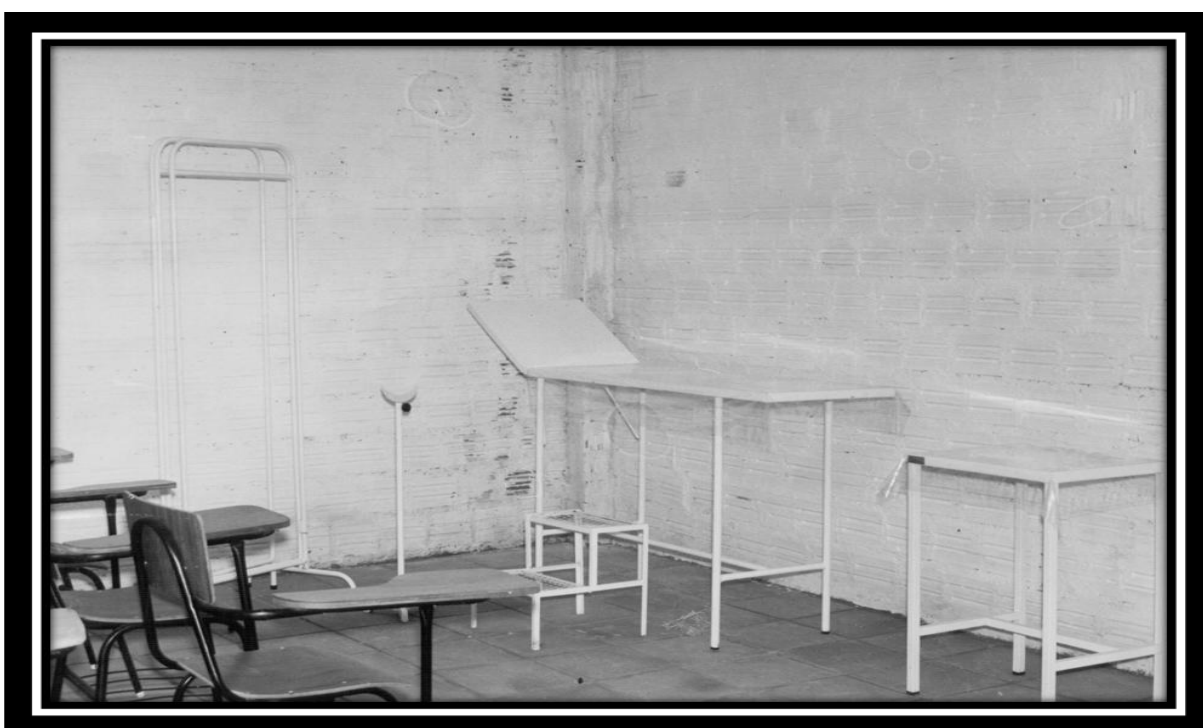


Figura 23 Centro de Educação profissional São Camilo. Laboratório para as práticas iniciais de Enfermagem
Fonte: Acervo de fotos da Diretora da Escola

Tal busca marca o caminho de uma história de luta através do tempo que se entrelaça com a experiência e o saber. Quando o dom do ensino permanece na alma e busca o seu crescimento tudo parece conspirar para que ele aconteça.

A professora França por ocasião de sua convivência com as Irmãs de caridade no Estado do Ceará, em caráter interno, teve acesso à vida de São Camilo em suas leituras e que promoveu grandes transformações na vida da mesma, decidindo em um momento de sua vida por uma homenagem:

Por que escola São Camilo? Durante o internato em Fortaleza com as Irmãs de Caridade, eu tive a oportunidade de ter contatos com leituras na hora das refeições, o que mais me chamou atenção foi a vida de São Camilo. Então, decidi que se um

dia eu colocasse uma Escola de Enfermagem, se chamaria São Camilo. (FRANÇA, depoimento oral, agosto de 2008)

As mulheres, quando começaram a atuar ativamente em âmbito profissional, cultivaram em sua essência a prática do cuidar, tais como a maternidade, o lar, a feminilidade, importante enfatizarmos a presença marcante da Enfermagem e de seu processo de feminização em busca da qualificação do seu ensino no estado do Piauí.

Paul Thompson afirma que “é possível que as mulheres sejam mais frequentemente as transmissoras dos modelos familiares de adaptabilidade” pois relatam memórias da vida passada e presente cercadas por momentos e essências importantes vinculadas às experiências vivenciadas. As salas de aula da Escola no prédio em que a Escola iniciou as suas atividades eram organizadas e os alunos tinham as aulas teóricas neste espaço e as aulas práticas iniciais no laboratório de Enfermagem, aonde os alunos aprendiam inicialmente as técnicas e os procedimentos de enfermagem antes do estágio na área hospitalar. A fotografia a seguir evidencia a estrutura das salas de aula da Escola São Camilo.



Figura 24 Sala de aula teórica do Centro de Educação profissional São Camilo. Fonte: Acervo de fotos da Diretora da Escola

As histórias de vida mostram a relevância do sexo feminino na luta pelo ensino, pela transmissão do conhecimento, enfatizando a mulher como transmissora, delineadora,

transformadoras, presentes nas práticas educativas, sensíveis às matizes do apreender. Uma homenagem belíssima realizada à Enfermeira e professora Francisca Leal que acreditou no ensino e participou ativamente de seu desenvolvimento na Escola São Camilo:

Fizemos uma homenagem também à Enfermeira Francisca Leal, com placas e dando o seu nome a nossa biblioteca, pela sua ajuda, apoio e presença marcante e assídua neste sonho de construção da escola... Ela sempre esteve presente, orientando, como voluntária durante nove anos, desenvolvendo o seu trabalho, tinha hora marcada para chegar, para sair, enfim, uma doação de amor e de vida àquilo no qual ela acreditava. Era a única pessoa que eu parava para ouvir, tinha um dom e eu, respeitava muito os seus direcionamentos e os seus ensinamentos... (FRANÇA, depoimento oral, agosto de 2008)

A Biblioteca atual da Escola São Camilo tem o nome da enfermeira e professora Francisca Leal em homenagem devido a prestação incondicional dos serviços desta à escola. Podemos encontrar a fotografia abaixo na sala de estudos da biblioteca da Escola São Camilo, para que esta professora seja sempre lembrada pela sua exímia contribuição ao ensino de enfermagem do Estado.



Figura 25 Enfermeira e professora Francisca Leal. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio

Os docentes que participaram do crescimento e desenvolvimento da Escola deixaram a sua contribuição para o seu aperfeiçoamento e estruturação e após a sua inauguração muitos fatos aconteceram que transformaram esta Instituição.

A escola foi inaugurada em 1992, e durante a sua desenvoltura e aperfeiçoamento encontrei pessoas que, no decorrer, se envolveram muito com a escola, houve a participação marcante de docentes que muito ensinaram e aprenderam conosco, e o que é mais importante e essencial são os momentos de alegria que temos com as aprovações dos discentes em concursos, o reconhecimento da própria sociedade, da própria comunidade. (FRANÇA, depoimento oral, agosto de 2008).

Em virtude da exacerbação das desigualdades, observamos inúmeros questionamentos que permeiam o panorama educacional quanto à implementação da política inclusiva, e uma das caracterizações que fortalecem a delimitação do conceito de inclusão é que todas as pessoas têm direito à plena participação social.

A inclusão não é um fenômeno essencialmente escolar, mas tem significância no contexto sócio-político atual. A convivência com alunos “diferentes”, diferentes gêneros, idades e níveis de instrução; origens sociais e grupos culturais; modos de aprendizado e diferentes maneiras comportamentais conspiram contra os objetivos da “Escola”, mas “o elogio da inclusão” como enfatiza Laplane, apresenta a vantagem de caracterizar argumentações para que se defendam as políticas inclusivas. A presença de desafios foi marcante na contextualização de alguns exemplos na Escola São Camilo onde a política da inclusão desde cedo foi evidenciada.

As dificuldades começaram a aparecer nos campos de estágios mais com o processo de adaptação, segurança e discernimento foram tomadas as devidas providências e a opção escolhida foi pela decisão de que a Escola São Camilo seria favorável à permanência destes alunos na Escola, como versa o depoimento a seguir:

E os desafios, também, pois quando nem se ouvia falar em inclusão, tivemos a presença de alunos com deficiência na escola que queriam aprender, queriam estudar, passaram pelo processo seletivo (um aluno com problema neurológico que não conseguia controlar os movimentos dos membros superiores, que hoje trabalha em vários hospitais de Teresina) e nós tínhamos que tomar uma decisão, fazer uma escolha e optamos pelo ensino, pela permanência dos que queriam aprender...Quando chegou na disciplina de fundamentos, pairou aquela dúvida da consecução dos objetivos do aluno, mas eu sempre dizia que ele iria conseguir, e como quando se quer com a alma, tudo se torna possível... Ele iniciou suas atividades na central de material e esterilização, conseguindo o mesmo a superação das suas limitações. (FRANÇA, depoimento oral, agosto de 2008).

As situações diferentes estão presentes nesta vivência crítica de ensino e aprendizagem e não há como evitá-las e muito menos escondê-las, pois elas emergem a cada

dia, são abordadas em cada questionamento de alunos, em posicionamentos e argumentações contrárias ao método reprodutivo e arcaico, enfim, é preciso ter coragem para abordar e conviver com o novo, sendo clara a postura ou a necessidade de um novo olhar. O finalizar de um sonho enobrece o cursar de caminhos que o buscaram.

A Escola conseguiu esta nobre realização com a consecução da formatura de sua primeira turma de Auxiliar de Enfermagem como mostra a foto da época.



Figura 26 Formatura da primeira turma de Auxiliar de Enfermagem da Escola São Camilo. Fonte: Acervo de fotos da Diretora da Escola.

As ações que buscaram e realizaram a consecução desta inclusão escolar devem ter buscado estratégias de re-significação destas pessoas com “deficiências”, enfatizando “o outro”, o ser no fazer pedagógico. Na realidade, disponibilizar oportunidades iguais, não

necessariamente significa dispensar o mesmo tratamento. Cada ser humano é essencialmente singular pelas suas diferenças...

Hoje, quando visualizo alunos da Escola evoluindo no processo ensino-aprendizagem sinto-me emocionada, pela consecução do objetivo alcançado. Alunos que conseguiram galgar o ensino e tiveram a força da continuidade e isto nós mostramos na nossa escola, essa evolução, o acreditar que vale a pena investir no conhecimento... (FRANÇA, depoimento oral, agosto de 2008).

Ao analisarmos quais as prioridades do ensino, compreendemos a educação como produto das condições sócio-históricas que viabiliza o cerne político que a sustenta, haja vista a democratização do ensino. Paulo Freire (2006) aduz que “não há educação fora das sociedades humanas e que não há homem no vazio”, portanto, o professor crítico e reflexivo direciona a sua praticidade com vínculo teórico em um sustentáculo humanístico.

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em a liderança revolucionária em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase coisas, com eles estabelecem uma relação dialógica permanente. Não podem comparecer à luta como quase coisas para depois serem homens. (FREIRE, 2006, p.63)

Não importa apenas a estruturação física, mas as origens dos diferentes saberes, que não são imóveis, mas plurais e estruturados em vários olhares, potencializando surpreendentes formas de aprendizado. Por que não aprendermos com a diferença, quando a história não nos deixa esquecer a essência dialética da existência?

3.3.2.2 Nova sede e novos desafios

A professora e atual diretora do Centro de Educação Profissionalizante São Camilo, Enfermeira França encontra-se em nova sede da escola com uma melhor estrutura organizacional e com um laboratório de qualidade propiciando um ensino direcionado à assistência de Enfermagem. A escola também conta com uma biblioteca com um acervo de livros pertencentes às diversas áreas e especialidades de Enfermagem. A Diretora da Escola São Camilo em fotografia abaixo, uma das responsáveis pela inserção e continuidade do ensino e qualificação assistencial na área de Enfermagem.



Figura 27 Enfermeira e professora Ozirina Gracildes , Diretora do CEPROSC – Centro de educação. Fonte : Arquivo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio.

A atual sede da Escola profissionalizante encontra-se no edifício Anatólia Sampaio, uma área destinada ao ensino de enfermagem de nível médio, com amplas salas, laboratório, sala de estudos, sala de reuniões, secretaria e diretoria.

Além dos cursos de Auxiliar e Técnico de Enfermagem, a Escola também ministra os cursos de Instrumentação cirúrgica, Técnico em patologia, assim como preparatórios para concursos. A Escola também tem um espaço destinado à biblioteca com um acervo de livros pertencentes às diversas áreas e especialidades de Enfermagem como evidenciamos em fotografia seguinte:



Figura 28 Biblioteca da atual da Escola São Camilo. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Aneth Basílio

No laboratório da Escola São Camilo estão presentes diversos materiais e instrumentos para as práticas de diversas disciplinas na área, desde a disciplina de Anatomia e Fisiologia à disciplina de fundamentação de Enfermagem. As técnicas que mais são visualizadas e realizadas no laboratório são as sondagens nasogástricas e vesicais⁷⁵, vias de administração medicamentosas e acessos, administração de soros e medicamentos, curativos.

Para tais procedimentos, os materiais médico-hospitalares são essenciais, assim como os bonecos específicos para este treinamento. A fotografia que observamos a seguir demonstra a presença destes materiais para a realização das aulas práticas em nível laboratorial na Escola.

⁷⁵ Sondagens realizadas para alimentação ou esvaziamento gástrico, e controle e eliminação de diurese



Figura 29 Laboratório da atual da Escola São Camilo. Fonte: Arquivo da pesquisadora Anneth Basílio

As salas de laboratório para a realização das técnicas procedimentais possuem a estrutura adequada para o ensino de enfermagem e todos os materiais necessários para que as mesmas sejam realizadas com o critério e rigidez que exigem esta assistência.

Os alunos visualizam na aula prática as técnicas anatômicas, histológicas, fisiológicas e as correlacionam com as práticas assistências de Enfermagem em nível de procedimentos. A teoria encontra-se intercalada com as aulas práticas complementando a importância literária.

Os professores das disciplinas teóricas também são responsáveis pela inserção da prática de enfermagem que é realizada tanto em nível de laboratórios localizados na própria sede da escola como evidenciamos em fotografia seguinte, como também em diversos hospitais da rede estadual e municipal.



Figura 30 Laboratório de prática da Escola São Camilo. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio

Os alunos finalizam o curso de enfermagem com aptidão e qualificação para trabalharem no âmbito hospitalar, e além da matriz curricular que é obrigatória, os alunos realizam cursos complementares que os tornam mais experientes para atuarem em áreas mais especializadas como em Unidades de Terapia Intensiva, Centros de cirurgia, Pronto-atendimentos, Obstetrícia e Neonatologia, dentre outros centros especializados.

As turmas são engajadas com o objetivo de aprendizado e todos os semestres a Escola forma turmas aptas a serem direcionadas ao campo de trabalho, como visualizamos em fotografia de turma de Enfermagem da Escola São Camilo com a Professora Supervisora. A Escola São Camilo fez recentemente 17 anos, atuantes na qualificação profissional de enfermagem, perfazendo quase duas décadas de dedicação ao ensino e aperfeiçoamento da profissão.

Diversos profissionais que atuam na assistência de enfermagem no Estado tiveram a sua história acadêmica na Escola São Camilo onde apreenderam os seus conhecimentos teóricos e práticos. A Escola enfrentou inúmeros desafios para atingir os objetivos propostos e para direcionar criteriosamente os discentes na área de saúde enfatizando a ética, a postura e a aquisição dos conhecimentos necessários. Na fonte iconográfica a seguir observamos uma das turmas de enfermagem da escola com a sua professora supervisora.



Foto 31 Turma do curso técnico de Enfermagem da Escola São Camilo. Professora e alunas. Fonte: Acervo pessoal da Enfermeira Anneth Basílio

O aluno de enfermagem atualmente não está limitado apenas ao conteúdo acadêmico, mais também aos aspectos oriundos desta aprendizagem contextualizada, assim como o desenvolvimento de uma formação que tenha uma abrangência delineada na reflexão, traçando caminhos para que o aluno seja questionador e ávido por novas experiências que os impulsionem à vida profissional. As Escolas de nível médio no Estado direcionaram de forma significativa o crescimento e aperfeiçoamento do ensino e a evolução da profissão.

CAPÍTULO IV

4 O CURSO DE ENFERMAGEM NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ : HISTÓRIA, MEMÓRIA E DOCÊNCIA

Neste capítulo abordamos a retrospectiva histórica da criação do curso superior de Enfermagem no Estado do Piauí em 1973, as lutas engajadas pela primeira turma de Enfermagem, a escolha pela profissão, as experiências das profissionais enquanto acadêmicas de Enfermagem e como docentes, e a descrição da evolução histórica na assistência e no ensino de Enfermagem desde a criação do curso de Enfermagem na Universidade Federal do Piauí (UFPI) à implantação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de graduação em Enfermagem em 2001.

4.1 Retrospectiva histórica da criação do curso de Enfermagem na Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Na década 1970, no Governo de João Clímaco D’Almeida, evidenciamos construções de alguns hospitais e expansão no setor da saúde. Em 1972 existiam em Teresina, Capital do Estado, apenas 26 Enfermeiras, sendo que algumas destas retornaram ao Piauí após a realização da graduação fora do Estado (NOGUEIRA, 1996, p. 160) , pois a criação do curso de Enfermagem na Universidade Federal do Piauí(UFPI) só seria possível em 1973, no Governo de Alberto Tavares e Silva.

A implantação da UFPI tornou-se possível com a lei Federal 5.528 de 11 de novembro de 1968. No contexto da Reforma Universitária constatamos o aumento no número de vagas e a transformação do Ensino Superior decorrente da modernização tornando-se necessária a realização de uma revisão curricular nos cursos de graduação. O ensino de Enfermagem estava direcionado para a formação de um maior número de profissionais e também para uma reestruturação curricular mais voltada para o modelo biologicista,

individualista e hospitalocêntrico. (TEIXEIRA; VALE; FERNANDES; SORDI, 2006, 142-145).

A memória deixou de ser um palco de experiências, e não apenas serviu como um modelo padronizado, mas capaz de transmitir sabedoria ao presente e possibilitar reflexões para um direcionamento futuro. Proteger e defender a reprodução do conhecimento torna os profissionais acrílicos e fora do processo evolutivo. Entendemos como Mesquita(2001, p.129) ao abordar em seu trabalho “ O banquete mnemônico” que a memória “ permite revisitar situações , para compreender como elas acontecem:as teias de poder , as intrigas , as tramas,os conflitos, as condições sociais,econômicas , políticas e culturais.”

O curso de graduação em Enfermagem da UFPI foi criado em 1973, subordinado ao Departamento de Medicina Comunitária, ocorrendo o primeiro vestibular em Janeiro de 1973 com a oferta de 20 vagas. (NUNES, 2004, p. 60)

O Curso de Enfermagem ficou vinculado ao Departamento de Medicina porque não implicaria em custos para a Universidade, fator este que, desencadeou uma série de problemáticas no funcionamento e evolução do curso e principalmente, no que se refere à formação da primeira turma que ficou um período sem ter disciplinas específicas do curso de Enfermagem para serem cursadas, assim como professores habilitados que pudessem lecionar as disciplinas.

A primeira turma de Enfermagem era constituída somente por mulheres acentuando a presença da feminização na profissão. As disciplinas que eram cursadas no básico eram disciplinas comuns aos cursos de Medicina e Odontologia (NUNES, 2004, p. 60).

Alguns estudos históricos acerca da história e memória do ensino de Enfermagem no Estado foram pesquisadas, como a tese de doutorado abordando a trajetória da Enfermagem Moderna no Piauí, assim como os primórdios do ensino⁷⁶. Obras que são de grande interesse para a história da Enfermagem, assim como para a história da Educação,pois analisam as circunstâncias em que houve a criação do curso de graduação em Enfermagem na UFPI. Esta dimensão histórica quando analisada por outros Enfermeiros e também professores enfatiza a

⁷⁶ A tese de doutorado “ A trajetória da Enfermagem Moderna no Piauí: 1937-1977” da Doutora Lidya Tolstenko Nogueira e “Os Primórdios do Ensino da Enfermagem Moderna no Piauí :Lutas e conquistas na Universidade no período de 1973 a 1977” , obra de autoria da Professora Doutora Benevina Nunes.

importância que a pesquisa histórica representa na evolução da assistência e do ensino da profissão.

Na realidade, eu gosto muito de história e também tenho um lado poético, gosto muito de escrever e tenho acompanhado o trabalho da Lidya Tolstenko, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado que foram, indubitavelmente, um marco na história da Enfermagem. Eu achei muito interessante, também, o desenvolvimento dos trabalhos na área da história da Enfermagem realizada pela Benevina Vilar, que abordaram os primórdios do ensino da Enfermagem. A Aldi Lima, também, fez a dissertação do mestrado na área da história e desenvolveu uma retrospectiva sobre a criação e organização da Maternidade São Vicente. Eu acompanhei de perto a produção do trabalho dela e é realmente encantadora a desenvoltura histórica; A origem da Enfermagem Piauiense iniciou com as parteiras na Maternidade São Vicente e depois com a área do ensino regulamentar, formalmente, com a Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, inclusive eu tive a oportunidade de lecionar também nesta escola. (FIGUEIREDO, depoimento oral, setembro de 2008).

A memória é um componente essencial para a pesquisa histórica e para que possamos escrever a história precisamos rememorar o passado e por vezes, o transformamos, pois em determinados fatos acontecidos podem faltar detalhes que não foram ditos, que foram esquecidos e precisam ser lembrados, doando vida, através da memória a estes momentos. Portanto, não é justo, como enfatiza Benjamin (1983): “desativar a memória, esquecê-la e transformar o passado em uma trilha de ruínas”, pois assim o passado se tornaria um local não visitado e seria presidido pelo esquecimento.

O caminho visitado pela memória é estruturado por componentes emotivos, lembranças, pois ao rememorarmos algo nos transportamos ao lugar do passado onde vivenciamos a história, pois não apenas os fatos históricos são guardados na memória mas tudo o que sentimos e experimentamos em nossa existência.

4.2 A escolha pela profissão de Enfermagem

A Enfermagem, hoje, atua como um processo ou uma sistematização de normas com a utilização de métodos e procedimentos específicos, organizados e fundamentados que visam conhecer e atender às necessidades básicas afetadas do ser humano.

Ao analisarmos acerca da escolha de nossa profissão rememoramos fatos que aconteceram na infância, sonhos que precisamos concretizar, vivências e experiências que gostaríamos de aprimorar, enfim, a ação e a reflexão tornam-se ciclos para a verificação do processo do aprender. Vislumbramos técnicas cada vez mais diferenciadas observadas em ambientes de estudos e primordialmente, na qualidade dos mesmos. Como ensinarmos? Como

aprendermos? Como optarmos por uma profissão? Estaremos aprendendo com isso? Observamos a importância da análise de nossas atuações para que possamos desenvolver atitudes pertinentes e capazes de responder às nossas dúvidas.

As transformações ocorridas na Educação, a importância da linguagem e do outro no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem foram significativas. O Educador e o Enfermeiro estando em processo de formação contínua, crítica e reflexiva, podem e devem realizar uma análise acerca das suas práticas e atividades educacionais assim também como assistenciais, direcionando suas funções para a pesquisa e transformando o conhecimento reprodutivo em produção.

Inseridas nos novos paradigmas da educação e da ciência na sociedade atual, observamos a utilização de metáforas, e constatamos quão importante é a interpretação, a postura crítica e reflexiva dos profissionais da Enfermagem como evidenciamos na citação que retrata a transformação, o aperfeiçoamento, o conteúdo interno resultante da mudança:

Para que a lagarta se converta em borboleta, deve encerrar-se em uma crisálida. O que ocorre no interior da lagarta é muito interessante: seu sistema imunológico começa a destruir tudo o que corresponde à lagarta, a única coisa que se mantém é o sistema nervoso. Assim é que a lagarta se destrói como tal para poder construir-se como borboleta. E quando esta consegue romper a crisálida, a vemos aparecer, quase imóvel, com as asas grudadas, incapaz de desgrudá-las. E quando passamos a nos inquietar por ela, a perguntar se poderá abrir as asas, de repente a borboleta alça vôo. (MORIN, 1996,p.284)

A modificação não é uma tarefa fácil, querer a transformação aduz a aptidão a mudança com maior fortaleza e equilíbrio. Alçar vôo requer comprometimento, planejamento, direcionamento, reflexões, questionamentos. Para mudar, é preciso que o tempo seja professor. Nossas histórias de vida podem dar um direcionamento a nossa aptidão profissional e a nossa realidade intercalada com as experiências de vida podem constituir um despertar para a escolha e opção, como podemos observar em depoimento a seguir.

Todos nós, antes de chegarmos à Enfermagem temos uma história de vida... por isso temos aulas mais contextualizadas e discutidas de forma reflexiva para que desta forma possamos ter um caminho a seguir e soluções para as problemáticas que versam sobre o conhecimento. O aluno é despertado precocemente para a sua realidade e a realidade da profissão. Então, é um aluno crítico, reflexivo acerca de sua própria realidade. Anteriormente o aluno cursava as disciplinas sem a observância em seguida da prática, após as novas diretrizes curriculares o aluno é inserido muito cedo nas comunidades para que o mesmo possa averiguar a real situação, o respeito à população, acesso as suas necessidades prioritárias, enfim, acesso aos conhecimentos necessários para de certa forma viabilizar e direcionar a sua assistência. (ALBUQUERQUE, depoimento oral, maio de 2008).

Ao rememorarmos o passado, para sabermos o que nos levou à escolha da profissão observamos que o processo reflexivo encontra-se inserido nas histórias de experiências de vida após a análise da escolha profissional.

A afinidade é um componente presente, como a possibilidade de cuidar, da proximidade com o paciente, enfatizando que a profissão de Enfermagem ainda está inserida na contextualização do caráter caritativo e religioso como constatamos em depoimento da enfermeira e professora Santos :

A escolha pela Enfermagem como profissão ,foi mais por afinidade mesmo, não tão consciente naquela época, pela idade, mas foi pela afinidade com o cuidar. Durante o curso, nós cursávamos as disciplinas com os acadêmicos da Medicina, Odontologia (...)estudávamos todos juntos. E alguns colegas diziam que nós deveríamos fazer era o curso de Medicina, pois nós estudávamos da mesma forma, mas eu não tinha este interesse. Não é que a Medicina não cuide mas ela muito mais cura... o seu maior foco é no curar e a Enfermagem é no cuidado, eu, por exemplo, sempre quis mesmo cuidar. Inclusive, a Enfermagem ainda encontra-se muito ligada a questão da caridade, com base na religiosidade, nas raízes do catolicismo, os valores são muito fortes... Há a necessidade de separarmos a questão econômica, pois é um direito nosso , é a nossa profissão, que ainda tem muito de doação. (SANTOS, depoimento oral, julho de 2008).

A aptidão para a profissão de Enfermagem tem sustentáculo na afinidade, no dom, no foco e ênfase ao cuidar. A área da Medicina, assim como a Enfermagem, têm competência e habilidade para atuar na atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação e liderança, administração, gerenciamento e educação permanente, de acordo com as normatizações das Diretrizes Curriculares Nacionais.

Observamos através dos depoimentos da professora Santos que a disciplina que relata a história da Enfermagem atualmente é contextualizada com fatos que aconteceram no passado, entretanto, que são interpretados, analisados sustentados em uma visão mais crítica corroborando para uma reflexão criteriosa por parte dos discentes, fazendo com que os mesmo esteja aptos à produção do conhecimento.

A pesquisa educacional e a pesquisa histórica estão inter-relacionadas, e não podemos nos esquecer que, a historicidade da origem do fenômeno educativo, tem origem com o próprio homem. A enfermeira e professora Santos ministra, atualmente, a disciplina de história da enfermagem na Associação de Ensino Superior e Tecnológico do Piauí-NOVAFAPI.



Figura 32 - Enfermeira e professora de Enfermagem Ana Maria Santos. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio

Tão importante quanto as experiências para o crescimento do processo ensino-aprendizagem, são as perspectivas históricas no sentido de contribuir com a evolução do ensino. O historiador tem interesse pela vida humana e ao valorizar o passado, faz uma inversão em seu conceito, pois o passado não é o que “não é mais”, pelo contrário, é o que há de mais sólido na estrutura do tempo, uma passagem ao ser (...), o objetivo do historiador seria mediar um diálogo entre os vivos e os vivos ainda. (SAVIANI, 1996, p.45).

A importância da percepção de alunos e professores relacionada à história da profissão, suas origens, a caracterização de sua evolução e o aperfeiçoamento da assistência e do ensino de Enfermagem enfatizam a chave para um novo olhar e novas formas de aquisição cognitiva. Existem as ocorrências contínuas de um conhecimento reprodutor, sem questionamentos e interpretações, sem a presença de interdisciplinaridade que são contextualizados na atualidade. Há a necessidade de conhecermos o passado para que este nos propicie o conhecimento do presente. Em depoimento abaixo segue a opinião da professora Santos, que ministra a disciplina de História da Enfermagem:

No conhecimento na área do Ensino da História de Enfermagem, quando eu cursei a disciplina durante o curso de Enfermagem, até pelo contexto, foi uma coisa muito restrita... Nós nos restringíamos aos períodos históricos, antigos, era cristã, período negro, nós não tínhamos esta prática social, participativa, que é o que eu procuro realizar hoje, realizar a ligação entre a historicidade e o que aconteceu no nosso país, com o nosso Estado, com o que aconteceu historicamente com a profissão, para que o aluno compreenda que tudo, em sua maioria, tem uma explicação, nós precisamos conhecer o passado, para conhecermos o presente e o futuro, como nos planejamos, para realizarmos um planejamento, pois o estudo da história é muito importante para que você perceba qual a melhor forma para a nossa organização como categoria. (SANTOS, depoimento oral, julho de 2008).

A evolução histórica do ensino de enfermagem nos reporta à importância do caráter interdisciplinar tão enfatizado atualmente e que interliga e contextualiza a historicidade com a nossa realidade. A disciplina de história de enfermagem tem ênfase na dinamicidade e no contexto da análise e da reflexão. A interpretação da história é fator significativo para o conhecimento, estruturação e contextualização da nossa profissão desde a sua origem.

No processo de escolha da profissão e no entendimento da sua evolução observamos quão relevante e essencial é a compreensão das etapas de sua organização e estruturação.

4.3 Enfermeiras dinâmicas: Professoras plurais

Na década de 1970, em Teresina, observamos os primeiros movimentos da sociedade civil organizada para o engajamento das lutas por direitos sociais trabalhistas, condições de trabalho, principalmente nas Instituições públicas a serviço da educação e da saúde, um envolvimento significativo dos profissionais de saúde com a profissão e com as lutas inseridas e necessárias para o crescimento profissional.

Muitos profissionais foram cursar Enfermagem fora do Estado, pois o curso na Universidade Federal do Piauí apenas teria início em 1973. A Prof^a Lidya Tolstenko Nogueira foi a primeira coordenadora do Curso de Enfermagem. Tal coordenação era subordinada ao Departamento de Medicina Comunitária que funcionava no HDIC, hoje Hospital de Doenças Infecto Contagiosas. Com a inserção do curso de Enfermagem na UFPI, houve a necessidade de professores para ministrar as disciplinas do curso e de aperfeiçoamento profissional:

A primeira turma de Enfermagem iniciou em 1973, e formou-se em 1977. Eu fui convocada para o Departamento de Enfermagem em 1976, existiam pouquíssimas docentes à época. Fui fazer o mestrado em 1977, no Rio de Janeiro, na Escola de Enfermagem Anna Néri, junto com a professora Lidya Tolstenko Nogueira,

também da Universidade Federal do Piauí, após a realização de uma Especialização em Metodologia do Ensino de Assistência de Enfermagem. Cursei o mestrado em dois anos e meses (Na época o mestrado era realizado em quatro anos), mas como eu tinha que retornar em tempo hábil, consegui realizá-lo e fazer a defesa em apenas dois anos. A Prof^a Lidya foi a primeira coordenadora do Curso de Enfermagem da UFPI. (NERY, depoimento oral, maio de 2008).

A professora Lídy Tolstenko Nogueira, ao iniciar as suas atividades como coordenadora, o fez com o curso já em andamento e passando por uma série de problemas ligados a sua continuidade, devido ao seu início não ter o sustentáculo de planejamento e organização adequados. As alunas tinham cursado todo o básico, mas nenhuma disciplina direcionada ao Curso de Enfermagem. As aulas para as alunas de Enfermagem foram iniciadas em março de 1973, estas cursaram no ciclo básico, as disciplinas nucleares comuns como Matemática, Português, Inglês, Introdução à Metodologia Científica e outras nucleares diversificadas, disciplinas direcionadas à área da saúde com Biologia, Química Geral e Física Básica. Do segundo ciclo, as disciplinas cursadas eram as pré-profissionais destinadas à formação profissional como Anatomia, Histologia, Bioquímica, Fisiologia, Farmacologia, dentre outras que eram comuns aos alunos da área da Saúde. (NOGUEIRA, 1996, p.191-192).

Devido à impossibilidade da primeira turma de Enfermagem adentrar para o período profissionalizante pela ausência das disciplinas e professores aptos a lecioná-las, uma das alunas fez a denúncia ao MEC e deu publicidade ao fato como é esclarecido em depoimento a seguir:

Assim que eu cheguei, eu adentrei na Universidade Federal do Piauí (O curso de Enfermagem da UFPI tinha sido criado em 1973 e os alunos já estavam no terceiro ano de Enfermagem e ainda não tinham cursado nenhuma disciplina específica do curso) Em 1975, os próprios alunos foram aconselhados por uma professora, para dar publicidade a este fato. Então, após ser exposto na mídia, com esta denúncia, o reitor ficou em uma situação embaraçosa, e ainda mais pela época, era ditadura e só se fazia apologia e o fato era uma crítica. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008).

As alunas da primeira turma do Curso de Enfermagem se sentiram prejudicadas e insatisfeitas com a situação em que se encontravam sem saber ao certo quando tal problemática iria ter resolução. O Curso nesta época encontrava-se acéfalo, sem coordenação e não havia quem orientasse as alunas e as direcionassem em nível de informações e supervisão. Em 1973, a enfermeira e professora Melo, estava supervisionando os alunos de Medicina, no estágio rural em Valença e encontrava-se, também, organizando o Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas- HDIC, para que fosse campo para prática da Universidade

Federal do Piauí . Em 1974, a professora Carlota Lina era do quadro da UFPI, não era professora do Departamento de Enfermagem, mas do Departamento de Medicina Comunitária e foi quem direcionou e orientou a turma de Enfermagem como podemos constatar a seguir:

A primeira professora admitida para a UFPI foi a Profª Carlota Lina Melo que muito incentivou a luta pelo crescimento e aperfeiçoamento do curso de Enfermagem , inclusive fortalecendo e acompanhando os movimentos para o desenvolvimento da profissão , inclusive com repercussões midiáticas na época. Todos os professores que tinham mestrado foram chamados a participar do quadro da UFPI. Inicialmente, nós éramos professoras de todas as disciplinas do curso e era muito difícil pois não havia as especialidades que existem hoje, nós tínhamos que ensinar várias disciplinas e o acervo dos livros que dispúnhamos era reduzido e assim, dificultava o nosso trabalho. Eram apostilas, não existiam livros específicos para a área de Enfermagem, eram mais livros direcionados à área médica. A única revista disponível era a REBEn –Revista Brasileira de Enfermagem, que já existia à época; A primeira turma , por ser excelente, foi direcionada à docência... (NERY, depoimento oral, maio de 2008)

Na ocasião não existia um projeto político–pedagógico como hoje. Todos os professores eram responsáveis pelas disciplinas, não havia a especialidade que observamos na atualidade. O acervo de livros era bastante reduzido e as dificuldades eram inúmeras, pois os livros específicos para a assistência de Enfermagem eram quase inexistentes. As primeiras Enfermeiras que se formaram foram direcionadas à docência, e além da competência técnica, existia o entusiasmo, como observamos em depoimento:

As disciplinas que eu lecionei foram: O Exercício de Enfermagem, Fundamentos de Enfermagem, Enfermagem Médica e cirúrgica. Na disciplina de Obstetrícia, a Inez Néri logo entrou. Para lecionar a disciplina de Administração, nós não tínhamos, inicialmente, professor, assumiu uma pessoa do Ceará, que, infelizmente não deu certo. E quando eu cheguei do Mestrado, eu comecei a ministrá-la, Administração em Saúde Pública e também voltada a área hospitalar. Lembro-me que logo em seguida fizemos a tentativa da Sistematização da Assistência da Enfermagem, sem êxito. Tivemos tanto trabalho com relação às prescrições de Enfermagem. (NOGUEIRA, depoimento oral, julho de 2008).

A ênfase do saber e no saber- fazer ainda é predominante no curso de graduação em Enfermagem e existem componentes essenciais que precisam ser aperfeiçoados, como a importância de uma educação continuada aos profissionais, tornando-os mais reflexivos, participativos, aptos a discernirem com sabedoria acerca dos saberes e práticas, além de decidirem com clareza quanto à aplicabilidade técnica. Para ações simultâneas e concernentes a estas transformações educacionais, torna-se indispensável que não se aja apenas baseado na logística técnica, mas buscando a coerente e indispensável formação pedagógica.

Ao rememorarmos o passado constatamos que as lembranças tornam o fato acontecido mais forte, como se no decorrer de instantes presentes, o passado estivesse à porta pedindo para ser atendido e ouvido, talvez interpretado. Ao lembrarmos as dificuldades vivenciadas por estas profissionais focamos as experiências como um farol que nos oportunizou chegar aos objetivos sonhados.

Apesar da época difícil, escassa literatura, dificuldade em ministrar as disciplinas, em repassar o conteúdo teórico, a consecução do objetivo foi alcançada e o professor ultrapassou as barreiras, persistindo no processo de ensino e aprendizagem, fato este enfatizado a seguir:

Naquela ocasião nós não tínhamos a disponibilidade de muitos livros, eram apostilas, reproduzidas por mimeógrafo, termofax, quando falávamos em fotocopiar... era em um papel cor de rosa. A biblioteca original era minha e eu repassava todas os livros necessários para que fossem copiados para a realização das apostilas. Eu me orgulho... No início, começamos juntas, Aparecida,, Maria José (Professora de Saúde Pública), e eu, depois entrou a Inez, Filomena Lélis. Os professores estudavam muito, liam muito, trabalhavam bastante, mas não tinham a prática hospitalar. (NOGUEIRA, depoimento oral, julho de 2008)

As dificuldades iniciais incentivaram as professoras a buscarem aperfeiçoamento profissional. A indisponibilidade literária fizeram com que buscassem o ensino e a pesquisa culminando em direcionamento estimulante ao objetivo almejado que era a qualidade do ensino da profissão. A disciplina de História da Enfermagem Piauiense começou a ser pesquisada na década de 70, pois algumas enfermeiras piauienses desejaram conhecer mais profundamente esta temática e buscaram subsídios para as suas pesquisas.

Durante o tempo em que eu permaneci na UFPI, tive a oportunidade de lecionar várias disciplinas pois não havia um projeto político – pedagógico e já havia à época uma matriz curricular que disponibilizava uma disciplina de História da Enfermagem onde nós utilizamos os livros da Paixão, um livro muito completo, de pesquisadoras também recentes como Wanda Horta e Lygia Paim que abrangia de forma significativa o processo do cuidar na Enfermagem. A história da Enfermagem era lecionada, mas na época nós não tínhamos literaturas Piauienses que abordassem a Enfermagem e a sua desenvoltura no Piauí. Posteriormente algumas colegas começaram a se interessar e a se aprofundarem no assunto e assim, elaboraram as suas dissertações e teses construindo assim um maior acervo e caracterizando esse “ algo mais” para trabalharmos com os alunos ...” (ALBUQUERQUE, depoimento oral, maio de 2008).

Este algo mais culminou ao direcionamento e estímulo para o ensino, a pesquisa e a extensão. A complexidade da prática pedagógica posiciona cada vez mais o professor à desenvoltura de habilidades como a avaliação, reflexão, criatividade, capacidade de lidar com situações urgentes, pois observamos a discussão cada vez mais constante sobre as diferenças entre a reprodução do conhecimento e a produção do mesmo.

Na contextualização educacional observa-se um direcionamento mais sistêmico e reflexivo abordando uma ênfase dialética entre os aspectos teóricos e práticos. Na dinâmica profissional, muitas vezes a assistência de enfermagem e a visualização de algumas lacunas e necessidades, propiciam ao enfermeiro que também é educador, um encontro com a docência como podemos observar em depoimento a seguir:

A docência na minha vida foi por acaso, houve a necessidade de implantar um centro rural universitário de treinamento e ação comunitária em Bom Jesus do Gurguéia, era um estágio curricular obrigatório para o pessoal da área de saúde que realizar-se-ia na zona rural., foi uma experiência muito enriquecedora, bonita, foi formada uma equipe com um médico, enfermeiro, dentista e assistente social. A área de Bom Jesus (1978) era desprovida de assistência e quando chegamos assumimos logo o Hospital e a coordenação de saúde. Os estagiários de Medicina e Enfermagem passavam alguns dias conosco e realizávamos prioritariamente a atenção básica.(...) Fizemos parte desta história. (SOUSA, depoimento oral, agosto de 2008).

O número de professores era reduzido e a demanda de alunos era grande. A inserção do campo de prática motivou e aperfeiçoou a prática profissional, as disciplinas teóricas adquiriram uma luminosidade cognitiva quando inter-relacionadas à prática.

A necessidade da realização das práticas assistenciais para que o aluno de enfermagem adquirisse experiência culminou na realização de alguns convênios hospitalares como evidenciado em depoimento de professora:

Na UFPI, havia uma quantidade pequena de professores e nós tínhamos que nos desdobrar para realizarmos as nossas atividades, tínhamos que ministrar muitas aulas, de diversas disciplinas, a parceria com os campos foi essencial pois aprimorávamos na prática o que lecionávamos nos aspectos teóricos, abrindo assim novos horizontes e buscando esta integração, inquestionável. (ALBUQUERQUE, depoimento oral, maio de 2008).

As dificuldades encontradas pelas alunas pioneiras foram evidentes, além da ausência de uma coordenação que as direcionassem, muitos aspectos devem ser enfatizados como a deficiência da própria estrutura e espaço físico da UFPI, hoje, planejado, organizado e estruturado. Em fotografia a seguir, a enfermeira e professora da UFPI, Judite Albuquerque, atualmente coordenadora do curso de Enfermagem da FACID.



Figura 33 Professora e Enfermeira da UFPI Judite Albuquerque
Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Anneth Basílio

Por ocasião da inserção do curso de Enfermagem na Universidade Federal do Piauí, na época, o espaço era reduzido, as dificuldades eram enormes em recursos áudio-visuais para apresentação de aulas, grupos de discussão, trabalhos e seminários, fatores que se encontram minimizados, pois o departamento de Enfermagem da UFPI dispõe atualmente de vários equipamentos disponíveis para docentes e discentes. Uma das professoras descreve como as dificuldades iniciais eram significativas e como o aperfeiçoamento e direcionamento do curso de Enfermagem contribuiu para as transformações da profissão.

Considerando como começamos, eu, que me considero uma parte viva da história, pois estive lá, na luta para que conseguíssemos, considero que melhoramos muito, conseguimos inúmeras conquistas. Hoje, estamos com dois blocos, um bloco de salas de aulas e outro bloco, com laboratório e área administrativa, temos uma área de vídeo, auditório, área de apoio (...) quando lembro da dificuldade que era para a consecução de um retroprojeter para dar aulas. Hoje, temos disponível data show, multimídia... Enfim, todas as condições. (AVELINO, depoimento oral, maio de 2008).

Algumas enfermeiras e professoras realizaram a sua dissertação de Mestrado na área da Educação, contribuindo de forma essencial para o aperfeiçoamento do ensino de Enfermagem e direcionando a Sistematização da Assistência de Enfermagem, através da

metodologia do ensino. O Mestrado em Educação propiciou a alguns dos profissionais enfermeiros uma visão diferenciada:

O Mestrado na área de Educação fez-me alçar vôos, pois eu queria outra área do conhecimento que fosse diferente, eu queria ampliar a minha visão de mundo e a área da Educação foi responsável para que eu desbravasse esta busca pelos diversos saberes... eu sinto que deixei muito nos meus colegas de mestrado e eu, fiquei com o muito que eles me deixaram... O mestrado propiciou-me uma estrutura de conhecimentos que me direcionou inclusive à temática relacionada ao Ensino de Enfermagem com a Sistematização da Assistência de Enfermagem, aonde eu realizei inclusive uma sugestão para a unificação de uma disciplina da Metodologia do Ensino e a proposta foi aceita e hoje, sou eu quem ministro a disciplina. (AVELINO, depoimento oral, maio de 2008).

Diversas mudanças ocorreram na década de 1990 com as diretrizes curriculares. A partir de 1994, o Curso de Enfermagem da UFPI ampliou os estágios curriculares para dois semestres letivos de duração possibilitando uma melhor qualidade na assistência de Enfermagem e maior inserção do profissional no campo da prática assistencial. Houve a eliminação também do ciclo básico de todos os cursos de graduação da UFPI. Em decorrência da nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 houve a constatação de nova proposta curricular com a mudança da duração do curso para quatro anos e meio e carga horária de 3780 horas aulas.

Como docente eu adentrei na UFPI no dia 4 de janeiro de 1990, eu ainda estava na assistência quando entrei na docência. Marcante, foi a minha qualificação tanto com o mestrado como o doutorado nesta missão que é a docência, que é uma área em que eu muito me identifico. E eu queria mesmo me integrar à pesquisa, ao ensino e à extensão. Estou exclusivamente na área do ensino. E tenho o grande sonho de realizar o pós-doutorado... As novas diretrizes, elas não são... elas estão, permanecem, ou seja, trata-se de um processo, são implantadas oficialmente, mas implementadas na medida em que há a adequação curricular, nós estamos no quarto currículo. Observamos que as diretrizes elas estão influenciando, estão ocorrendo (...) percebo, principalmente, a importância da interdisciplinaridade, o aluno produz o seu próprio conhecimento. O professor é um canal de condução, um direcionador, pois como diz Paulo Freire: *“É caminhando que se aprende a caminhar”*. (FIGUEIREDO, depoimento oral, julho de 2008).

4.4 A primeira turma de Enfermagem da UFPI: Um exemplo de coragem, força, competência e dinamismo

O Curso de Enfermagem da UFPI teve o seu primeiro vestibular em janeiro de 1973 e a autorização para o seu funcionamento ocorreu em 1974, por meio do ato da reitoria nº 198/74. Em 1978, o Curso foi reconhecido pelo Ministério de Educação, através do parecer nº2137/1978 do Conselho Federal de Educação.

Tudo precisou começar, e então, alguns tiveram dificuldades para que através da luta, os objetivos fossem alcançados. A primeira turma construiu os degraus, delineou caminhos a serem seguidos, abriu portas que estavam trancadas, conseguiram chaves para o futuro, lutaram por isso. A Enfermagem foi inserida junto aos cursos de Medicina e Odontologia para que fosse possível a tríade para a existência do Centro de Saúde.

No início, observamos que os dirigentes ao instalarem o curso não pensaram nas dificuldades que o mesmo enfrentaria quando houvesse a necessidade de serem cursadas as disciplinas do profissional, mas a força que a primeira turma demonstrou com a luta para que o curso fosse reconhecido foi a razão da vitória desta consecução.

Tivemos uma vantagem muito grande, a força da primeira turma... Para que nós tivéssemos um centro, eram necessários no mínimo três cursos, então, nós tínhamos apenas a Medicina e a Odontologia. A Enfermagem entrou para satisfazer esta exigência. E na primeira turma os alunos brilhavam, os professores eram poucos e não correspondiam às expectativas dos alunos, mas foi um desafio e tivemos erros e acertos, mas o saldo foi positivo. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008).

A união e a força da primeira turma foi algo notável e significativo para a evolução do ensino de Enfermagem no Estado do Piauí. Vencendo uma época em que a ditadura vigorava, as acadêmicas de Enfermagem lutaram com afinco pelo direito de terminarem o Curso de Graduação. E mesmo com todas as limitações, após a denúncia feita ao MEC, a estruturação do curso foi realizada e a união da turma foi fator preponderante para esta estruturação.

Na época, éramos vigiadas, pois era ditadura, não podíamos nada, mas lutamos por nossos objetivos e conseguimos, aqui estamos. Eu, por exemplo, realizei disciplinas da área médica, pois terminávamos aquelas disponibilizadas para o curso de Enfermagem e não havia mais o que cursar, então, fiz uma denúncia ao MEC e logo em seguida houve uma auditoria na UFPI. A minha turma foi muito unida, fomos todas muito corajosas, eu, inicialmente, assinei o documento de denúncia e depois marquei uma reunião com a turma (éramos quinze) então pedi que todas assinassem, pois eu sabia que poderiam advir sérias conseqüências, mas todas nós permanecemos fortes, acreditamos em nosso sonho e conseguimos... (AVELINO , depoimento oral, maio de 2008).

Os dirigentes da Universidade Federal do Piauí- UFPI, nesta época fizeram várias promessas às alunas do curso de Enfermagem, mas as alunas continuaram insatisfeitas com a falta de ações realmente concretas que viabilizassem o início do curso profissional. (NUNES, 2004, p.86). Como podemos observar em relato de professora atual da UFPI e que participou das lutas realizadas pela primeira turma de enfermagem :

Recebíamos propostas para cursar Medicina, mas o que eu queria mesmo era ser Enfermeira, eu queria a Enfermagem, era o meu sonho. Depois da auditoria, tudo se realizou rapidamente, fizeram “a grade curricular”, providenciaram professores. Existiram muitos questionamentos, uma exacerbação de estudos, inúmeras dúvidas e

poucas respostas... Mas conseguimos terminar o curso... (AVELINO, depoimento oral, maio de 2008).

As alunas de Enfermagem tiveram experiências árduas e grandes dificuldades no início do Curso de Enfermagem, as vagas eram poucas para as disciplinas que eram conjuntas, assim como a carência de professores aptos e especializados para ministrarem aulas em disciplinas específicas.

A escolha pela Enfermagem vem da infância, desde pequena eu queria ser Enfermeira, e quando soube que iria haver o primeiro vestibular para Enfermagem (1973), foi mais do que suficiente para a minha decisão de inscrever-me no processo seletivo. Então, fiz o vestibular, fui aprovada e começou a difícil caminhada, um caminho árduo, pois no início do curso nós ficamos acéfalos, não havia quem nos orientasse, nos direcionasse, não havia uma coordenação, não sabíamos a quem solicitar um direcionamento... Tivemos que nos tornar guerreiras para lutarmos por nosso objetivo que era o término do curso. Naquela época eram oferecidas apenas duas turmas para os alunos da área de Medicina, Odontologia e Enfermagem e nós tínhamos que passar a noite na fila, para conseguir uma vaga, além de pagar uma taxa para cada disciplina. (AVELINO, depoimento oral, maio de 2008).

A partir da década de 1990, houve um grande crescimento na qualificação do corpo docente, foram criados cursos de especialização nas diversas áreas de Enfermagem. Em 1997, constatamos notório crescimento na produção de conhecimento através da construção de trabalhos de conclusão de cursos (TCC) e monográficos. O Mestrado em Enfermagem da UFPI foi aprovado pela CAPES e teve início em março de 2007, com 16 mestrandas, conforme vislumbramos em depoimento de professora da UFPI:

Em 2006, obtivemos a aprovação do MEC e assim, abriu-se a seleção para a primeira turma do Mestrado em Enfermagem, da Universidade Federal do Piauí. Após as novas diretrizes houve a observância de um crescimento significativo no ensino. O departamento nunca esteve estático em relação à busca de conhecimentos e sempre se mostrou dinâmico à procura de aperfeiçoamento de suas atividades e direcionando melhor os discentes às especialidades. (NERY, depoimento oral, maio de 2008).

O tempo foi um fator diferencial na evolução do ensino de Enfermagem no Estado, assim como a qualificação e aperfeiçoamento de profissionais que vivenciaram as deficiências e os problemas apresentados no início do curso e que foram, ao longo do tempo e das possibilidades, sendo sanados como é apresentado por uma das depoentes que teve a oportunidade de presenciá-los.

Nós vivenciamos muito das problemáticas do início, como as vagas, a questão das matrículas, a carência e o preparo dos professores, no início, isto nós vivenciamos. Mas foi algo superado, pois o curso conseguiu se manter, conseguiu se consolidar, se superar... e hoje, poucas Escolas no país têm um Mestrado em Enfermagem como o nosso, muito bom, excelente. Sinto-me muito feliz com a escolha que fiz. (SANTOS, depoimento oral, julho de 2008).

Permitir voz àqueles que vivenciaram, estiveram presentes, sentiram os fatos, fizeram a diferença, contribuíram profissionalmente torna-se imprescindível para o crescimento histórico.

Quando nós estávamos no início do curso , a primeira turma estava querendo entrar para a parte profissional e não estavam conseguindo, fizeram as disciplinas do básico e não estavam conseguindo cursar as disciplinas específicas do curso de Enfermagem. Não existiam disciplinas... o curso nasceu com dificuldades, ocorreram alguns fatos, o curso foi planejado , mas sem pensar nas disciplinas do profissionalizante e então, elas ficaram sem disciplinas para cursar, e era a época da ditadura. Mas, elas conseguiram, publicaram uma matéria no jornal “O DIA”, conseguiram que estas informações chegassem até Brasília, que o MEC viesse realizar uma auditoria, eu me lembro que nós estávamos começando na Universidade e então, tudo foi muito rápido, a estruturação do departamento, foi criada a coordenação, na época, a grade curricular também foi criada rapidamente... foi muito marcante para nós que estávamos iniciando, foi muito forte.(SANTOS, depoimento oral, julho de 2008).

Vasconcelos (2001, p.36), cita que “a história efetiva escapa aos códigos e lugares sagrados. Não se deve deixar de incluir o acaso na história...” As lutas são importantes, permeiam os ideais de vida, estão presentes no presente e serão lembrados no futuro como a força inicial e fortalecedora. A luta pelos ideais de vida e a sua consecução fizeram destas profissionais partícipes na construção de um momento histórico.

“Pois nós somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes. Neste caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Este apelo não pode ser rejeitado impunemente.” Tal interpretação sobre a história, brilhante, questionadora e ávida por descobertas, de Walter Benjamin, denota com clareza a importância da experiência e sua relação entre o trabalho da memória e a reconstrução da história.

4.5 A Contribuição dos Enfermeiros professores na área assistencial

Na década de 1960, no Estado do Piauí, o setor da saúde foi marcado por inúmeras transformações, constatamos um crescimento importante com a reforma do HGV, o que culminou em mudanças não somente evidenciadas em nível social , mas de forma significativa nos aspectos político, econômico e também em nível cultural. Outro evento importante nesta década foi a inauguração da Casa Mater, em 1966, Instituição privada, que criou outras alternativas no campo de trabalho do médico, enfermeiro e auxiliares, fato este relatado pela enfermeira e professora:

Quando decidi vir para Teresina, a convite de um irmão que já residia na Capital, imediatamente já comecei a trabalhar na Casa de Saúde e Maternidade de Teresina,

hoje, Hospital Aliança, realizando o meu trabalho como Enfermeira chefe nos postos I, II e III. Na verdade, tanto realizava os serviços assistenciais como a Gerência de Enfermagem. (NERY, depoimento oral, maio de 2008).

Alguns Enfermeiros e também, professores fizeram tentativas, na época de implantação inicial da Sistematização da Assistência de Enfermagem no Hospital Getúlio Vargas - HGV, cuja implantação efetiva ocorreu em 1995, como é enfatizada pela professora e mestre em Enfermagem que foi uma das primeiras enfermeiras a realizar esta tentativa de implantação desta assistência.

Tive a oportunidade de ter a experiência como Enfermeira, durante um ano, na Unidade de Saúde do Matadouro, Unidade de Saúde do Satélite, aonde observei o seu funcionamento e desenvoltura; No Hospital Getúlio Vargas através do projeto da Unidade piloto de sistematização da assistência de Enfermagem (SAE), que foi o primeiro projeto a ser implantado no Estado do Piauí, nos anos de 1985 a 1987, e esta experiência repetiu-se dez anos depois no HGV em 1995. (ALBUQUERQUE, depoimento oral, maio de 2008).

O Hospital Getúlio Vargas , nas décadas de 1960 e 1970, sofreu inúmeras reformas. A contextualização social, política e econômica destes fatos foram as transformações ocorridas em nosso país e em nosso Estado com o golpe militar em março de 1964 que culminaram em reformas na área de saúde pública.

Nesta época, observamos no HGV uma grande reforma em detrimento a várias circunstâncias e déficits relacionados a atendimentos e assistência médico-hospitalar. O HGV tornou-se pequeno para a demanda da população que aumentou a procura pelo atendimento, pois determinados fatores desencadearam nesta busca por atendimentos especializados.

O hospital tinha uma estrutura adequada com um espaço suficiente, a presença de médicos qualificados, a difusão através dos meios de comunicação de que estes serviços assistenciais estavam sendo prestados e que direcionou ao crescimento da demanda de pacientes em busca do atendimento médico-hospitalar.

Havia um número significativo de pacientes muito graves que necessitavam de procedimentos e assistência de enfermagem especializada. Através de depoimentos constatamos que esta demanda era imensa e os profissionais poucos. O planejamento assistencial do enfermeiro foi surgindo lentamente. A passagem de plantão, a obrigatoriedade da presença de enfermeiros nas áreas mais críticas, a visibilidade da importância e da necessidade da presença do profissional Enfermeiro na área hospitalar. Assim, o respeito profissional e a sua respectiva valorização foram gradualmente sendo percebidos.

O Diretor do HGV solicitou que fôssemos, eu e uma colega, trabalhar no Hospital Getúlio Vargas, haja vista a ausência de uma assistência continuada de enfermagem

nesta Instituição, pedindo que nós permanecêssemos de 15 às 21h. Terminávamos ficando até às 23h, pois grande era a demanda de pacientes graves que precisavam de uma assistência especializada e criteriosa. Com a organização, surgiram os plantões, que não eram remunerados, mas havia a passagem de plantão, as observações eram repassadas, e nosso trabalho, de certa forma, ficou mais planejado e organizado. Permaneci no HGV de 1972 a 1974, sendo convidada neste ínterim pelo Dr. Ursulino Martins para trabalhar na Maternidade São Vicente, hoje, Centro de Saúde Lineu Araújo. A minha experiência com partos e os cuidados assistenciais às parturientes, fizeram-no perceber quão importantes eram os cuidados de Enfermagem na área da Obstetrícia. (NERY, depoimento oral, maio de 2008).

A Maternidade São Vicente foi construída e inaugurada em 1964, pois até então, a obstetrícia tinha sustentáculo e inserção nas dependências do HGV, e com o aumento da demanda em diversas áreas médicas atuantes neste hospital houve a necessidade de outro espaço físico que disponibilizasse uma melhor estruturação para os serviços de obstetrícia e minimizassem os riscos de infecções maternas e neonatais que estavam freqüentes. Foi quando o Dr. Ursulino Martins fundou a Maternidade São Vicente, hoje, Ambulatório Lineu Araújo.

Gostaria de enfatizar que anteriormente existia uma maior integração de equipe, que era realmente multidisciplinar, e quando eu visualizo que em alguns lugares, atualmente, a Enfermagem ainda nem participa das “corridas de leito”... Eu comecei a trabalhar em 1970 no HGV, e eu lembro do respeito que os membros da equipe (atendentes de enfermagem) tinham pelo Enfermeiro, eles levantavam ao chegarmos ...Os Médicos respeitavam muito o profissional Enfermeiro. A presença do Enfermeiro era indispensável, havia apenas cinco enfermeiras na época, mas nós éramos muito respeitadas, a Amparo Barbosa, Maria do Carmo Pereira, Filomena Lelis.. Ocupávamos o nosso espaço, trocávamos informações, havia crescimento e aperfeiçoamento. Atualmente, nós estamos distantes do paciente, existem algumas lacunas, e é essencial a pesquisa, mas temos também que primarmos pela parte assistencial, chegar mais perto do paciente... (SOUSA, depoimento oral, agosto de 2008).

Na década de 1970, com a industrialização e o incremento do comércio, o incentivo à cultura e à educação, ampliação da rede de ensino público, além da implantação da Universidade Federal do Piauí também observamos avanços no setor da saúde com a construção do ambulatório integrado do HGV, assim como a inauguração da Maternidade Dona Evangelina Rosa, no governo de Alberto Tavares Silva.

Logo em seguida, houve a mudança para a Maternidade Dona Evangelina Rosa, onde acompanhei também todo o planejamento organizacional, inclusive participando como ministrante de cursos de aperfeiçoamento de auxiliares e técnicos de Enfermagem pela ausência de pessoal qualificado para determinados procedimentos assistenciais necessários. (NERY, depoimento oral, maio de 2008).

Atualmente, observamos a necessidade de um caráter mais dialógico, contextual e comunitário onde a dinamicidade seja observada em nível social e cultural da instituição. A prática pedagógica evolui então para uma prática mais reflexiva, questionadora, com

tendências a transformações pertinentes à criação e a percepção do professor que o faz pesquisar a sua própria ação.

A prática pedagógica reprodutora, positivista, enclausurou a docência, separando teoria e prática e direcionando o professor à reprodução do conhecimento, priorizando a memorização e a passividade (PERRENOUD, 1993, p 48-50). Na profissão de enfermagem visualizamos uma prática pedagógica diferenciada pois o enfermeiro tem buscado este eixo integrador da inserção teórico e prática, assim como a busca de experiências não apenas assistencial como também como educador.

O momento mais importante, como discente, foi acompanhar este crescimento da Enfermagem, que foi crescendo gradualmente, observamos um crescer intelectual, de instrumentos, de mecanismos, de laboratórios, é uma evolução, realmente, marcante. E, enquanto, profissional, eu tenho dois momentos que eu gostaria de enfatizar, pois os dois tiveram muita importância, que é o momento em que eu atuei na assistência e o outro, na docência. Na assistência, foi quando eu pude dar a minha contribuição, quando eu gerenciei uma unidade de saúde que foi modelo, que passou a ter uma representação na cidade de Teresina, que inclusive me levou a ingressar na vida pública, como política, e que tem marcado a minha trajetória profissional e pessoal. (FIGUEIREDO, depoimento oral, junho de 2008).

A profissão de Enfermagem tem galgado muitos espaços, assim como conquistado respeito devido à qualificação dos enfermeiros que se mostram aptos à evolução da Assistência e ao aperfeiçoamento do ensino da profissão.

Muitas discussões foram visualizadas por ocasião da inserção do profissional enfermeiro na área da obstetrícia, quando o enfermeiro com a devida especialização torna-se habilitado na realização de partos sem distorcias, ou seja, sem maiores complicações..

As Especializações eram buscadas em outros Estados, haja vista a inexistência de qualificações no Estado do Piauí, na época. Morin(2004, p.11) aborda que “a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito”. Visualizamos que, as enfermeiras e professoras não tinham autonomia para a realização dos partos pois era determinado que a função era essencialmente médica. Mas, alguns médicos apoiaram a necessidade da assistência e presença da enfermagem nestes espaços como podemos observar em depoimento abaixo:

Tivemos muitos embates, na época, com relação à realização de partos. E na época, houve uma regra que nenhuma enfermeira na Maternidade poderia fazer partos. Então, se as enfermeiras não podiam, as professoras não poderiam e os alunos também. Questionamos muito, na ocasião, e demonstramos que tínhamos a razão pelos argumentos que foram expostos, pois para a nossa realidade, os Enfermeiros tinham a necessidade sim de realizar partos, pois no interior quem realizavam os partos eram as parteiras, e as Enfermeiras precisavam saber atuar... Dr. Natan Portela fortaleceu a decisão acerca da necessidade deste procedimento e a

Enfermagem continuou realizando partos. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008).

O HGV, a Maternidade Evangelina Rosa, o Hospital Areolino de Abreu foram campos de estágio em que o aluno de Enfermagem pôde desempenhar a assistência de Enfermagem na prática com a aplicação dos conteúdos teóricos .

Nós tínhamos três salas no HGV, na Maternidade, no Hospital Areolino de Abreu, em todos os Hospitais, nós tínhamos espaços para os professores discutirem com os alunos. Eu reproduzi o que tinha aprendido na minha Escola. Eu exigia um uniforme, eu não admitia que os alunos viessem com a mesma roupa de casa e vestissem a roupa hospitalar por cima, eles tinham que trocar de roupa e vestir o que eles chamavam de “jibão”. (Risos). Não fumavam na minha presença, mas existia muito carinho, muita consideração pelos alunos. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008).

Podemos observar as folhas das árvores, aparentemente similares, mas não iguais, com uma arte diferente. Portanto, as histórias não são iguais e fazem as diferenças no mundo, as diferenças entre as pessoas. Comportamentos individuais e grupais, realmente, são fontes de aprendizado e passam a ser situações de reflexão e avaliação contextual.

O ensinar pode ser em um mesmo movimento, construído, desconstruído, linear, circular na sua forma de transmitir conhecimentos e formar espíritos, explicar, fazer sobreviver os elementos simples do conhecimento, tornar simples o que sempre foi complexo para a humanidade(PERRENOUD,1997, p.45).

Cada um faz diferente porque é diferente, pensa diferente, faz-se e constrói-se de forma diferente. Cabe ao professor estabelecer a sua própria forma de produção de conhecimento.

4.6 Diretrizes Curriculares Nacionais no Curso de Graduação em Enfermagem: Um direcionamento interdisciplinar

O ensino, a pesquisa e a extensão tornaram-se uma tríade incerta e questionável, atualmente. Os métodos que são direcionadores e facilitadores para a investigação, a observação, a experimentação de alternativas tornam os professores mais preparados para esta nova prática educacional.

Sabemos da importância da compreensão acerca do conteúdo disciplinar, mas os aspectos questionadores passam a ser um componente transformador e evolutivo em nível de crescimento e aperfeiçoamento profissional.

O estudo da experiência na formação, sobretudo, reflexiva deste profissional, que tem por objetivo torná-lo melhor preparado, visualizando maior autonomia e valorização é fundamental na análise das intervenções pedagógicas. (JOSSO, 2004,p.102-104).

Com o processo de Redemocratização do país, precisamos citar dois marcos , a VIII Conferência Nacional de Saúde em 1986 e a Promulgação da Constituição de 1988 que se caracterizaram por processos de lutas e consecuições de direitos sociais.

A ABEn em 1994, vale ressaltar , criou os SENADens (Seminários Nacionais de Diretrizes para a Educação em Enfermagem) que contribuíram significativamente para as Diretrizes Curriculares Nacionais. (TEIXEIRA, 2006, p.144)

A Enfermagem cresceu muito de 1990 para os dias de hoje, a UFPI, os professores são muitos preocupados, engajados, imbuídos em capacitar os alunos. A área física cresceu bastante, foi realmente aprimorada, estruturou-se melhor... E qual é a profissão que prepara atualmente para ser educador e gestor? A Enfermagem é um curso completo, nós estamos conseguindo muitos dos nossos objetivos mas ainda falta muito... Falta reconhecimento, valorização, autonomia, falta um maior espaço dentro da Universidade Federal do Piauí. (NOGUEIRA, depoimento oral, junho de 2008).

Em 1996 foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996), flexibilizando os currículos, para a extensão de cursos e a abertura de vagas na Educação Superior. Houve acréscimo em carga horária curricular, e hoje com o currículo III, há a obrigatoriedade do trabalho de conclusão de curso.

Houve um acréscimo na carga horária das disciplinas e atualmente, temos um currículo com mais de quatro mil horas aulas, voltado inclusive para a área preventiva, com maior praticidade, maior atenção à pesquisa, aumento na quantidade de monitorias remuneradas, o número de projetos cresceram até o currículo II, não havia a obrigatoriedade atual de realização do TCC (Trabalho de conclusão de curso). Hoje, existe esta obrigatoriedade, pois a partir do currículo III começou a ser cobrado. Observamos a dificuldade que os discentes tiveram na realização deste trabalho, pois cursavam disciplinas pertinentes à Metodologia Científica no início do curso e chegavam ao final ainda inexperientes para a realização desta monografia, caracterizando um déficit nesta área de pesquisa. Atualmente temos um introdutório aonde abordamos o trabalho de pesquisa, além de estágios e bolsas que contemplam de forma mais atenta este aspecto do aprendizado. A minha experiência como chefe de departamento tem sido enriquecedora , há muito o que realizar, tudo o que estou realizando faz parte da minha contribuição ao departamento... (NERY, depoimento oral, maio de 2008).

O conhecimento pedagógico do professor aborda uma temática que requer uma definição e análise que se estenda além do debate funcionalista e administrativo da profissão docente. Constatamos, então, que não são questionadas as propostas epistemológicas da forma de transmissão do conhecimento, mas o esquecimento à ênfase e a importância do

conhecimento cultural, prático, contextual com os seus aspectos científicos, éticos, morais e políticos do educar, pois as adaptações que o professor realiza permeiam as suas ações.

Esta oportunidade de lecionar diversas disciplinas nos levava a discussões enriquecedoras acerca de mudanças, reuniões científicas, didáticas, o que nos levava a aprofundar os conhecimentos. Havia a exposição de conhecimentos por uma professora, e a outra docente enfatizava e complementava. Em 1997, houve a oportunidade de mudanças da grade curricular, de construção de um novo currículo, a UFPI teve que se inserir no contexto nacional e de ter um projeto pedagógico que viabilizasse esta questão. Não somente uma grade curricular, mas um perfil, e mentários, e isto foi trabalhado através de oficinas com os professores da UFPI, professores de outros centros que trouxeram a sua experiência de fora, com o trabalho de profissionais de áreas específicas que contribuíram para o desenvolvimento e aperfeiçoamento deste trabalho que obteve um crescimento enriquecedor. Este aspecto fez com que a Enfermagem se organizasse para atender às necessidades do novo contexto exigido. (ALBUQUERQUE, depoimento oral, junho de 2008).

A produção do conhecimento encontra-se interligada pela visão crítica, questionadora e investigativa e a autonomia consiste em um sustentáculo para esta construção. A estrutura organizacional que enfatiza a reflexão, o estímulo, a curiosidade, a interação e a busca do saber, estabelece um novo olhar acerca da apreensão do conhecimento.

As novas Diretrizes Curriculares inter-relacionou as disciplinas, direcionou o aluno que estava voltado para área da administração a buscar a prática, envolvido com a comunidade e com a contextualização da teoria. Tais diretrizes proporcionaram ao aluno um direcionamento às áreas preventivas e curativas.

Muitas mudanças ocorreram com as transformações do ensino e com as novas diretrizes curriculares, o ensino, que era voltado antes mais para a área administrativa, hoje, é observada uma maior delimitação entre a área intra-hospitalar e a saúde comunitária. O profissional torna-se apto a desenvolver tanto na área hospitalar, curativa, como na área preventiva. Eu posso falar destes aspectos, pois eu fui a responsável, realizei o projeto político pedagógico do curso de Enfermagem. (ALBUQUERQUE, depoimento oral, junho de 2008).

Houve a realização do Projeto político pedagógico que foi de significativa importância para a sustentação da formação profissional e encontrava-se fundamentado nos princípios da equidade, da integralidade, da gestão demográfica, da formação do educando, respeitando a liberdade e valorizando os atores sociais deste processo.

Na verdade, eu fiz esta integração, favoreci um eixo integrador... O aluno no primeiro período já tem contato com a história da Enfermagem, no segundo período visualiza a atenção primária, insere-se no contexto da realidade. Tentei realizar um eixo permeável às outras disciplinas, enfatizando a interdisciplinaridade. O aluno fica motivado no início do curso pois temos um introdutório que realizamos que é muito importante na inserção deste aluno na UFPI. Este curso de introdução é ministrado por mim e são abordadas significativas informações acerca do Projeto Político Pedagógico... Falamos o que é projeto, o político e o pedagógico. Falamos

dos pressupostos, dos objetivos do curso, da missão do Curso de Enfermagem, depois, realizamos uma análise da matriz curricular, explicando o eixo integrador, abordando os direitos e os deveres do aluno. Realizamos uma visita à UFPI (biblioteca, setor de esportes, restaurante universitário, reitoria). Posteriormente, os alunos têm que fazer um relatório contextualizando este projeto pedagógico. (AVELINO, depoimento oral, maio de 2008).

Os professores têm o anseio de transformações e inovações e se comprometem com a contextualização atual e cultural, estando mais aptos a debates, às reflexões, análises das realidades sociais, aprendizagens alternativas, simulações e dramatizações. Trabalhar em uma educação do futuro significa promoção de um currículo realmente formativo com a caracterização de experiências interdisciplinares, pois os aspectos metodológicos devem fomentar os processos reflexivos sobre a educação e a realidade social por diferentes experiências.

Anteriormente o perfil dos egressos contemplava apenas o aspecto assistencial e a área curativa e hoje o enfoque transformou-se e a ênfase é para a prevenção de doenças e não apenas aos aspectos curativos. Os currículos foram alterados em nível de diretrizes, pois sabemos que a Unidade de Terapia Intensiva, apesar de necessária é muito onerosa e muitos casos de hospitalização podem ser prevenidos, podem ser solucionados. Houve uma mudança na Política Nacional de Saúde com a criação do SUS, essa possibilidade de integralidade, de controle social, interdisciplinaridade, de humanização, de prevenção, alertou os cursos sobre a necessidade de uma adequação. As pessoas, atualmente, buscam, não apenas o cuidado à saúde mas viver melhor e viver com maior qualidade de vida, além de serem informadas acerca destas importâncias que são consideradas essenciais para que esta assistência seja visualizada... a Enfermagem deixou de estar apenas nos Hospitais e teve que acompanhar a ampliação da demanda do mercado e um novo processo de crescimento dentro do contexto político-social e começou a desenvolver-se nas comunidades. (ALBUQUERQUE, depoimento oral, junho de 2008).

Muitas conquistas foram evidenciadas na estrutura da UFPI. O planejamento e a organização do Departamento de Enfermagem foram essenciais em nível de transformações e conquistas.

A estrutura antes pouco estruturada e ineficiente, após a reforma evidencia uma galeria de exposições de trabalhos, área para o museu de história e memória da Enfermagem, duas salas de vídeo, ampliação de auditório, sala de apoio, sala para eventos, setor de coordenação, área para a organização das placas de formaturas, área de informática, amplo espaço para salas de aula, salas de aula para o Mestrado e Doutorado.

A inauguração foi realizada no dia 31 de março de 2008, com a presença da Administração Superior, Diretores de centros e pró-reitores.

Observamos mudanças importantes com melhorias essenciais na reforma realizada no Departamento de Enfermagem, a estrutura do departamento antes ineficiente para comportar a demanda e as necessidades do curso, obteve um aperfeiçoamento estrutural. Tal reestruturação contou com a ampliação do auditório, sala de apoio,

apoio para eventos, duas salas de vídeo, galeria de exposições, museu da história e memória da enfermagem, local específico para as placas, setor de coordenação e salas de professores ampliados, laboratório de informática com maiores conexões para a internet, áreas de circulação entre a coordenação e o departamento, interligadas e climatizadas, sala de reunião, salas para o mestrado e doutorado. (NERY, depoimento oral, maio de 2008).

O Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí, após as reformas e planejamento organizacional possibilita, atualmente, uma estrutura de exímia qualidade, proporcionando aos discentes mudanças significantes, transformações estas que vão desde os aspectos estruturais às reformas em âmbito administrativo, na área de aquisição de conhecimento, buscando, inclusive, as implementações no processo de ensino e aprendizagem como a melhoria dos recursos áudio-visuais.

Área de extrema importância para a história e memória da Enfermagem piauiense como podemos evidenciar a seguir, um espaço destinado apenas à exposição das placas de formatura por ano que, anteriormente, não eram organizadas como deveriam, enfatizando e demonstrando a essência e importância histórica deste memorial para o departamento, como podemos constatar em fotografia recente:



Figura 34 Espaço destinado para a organização das placas de formatura após a reforma do Departamento de Enfermagem. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio



Figura 35 Placa de formatura dos formandos em 2003. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Annet Basílio.



Figura 36 - Placa de formatura da turma de dezembro de 1995. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Annet Basílio.

A solenidade de formatura de dezembro de 1995 constou com a diplomação de 27 enfermeiros, a turma “Nossos pais: caminho à liberdade, discernimento e conhecimento” teve como oradora Francimaura de Moraes Gomes, juramentista Kátia Regina de Sousa Batista e descerramento da placa realizado pela enfermeira recém-formada Anneth Cardoso Basílio da Silva. Observamos alguns mestres homenageados como as professoras Benevina Maria Vilar Nunes, Carlota Lina Cardoso Melo, Filomena Nogueira, Maria do Rosário de Fátima Sampaio, Francinete Paula Avelino, dentre outras professoras que direcionaram e aperfeiçoaram estes profissionais no caminho do conhecimento.

Na placa de formatura de 1995 constatamos uma mensagem de Gustave Flaubert, enfatizando a essência e propósito da luta por sonhos e objetivos de vida: “Os momentos mais esplêndidos da vida não são os chamados dias de êxito, mas sim aqueles dias que saindo do desânimo e do desespero, sentimos erguer de dentro de nós um desafio à vida e a promessa de grandes realizações.”

Inúmeras mudanças foram realizadas no Departamento de Enfermagem da UFPI, transformações estruturais e em nível de aprimoramento e capacitância de docentes, direcionando uma melhor aptidão à formação do enfermeiro generalista e humanista, assim como crítico e reflexivo.



Figura 37 Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí após as reformas. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio

O enfermeiro, inserido na sua dinâmica profissional e educativa, precisa procurar transformações e criar novas formas de ensinar e aprender, assim como a estabelecer vínculos com o processo evolutivo do saber -conhecer. A reflexão e a pesquisa acerca das suas próprias ações podem desencadear novas formas de estabelecer a aprendizagem.

A socialização e a vivência profissional tornam-se essenciais para a prática da docência, pois a formação permanente vislumbra os questionamentos, assim como a legitimação do conhecimento profissional posto em praticidade.

O conhecimento profissional não é estático e flui para a dinamicidade. Ao analisarmos a desenvoltura do Curso de Enfermagem e as transformações oriundas das novas diretrizes curriculares, observamos que o sistema educativo nos leva a questionarmos como superar determinadas imagens de práticas de ensino que se tornaram ultrapassadas para o exercício do ensino. Devemos, prioritariamente, possibilitarmos a reflexão, a flexibilidade e a criatividade nas situações educativas, evitando uma visão funcionalista, mecânica, rotineira, técnica e burocrática, como constatamos na visão a seguir:

O aluno é transformado, o aluno que não dava importância a história da Enfermagem, agora pensa de forma diferente quanto ao conteúdo, quanto ao acesso ao conhecimento histórico, quanto ao aprendizado da história... Todos os trabalhos que nós construímos, foram todos com a participação dos alunos. É dinâmico, é participativo... Isto nós conseguimos, graças as novas diretrizes, a interação, o diferente só é diferente quando é significativo para o aluno. (SANTOS, depoimento oral, julho de 2008).

Aprender e ensinar interagem com os conhecimentos derivados de uma socialização comum, com novas informações, em um processo de formação questionador aonde se aprende mediante reflexão individual e coletiva acerca do contexto de instabilidade que promove a prática educativa e do caráter de incerteza e improvisação destas práticas, tornando o professor mais reflexivo acerca dos problemas enfrentados.

A análise da produção do conhecimento não se faz de forma estática e repetitiva, mas com dinamicidade e com certa complexidade, solicitando uma investigação por parte do professor. Indubitavelmente a prática pedagógica não mais pode ser visualizada como apenas uma atividade, mas um processo que envolve questionamentos e aspectos reflexivos.

Por muito tempo os saberes oriundos da prática pedagógica não foram reconhecidos e tratados de forma valorativa nas pesquisas acadêmicas. O que era valorizado, na verdade, era a estrutura didática e pedagógica, por isso esta separação dos aspectos teóricos e a praticidade, e os professores tornaram-se meros transmissores de um saber repetitivo, estático, sem a dinamicidade significativa e exigida no processo de aprendizagem de conhecimentos.

Hoje com o PSF (Programa de Saúde da Família), que atua de forma estratégica, observa-se esta nova tendência. Atualmente, o profissional Enfermeiro é um educador, educa por excelência na prevenção das doenças aperfeiçoando a profissão na área preventiva e tornando-a apta às suas razões de existência. “A Enfermagem tem que trabalhar a saúde das pessoas”. Hoje, nós temos a saúde da criança, saúde da mulher, do adulto e do idoso modificando o que anteriormente era enfermagem pediátrica, materno-infantil, médico-cirúrgica. Atualmente o enfoque é a prevenção... com o trabalho de professor reflexivo, o enfermeiro educador busca o caráter reflexivo do conhecimento e isto é contemplado nas novas diretrizes... O enfermeiro com uma visão generalista, ampla, vislumbramos a formação de um enfermeiro crítico, apto a questionamentos e transformações. Reflexivo, pois as próprias aulas não são mais aqueles conhecimentos reprodutivos, aonde o aluno era passivo, hoje, o aluno produz, produz o seu próprio conhecimento ativamente...o professor é facilitador neste processo de busca que é o conhecimento... (ALBUQUERQUE, depoimento oral, junho de 2008).

A prática da produção do conhecimento aborda a essência e importância da autonomia, investigação e da crítica para a construção do mesmo, pois isso inclui o enfoque democrático, social, solidário, igualitário, cultural e ambiental.

Um dos focos principais é você visualizar os conteúdos das disciplinas perpassarem uma grande quantidade de informações que se visualizam também em outras disciplinas caracterizando um forte elo. A saúde ambiental, que é a disciplina, que atualmente, estou ministrando, leva a questionamentos com o discente, o que você (aluno) faz em defesa do meio ambiente, o que se faz no dia a dia significa muito, além de uma prova objetiva ou de uma caracterização de notas. O fazer é mais importante, a cidadania... o aluno crítico, questionador, reflexivo, o aluno ativo, e isto faz com que não nos preocupemos apenas com a nota avaliativa, mas com o que eu faço, o que eu produzo, o que eu quero, o que eu penso, o que eu posso fazer, a minha parte... A experiência que eu tive como secretária de meio-ambiente, eu posso dizer que se ambientalista é uma profissão, eu posso dizer que me qualifiquei como ambientalista, foi uma escola, quatro anos de experiência, e impressionante como essa área está interligada à Enfermagem, como eu encontrei a enfermagem na secretaria. O prefeito na época foi bastante criticado por indicar uma enfermeira para a secretaria de meio ambiente, e acho que nós conseguimos desenvolver um trabalho de grande visibilidade. (FIGUEIREDO, depoimento oral, junho de 2008).

Perrenoud (1997, p.32) enfatiza a importância e essencialidade dos saberes adquiridos que não se encontram enquadrados em doutrinas e teorias, que se caracterizam pelos saberes da experiência.

O saber docente é plural e é envoltório de muitos aspectos oriundos de experiências vivenciadas, sonhos articulados sobre sustentáculos teóricos e que podem ser alcançados com o uso de criatividade, autonomia, práticas reflexivas e anseios por transformações que resultem no aperfeiçoamento do ensino e de suas práticas, para que seja possível a troca de experiências, a interdisciplinaridade e a construção deste processo de ensino e aprendizado, como evidenciamos em depoimento seguinte:

Tanto a Enfermagem teve significado e repercussão no meio-ambiente, pois eu levei muito da minha visão, como a Enfermagem na experiência da área ambiental, houve

uma troca de conhecimentos...Hoje, eu realizo um seminário temático, aonde estão inseridos quatro grupos, um que desenvolve a questão da poluição do ar atmosférico, o outro visualizar a poluição do solo, do aterro, a estação de tratamento de água e esgotos. Seminários enriquecedores em que o aluno sai com a visão geral dos problemas ambientais de Teresina, é uma riqueza de informações, através de uma pesquisa, realizada por eles mesmos, caracterizando a construção do saber. (FIGUEIREDO, depoimento oral, junho de 2008).



Figura 38 Professora e doutora em Enfermagem Maria do Livramento Figueiredo. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio

O professor atualmente não necessita apenas de conhecimento teórico, precisa contextualizar este conhecimento com os aspectos sociais e culturais. As novas diretrizes traçaram este plano interdisciplinar, o entrelace entre a prevenção e a cura, como sustentáculo pedagógico. O profissional de enfermagem apto para atuar não apenas no atendimento e assistência individual, mas também em âmbito familiar, coletivo engajando a comunidade em suas atuações assistenciais.

Eu vejo as novas diretrizes como algo fantástico, há um maior planejamento no ensino, pode-se visualizar com critério qual a necessidade da sua população, as necessidades da comunidade, o que se almeja, o perfil da população, a questão

epidemiológica, construção conforme as necessidades visualizadas, o ideal da população. Outra coisa grande que eu vislumbro é que, antes o professor era um excelente técnico, isto sem questionar a parte pedagógica, existia, sem dúvida, aquele conhecimento da técnica, mas não havia um interesse pela questão pedagógica. Atualmente com estas novas diretrizes, há a possibilidade de formarmos além de um bom técnico, também um cidadão. Um currículo integrado é uma maravilha. Esta integração favorece e norteia muitos pontos positivos, pois para esta formação crítica, integrada, participativa, tem que haver a questão pedagógica. Com estas diretrizes, houve uma maior cobrança neste aspecto.(SANTOS, depoimento oral, julho de 2008).

Esta integração entre os eixos disciplinares permite um melhor planejamento e uma organização sistematizada das ações de Enfermagem, mas não podemos esquecer que cada ação deve ser cuidadosamente traçada e individualizada. O Enfermeiro e também educador deve estar sempre pronto a um novo olhar para que possa perceber e interpretar o direcionamento de suas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação é o resultado de um trabalho de pesquisa com sustentáculo teórico-metodológico em obras que abordam a história da Enfermagem e a evolução da sua prática de ensino, assim como outras obras que enfatizam a importância da Memória e História Oral, evidenciando os escritores clássicos da História da Educação Brasileira, os estudos de gênero e as produções historiográficas locais.

A reconstituição e a preservação da história e memória do ensino de Enfermagem no Piauí tornam-se fundamentais para a descoberta e a análise de informações acerca da evolução e do desenvolvimento deste ensino.

Este trabalho evidencia quão importantes foram as contribuições dos precursores desta história, a descrição dessas para o ensino de Enfermagem, os direcionamentos e as condições da desenvoltura deste ensino, além de fomentar reflexões para a observação criteriosa dos fatos que ocorreram no passado e contribuíram para a análise desta evolução histórica da profissão e do ensino de Enfermagem.

O cuidado aos doentes originou-se no lar, com a mãe de família, primordialmente cuidadora ou por escravos, definindo a ausência de pessoas aptas que se dispusessem a realizá-lo. A presença do gênero feminino, desde o início, acentua a caracterização histórica da feminização na prática e na assistência do cuidar.

A retrospectiva histórica da profissão de Enfermagem foi necessária no decorrer do trabalho pois a evolução das suas práticas assistenciais, assim como a estruturação e aperfeiçoamento do seu ensino, enfatizaram os aspectos histórico- sociais, as origens e a trajetória do cuidado humano, a transmissão destes cuidados e o seu vínculo com o caráter religioso relatando a trajetória da profissão de Enfermagem no Brasil.

A análise histórica da desenvoltura e evolução do ensino de Enfermagem no Estado do Piauí tornaram possível a identificação e a contribuição de Enfermeiras Piauienses pioneiras na evolução do processo de ensino e aprendizagem da profissão, assim como a história da instalação, estruturação e aperfeiçoamento do ensino médio de Enfermagem no Estado, com a criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot e

posteriormente da Escola São Camilo que são consideradas marcos no desenvolvimento do ensino de Enfermagem no Piauí.

A análise da evolução do ensino de Enfermagem na Universidade Federal do Piauí, a sua implantação com a inserção do curso de Enfermagem na década de 1970, as lutas e conquistas da primeira turma de Enfermagem com a consecução de uma coordenação dinâmica e funcional, o desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino de Enfermagem com as modificações das cargas horárias e outros aperfeiçoamentos oriundos das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais foram temáticas abordadas na pesquisa com o intuito de reconstituição e preservação da história e memória da evolução da profissão e do ensino da Enfermagem Piauiense.

O marco inicial da dissertação corresponde ao início formal do ensino de Enfermagem no Estado, que se deu com a inauguração da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot, em Junho de 1958 e o terminal, com a Resolução do Conselho Nacional de Educação Nº 3 de 7 de Novembro de 2001 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem as quais definem os princípios, os fundamentos, as condições e os procedimentos de formação de Enfermeiros, assim como a aplicação em âmbito nacional com a organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em Enfermagem das Instituições do Sistema de Ensino Superior.

As análises realizadas no decorrer deste estudo tornam evidentes as seguintes observações:

- Os avanços e retrocessos foram características básicas no processo de ensino de Enfermagem no Piauí. A implantação do ensino formal ocorreu tardiamente tendo que enfrentar desafios que impediram seu progresso e muitas vezes ocasionando o seu declínio.
- A carência de recursos financeiros era uma argumentação comumente usada pelos governantes para justificar a falta de prioridade para com a educação. As escolas dependiam de verbas para o seu funcionamento. A saída das religiosas das supervisões hospitalares, assim como do âmbito educacional, a ausência de professores qualificados e aptos para ministrarem as disciplinas nos cursos de Enfermagem foram fatos históricos importantes para dificultar a instalação, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento deste ensino.

- A análise histórica da desenvoltura e evolução do ensino de Enfermagem no Estado do Piauí tornou possível a identificação e a contribuição de Enfermeiras Piauienses pioneiras na evolução do processo de ensino e aprendizagem da profissão, enfatizando a importância das suas lutas pelos seus ideais pessoais e profissionais e das conquistas para a consecução de um espaço de maior significância para a profissão no Estado.
- A análise histórica da instalação, estruturação e aperfeiçoamento do ensino médio de Enfermagem no Estado, com a criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot e posteriormente da Escola São Camilo que são consideradas marcos no desenvolvimento do ensino de Enfermagem no Piauí propiciou, através a contribuição da história oral que complementa a fonte de pesquisa documental, inúmeros esclarecimentos acerca da importância da história e da memória da profissão e do ensino de Enfermagem..
- O estudante de Enfermagem e o Enfermeiro são predominantemente do sexo feminino, mesmo com inserção gradual do sexo masculino.
- A ampliação das ofertas de cursos não se vinculou aos avanços estruturais e recursos humanos necessários.
- A criação do Departamento de Enfermagem e a análise da evolução do ensino de Enfermagem na UFPI- Universidade Federal do Piauí, a sua implantação com a inserção do curso de Enfermagem na década de 70, as lutas e conquistas da primeira turma de Enfermagem com a consecução de uma coordenação dinâmica e funcional, o desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino de Enfermagem com as modificações das cargas horárias, as implementações e as evoluções decorrentes da nova estruturação educacional, culminando com as Diretrizes curriculares para o curso de Enfermagem foram marcos significativos para o crescimento do ensino da Enfermagem Piauiense.

A desenvoltura deste trabalho oportunizou-me grande crescimento e aperfeiçoamento pessoal e profissional haja vista a pesquisa histórica ter sido realizada no Estado do Piauí com a contribuição de profissionais enfermeiros que participaram dos eventos, enriquecendo os fatos com importantes conteúdos mnemônicos e construindo novas formas de visualização de detalhes antes vivenciados na história da profissão e do ensino, mas que estavam esquecidos. O empenho despendido na construção deste trabalho foi de grande significância pois propiciou o esclarecimento de questionamentos relacionados às causas e

conseqüências do início tardio da implementação deste ensino e de como se processou a evolução deste no Estado.

O mundo diversificado, com diferentes culturas e linguagens, determinado também pela influência da linguagem não- verbal, transporta-nos para uma viagem imensurável de conhecimentos que é a área da educação. Tal área identifica-se e une-se aos laços culturais, intercala de hermenêutica os efeitos lingüísticos em cada cultura e permeia o aperfeiçoamento do ser em crescimento. A educação é o corolário de uma sociedade, seu perfil mais transformador, seu palco mais brilhante, sua estrutura mais forte. Este espetáculo surpreendente de diferentes junções enlaça a necessária busca pela arte do ensinar e apreender os ensinamentos.

O educador planta sementes para uma nova geração com sua contínua aspiração em aprimorar àqueles que buscam lapidar a alma, a mente, o ser. Uma união exímia com o crescer, vivenciando-o e enfatizando a sua essência vital em nossas vidas. A profissão de Enfermagem proporciona, face à necessária e criteriosa observação no sistema de relações resultantes dos aspectos multidisciplinares, um eixo integrador entre as atividades que podem ser criadoras, diferentes, únicas, participativas e efetivas.

Ao final deste estudo evidenciamos a necessidade e importância do desenvolvimento desta pesquisa. O presente trabalho, resultado final deste processo, apresenta subsídios para melhor compreensão da história e memória da evolução do ensino de Enfermagem no Estado do Piauí.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO NETO. **Dicionário biográfico**: escritores piauienses de todos os tempos. Teresina: Halley, 1995.

ALFARO –LEFEVRE, R. **A aplicação do processo de Enfermagem**: Promoção do cuidado colaborativo. São Paulo: Artmed, 2005.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras: por que educar meninas e mulheres**. São Bernardo do Campo, SP: Autores Associados, 2007.

AZEVEDO, Fernando. **A transmissão da cultura**. São Paulo: Melhoramentos/INL, 1976.
_____. **A Cultura Brasileira**: Introdução ao estudo da cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Escrituras, 1996.

BARREIRA, I. A. **A reconfiguração da prática de Enfermagem Brasileira em meados do século 20**. Texto e contexto Enfermagem, 2005: 14(4):480-7

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____ et al. **Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**- ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1998.
_____. **(Re)introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
_____. (Org). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense**: família e poder. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRITO, Itamar de Sousa. **História da Educação no Piauí**: enfoque normativo, estrutura organizacional, processo de sistematização. Teresina: UFPI, 1996.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JR, Décio. **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campina (SP): Autores Associados, 2002. p. 25-38.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**: a revolução francesa da história, 1929 – 1989. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Testemunha ocular** : história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. Formação do corpo docente e valores na sociedade brasileira: a feminização da profissão. In: _____; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. **Feminização do magistério**: vestígios do passado que marcam o presente. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CASTELO BRANCO, Pedro. **Mulheres Plurais**: a condição feminina em Teresina na primeira República. Teresina: PMT :Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

CATANI, D.B. et al. **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAVES, Monsenhor. Apontamentos Biográficos e outros. In: _____. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003. p.413-639.

_____. O Piauí nas lutas da Independência do Brasil. In: _____. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 255-411.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-Câmara de Educação Superior -**Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem, 1996-1971.**

COSTA, F. A. Pereira da. **Cronologia histórica do estado do Piauí:** desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República. Rio de Janeiro: Artenova, 1974, v.1.

_____. **Cronologia histórica do estado do Piauí:** desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República. Rio de Janeiro: Artenova, 1974, v.2.

DANIEL, L. **A Enfermagem planejada.** São Paulo: EPU, 1981.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 1, p. 141-159, jan.jun. 1998. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 8 jul 2006.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí republicano.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A arqueologia do saber.** 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FONTINELE, K. **Ética e Bioética em Enfermagem.** 2 ed. Goiânia: AB, 2002.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. **A educação brasileira no contexto histórico.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade.** São Paulo: Moraes, 1986.

FREITAS, Clodoaldo. **História de Teresina.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos. **Projeto Memória de leitura – Unicamp.** 2004. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/escolaprimaria.htm>>. Acesso em 11 dez. 2005.

GEOVANINI, T. **História da Enfermagem**: versões e interpretações. 2 ed. Rio de Janeiro:Revinter, 2005.

GOMES,T.O; ALMEIDA FILHO, A.J; BAPTISTA, S.S. **Enfermeiras religiosas na luta por espaço no campo da Enfermagem**. Revista Brasileira de Enfermagem, 2005;58(3):361-6

GONÇALVES, Luiz Mendes Ribeiro. **Impressões e Perspectivas**. Brasília: Senado Federal, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HORTA, Wanda de Aguiar. **Processo de enfermagem**. São Paulo: EPU, 1979

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo : Cortez, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas (SP): Unicamp, 2003.
_____. Novas abordagens. Trad. Henrique Mesquita. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

JR, Décio. História das instituições educacionais. In: ARAUJO, José Carlos Souza; _____ (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campina (SP): Autores Associados, 2002. p. 3-24

LIMA, Maria José. **O que é Enfermagem** .São Paulo:Brasiliense, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
_____. Perspectivas históricas da educação. São Paulo: ÁTICA, 1989.

MACIEL, Emmanuel Coelho. A obra musical de Possidônio Queiroz. **Memória piauiense**: Possidônio Queiroz. Teresina: Fundação Elias Tajra, p.19-29, abril, 1995.

MACHADO, W. **História da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005

MARTINS, Agenor de Sousa Martins. et. al . **Piauí**: evolução, realidade e desenvolvimento. 2. ed. Teresina: Fundação Cepro, 2002.

MEDEIROS, Antônio José. Movimentos Sociais. In: SANTANA, Raimundo Nonato. **Piauí: Formação-Desenvolvimento- Perspectivas**. Teresina: FUNDAPI, 1995, p.159-183

MELO, Pe Cláudio. **Os construtores de nossa História**. [S.l.: s.n], 1997.

MENDES, Felipe. **Formação Econômica**. In: SANTANA, R. N. Monteiro (Org). **Piauí: Formação -Desenvolvimento- Perspectivas**. Teresina: FUNDAPI, 1995. cap. 3, p. 55-81.

MENDES, A. M. **A imagem da mulher na obra de Amélia Burlamaqui**. Rio de Janeiro :Caetés,2004.

MICHAELIS: **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____.O desafio do conhecimento. São Paulo :HUCITEC-ABRASCO,1996.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: Repensar a reforma e reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **O método 4: as idéias, habitat, vida, costumes, organização**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MOTT, Luiz R. B. **Piauí: população, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

_____.**A trajetória da pesquisa em história da educação no Brasil**. São Paulo: EPU, 1998.

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Souza. **Educação Franciscana: História e Memória da experiência educativa em Parnaíba 1949-1964**. Teresina:Sieart gráfica e editora, 2008.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**. Madri: Sextante, 1968.

NIGHTINGALE,F. **Notas sobre Enfermagem: o que é e o eu não é**. São Paulo:Cortez, 1989.

NOGUEIRA ,C.M. **A Feminização no mundo do trabalho** : entre a emancipação e a precarização. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

NOGUEIRA , L.T. **A Trajetória da Enfermagem moderna no Piauí: 1937-1977**. Rio de Janeiro: EEAN/UFRJ, 1996. 217p. Tese de Doutorado em Enfermagem.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**, a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: (10), dez.1993.

NÓVOA,A. Formação de professores e profissionais docentes. In: **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995 a.
_____. Os professores e as suas histórias de vida. In:_____. (Orgs) **Vidas de professores**. Portugal:Porto, 1995 b.

NUNES, B.M.T.**Repensando a prática e construindo caminhos**: uma análise crítica do ensino e aprendizagem no Curso de Enfermagem da UFPI. Teresina: EDUFPI, 1988

_____. **Os primórdios do ensino da Enfermagem moderna no Piauí**: Lutas e conquistas na Universidade 1973-1977. Teresina: EDUFPI, 2004.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos ANPEd**, n. 5, p.7-64, set. 1993.

_____. **Memória e história da educação**: entre práticas e representações. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Formação de educadores**: desafios e perspectivas. São Paulo: UNESP, 2003. p. 131-145.

NUNES,Benevina M.V.T; SANTOS, Ana Maria R; MOURA, Eliete B; SILVA, Maria Enóia D.C; MONTEIRO, Claudete. F. S; CARVALHO, M.L.**Memória coletiva da Aben- Secção Piauí**. Revista Brasileira de Enfermagem, 2007-jul-agos;60(4); 464-9

NUNES, Odilon. **Depoimentos históricos**. Teresina: COMEPI, 1981.

_____. **O Piauí**: seu povoamento e seu desenvolvimento. [S.l.: s.n], 1972.

_____. **Pesquisas para a história do Piauí**. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. v. 2.

_____. **Pesquisa para a história do Piauí**. 2.ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975, v. 4.

OGUISSO, T. **Trajetória histórica e legal da Enfermagem**. Barueri, SP: Manole,2005.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A memória na reconstrução das histórias da docência. In; VASCONCELOS, José Geraldo;MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano. **Memórias no plural**. 1 ed. Fortaleza: LCR, 2001.

PAIXÃO, W. **História da Enfermagem**. 5 ed.Rio de Janeiro, 1979.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: Perspectivas sociológicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: V 2 , n .10: 1989.

PORTO, Carlos Eugênio. **Roteiro do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

RAMOS, Francisco Ferreira. **Memorial do Hospital Getulio Vargas**: Contexto histórico-político socio-econômico e cultural. Teresina: Gráfica do povo, 2003.

REIS, José Carlos. Os Annales: A renovação teórico-metodológica e utópica da história pela reconstrução do tempo histórico. In: SANFELICE, José Luís. **História e história da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 1998

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da Educação Brasileira**: a organização escolar. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

ROMANELLI,O de O. **História da Educação no Brasil**. 13 ed.Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

SACRISTÁN, J.G.Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: Nóvoa, A. **Profissão Professor**. Porto: Ed. Porto, 1995.

SANTANA, D.B.Uma história do corpo. In: **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. Campinas, SP:Autores Associados,2007.

SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense**. Teresina: Cultura, 1964.

SANTOS, Ana Maria Ribeiro dos; NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira; NOGUEIRA, Lidya Tolstenko; MOURA, Maria Eliete Batista; VASCONCELOS, M.R. **Atuação da irmã**

de caridade Abrahide Alvarenga no Piauí: uma história a ser contada. Texto e contexto 2005: 14(4): 551-6.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico –crítica.** 9 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei.SANFELICE, José Luís (Org). **História e História da Educação.** 2 ed. Campinas, SP: Autores associados: HISTEDBR, 2000.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, B.N, BARREIRA,I.A. **O modelo de enfermagem do HSFA e o futuro desenvolvimento da enfermagem hospitalar na capital federal.** Relatório de bolsista de IC, 2001.

SILVA, Conceição de M. F. Tapety. Apresentação. **Memória piauiense:** Possidônio Queiroz. Teresina: Fundação Elias Tajra, p.9-13, abril, 1995.

SOARES, Norma Patrícia Lopes. **Escola Normal em Teresina (1864-2003):** reconstruindo uma memória da formação de professores. 1 ed. Teresina: Editora Unidas: 2008.

SOARES, C. **Pesquisas sobre o corpo:** ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores associados, 2007.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A memória e a escola.** Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Elisabeth; VALE, Eucléia; FERNANDES, Josicélia;SORDI, Mara Regina. **A trajetória dos cursos de graduação na área de saúde. 1991-2004.** Brasília, DF:INEP/MEC,2006

TITO FILHO, A. **Governos do Piauí:** capitania, província,estado. 2.ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

TOBIAS, José Antônio. **História da educação brasileira**. 3. ed. rev. São Paulo: IBRASA, 1986.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
_____. Ensino da leitura no método intuitivo: as palavras como unidade de compreensão e sentido. **Educar em revista**. Curitiba: UFPR, n. 18, p. 157-182, 2001.

VASCONCELOS, Antônio Cardoso. Carta do Cônego a Possidônio poucos meses antes de falecer. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. [S.l.: s.n], n. 10, p. 43-44, 1988.

VASCONCELOS, G. **Memórias no plural**. Fortaleza, CE :lcr, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves; GVIRTZ, Silvina. O Ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880-1940. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Bartira Gráfica e Editora S.A., n. 8, P. 13-30, maio, jun, jul, ago., 1998.

_____. Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os grupos escolares em foco. In: _____ (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2006.

VIEIRA, Maria Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha e KHOURY ,Yara Maria Aun. A pesquisa em História. São Paulo: Ática, 1989.

WALDOW, V.R. **O cuidado na saúde: as relações entre o eu, o outro e o cosmos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

WARDE, Mirian Jorge. Questões teóricas e de método: a história da educação nos marcos de uma história das disciplinas. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. 2. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2000.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2002.

B – ENTREVISTAS:

ALBUQUERQUE, Judite. **Depoimento oral**. Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Maio/2008

AVELINO, Francinete Paula Dantas. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Maio/ 2008

FIGUEIREDO, Livramento. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Junho /2008

FRANÇA, Ozirina Gracildes do Espírito Santo. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Julho /2008

MELO, Carlota Lina Cardoso. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Maio/ 2008

MENEZES, Deuzamar. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Maio/ 2008.

MIRANDA, Maria dos Aflitos. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Junho/2008

MOITA, Nair. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Maio/ 2008

NÉRY, Inez Sampaio. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Maio /2008

NOGUEIRA, Lídy Tolstenko . **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Junho/ 2008

NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva Maio/ 2008

RAMOS, Francisco Ferreira. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Agosto/2008

SANTOS, Ana Maria Ribeiro dos Santos. **Depoimento oral.** Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Junho/ 2008

SOUZA, Aldi Lima de. **Depoimento oral**. Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Agosto/ 2008

.

VILARINHO, Francisca. **Depoimento oral**. Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Julho/2008

URSULINO, Ana Maria. **Depoimento oral**. Entrevista concedida à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Julho de 2008